REVISTA DA SEMANA

N.º 31 — CR$ 2,00 EM TODO O BRASIL — 24-8-46

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Jockey Club Mundano

Estampamos nesta página alguns aspectos fotográficos do "meeting" turístico que assinalou a realização do "Sweepstake" de 1948. O "Grande Prêmio Brasil", alcançado por MIRO foi, como nos anos anteriores, disputadíssimo, concorrendo ao mesmo, um dos melhores grupos de animais nacionais e estrangeiros. Num dos flagrantes que aqui reproduzimos vemos o snr. Presidente da República e General Eisenhower, que se encontravam em visita a nossa capital, e o snr. João Borges Filho, Presidente do Jockey Club Brasileiro.

Ausência

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

DETEVE-SE à porta do quarto. Não era preciso abrí-la para sáber tudo quanto havia lá dentro. Conhecia móvel por móvel, canto por canto, ainda que lá não entrasse há muito tempo. Sabia que o quarto era verde e que havia uma jardineira na janela onde, antigamente, floresciam gerânios vermelhos. Agora, porém, ninguém mais cuidava das flôres e elas haviam murchado. Sabia, também, que havia uma estante de livros, um pequeno abat-jour de organdí, um relógio despertador e uma imagem de Sta. Terezinha em cima do criado-mudo.

Teve vontade de entrar mas sentiu o coração apertado. Não queria que o marido a visse de olhos vermelho à hora do almoço.

Êle também visitava o quarto há muito tempo e explicava: — Para quê, Angélica? Para quê abrir aquela porta e não encontrar ninguém? E' melhor continuar assim, fingindo que a gente esqueceu. Deixa o quarto fechado. Lá dentro só tem lembrança de morte e a gente precisa viver de qualquer geito. Não abre aquêle quarto, não, Angélica...

Mas, nêsse dia, ela precisava abrir a porta. Precisava. Era uma necessidade tão grande que não sabia explicar-lhe a razão. Talvez fosse o calor e a imobilidade assustadora daquêle dia, que faziam até pensar que o mundo estava parado. Sentia, isso sim, sentia que precisava entrar outra vez naquêle quarto abandonado e olhar tudo de novo, móvel por móvel, canto por canto.

Moveu o trinco, penetrou no quarto e, tateando até a janela, abriu as venezianas. O sol entrou e foi direitinho em cima da cama. Ainda a mesma colcha de filó, as mesmas cortinas, os mesmos livros e enfeites: os frascos de perfume, o espêlho, os porta-jóias, os vasos. Sta. Terezinha olhava de cima do criado-mudo. Coitada de Sta. Terezinha! Na certa estava achando falta das flôres de seu vaso. Na verdade, havia muita cousa faltando no quarto...

Angélica teve vontade de atirar-se na cama, fechar os olhos e não acordar mais, pelo menos até que alguma cousa saísse daquela imobilidade angustiante. Mas, a cama estava tão bem arrumada... Tudo estava tão bem arrumado...

Ela apoiou a vassoura numa parede e passou o avental pelo rosto, fingindo para si mesma que enxugava apenas suor.

Depois, encaminhou-se para a estante e examinou todos os livros, um a um.

Todos êles estavam anotados marginalmente, numa letra rebelde e decidida. Santo Deus! Por quê tantas recordações

(Continua na pág. 57)

CONTO DE
ILKA BRUNILDA LAURITO
Classificado no Concurso Permanente de Contos da "Revista"
ILUSTRAÇÃO DE
ORLANDO MATTOS

Foi para nunca se esquecer. Foi para que todos compreendam o preço da nossa liberdade. A morte de Mário Carrello foi uma perda pessoal. Não devemos esquecê-la nem lastimá-la, e muito menos adormecer as mágoas profundas que nos ficaram pela sua morte nas Grandes Guerras. Na Conferência da Paz e etc., mesmo no Brasil, onde nunca brasileiros enfrentaram batalhas, é que nunca teremos esquecido as memórias dos 31 companheiros de sacrifício pela Pátria crescerem ter recordados permanentemente. Não foi para lembrar os detalhes da sua chacina, que nunca mais se derramaram em terra estranha.

E' PRECISO LEMBRAR!

CELESTINO SILVEIRA

Não faz muito tempo mesmo. Foi ontem ou anteontem. Os detalhes do quarto ainda estão resumidos, misturando-se muito perto o mundo do sonho do Maravilhoso, mas os perigos eram muito imensos — e dêles participou o Brasil. Nossas tropas atingiram, sozinhas, as vias-mãe do Rio, de São Paulo, do extremo Norte dos Lagos do Sul. Lá estavam também, enfrentando os riscos de um inimigo covarde. Vejo a cena, vejo a emboscada de Mário Carrello e muitos dos nossos já também sepultados. Primeiro, mesmo antes a cena. Depois, mandamos para aquele sertão de Pistoia onde muito se encontram êsses corpos quando da nossa guerra. Quando os grandes terra e Europa o sangue brasileiro, surgiram se negou o cumprimento dêsse dever cívico, e muitos se apresentaram antes de serem convocados. E outros só não partiram porque não os deixaram. Mas o dever brasileiro lá estava não o deixaram, animados por uma revolução que nunca morreu, e sim de perto relembrando com os ouvidos dêsse imortal Guerrilheiro que nunca um dos deveres nos ensina. E que foi o primeiro a reconhecer a coragem dos 'pracinhas', dessas mínimas aparecendo-se regulares sem nada especializar nos homens de ser e nunca esvaziando o sangue que derramaram precisamente nos campos da Itália. Foi a Liberdade dêles também com a morte da nossa gente. Devemos que não deve ser esquecido quando se realiza a Conferência da Paz. E quando o próprio Hitler é o primeiro a dizer suas exigências muito dignas sim, mas que nós como derramaram, lembrar-se de quem tanto ajudou a Liberdade.

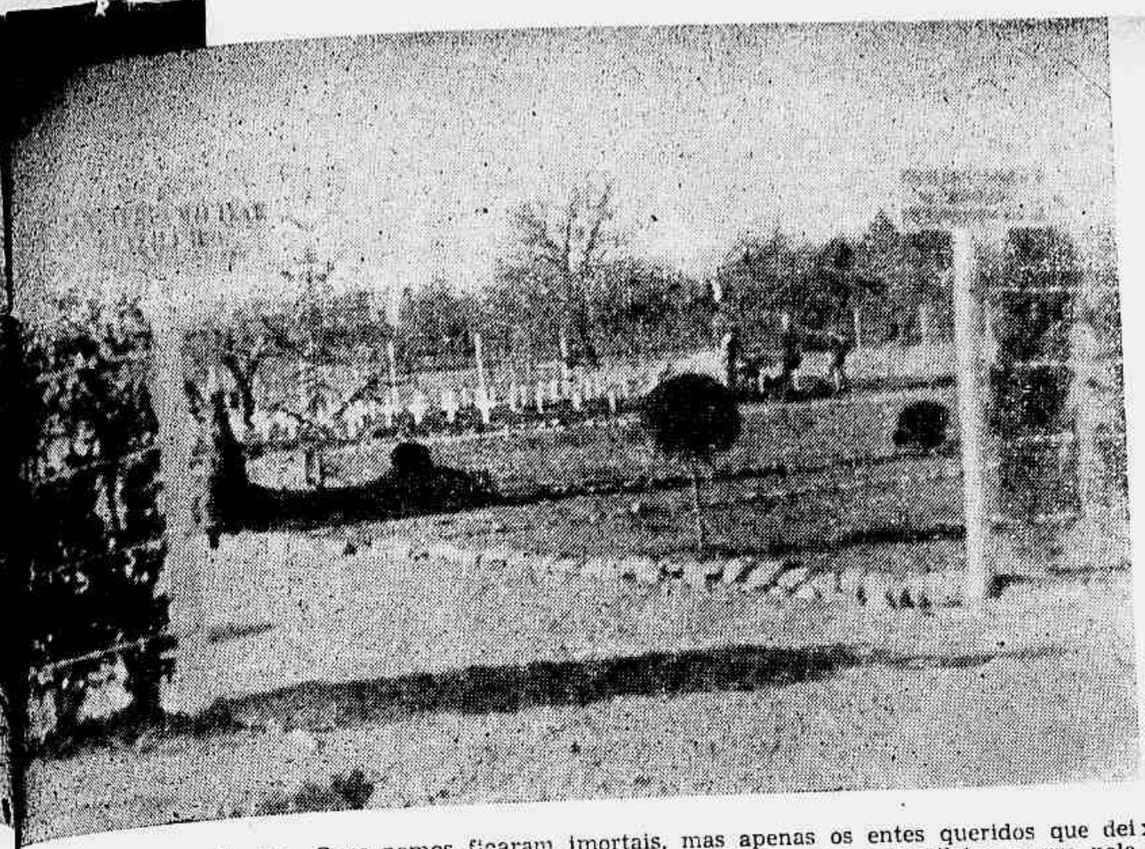
★

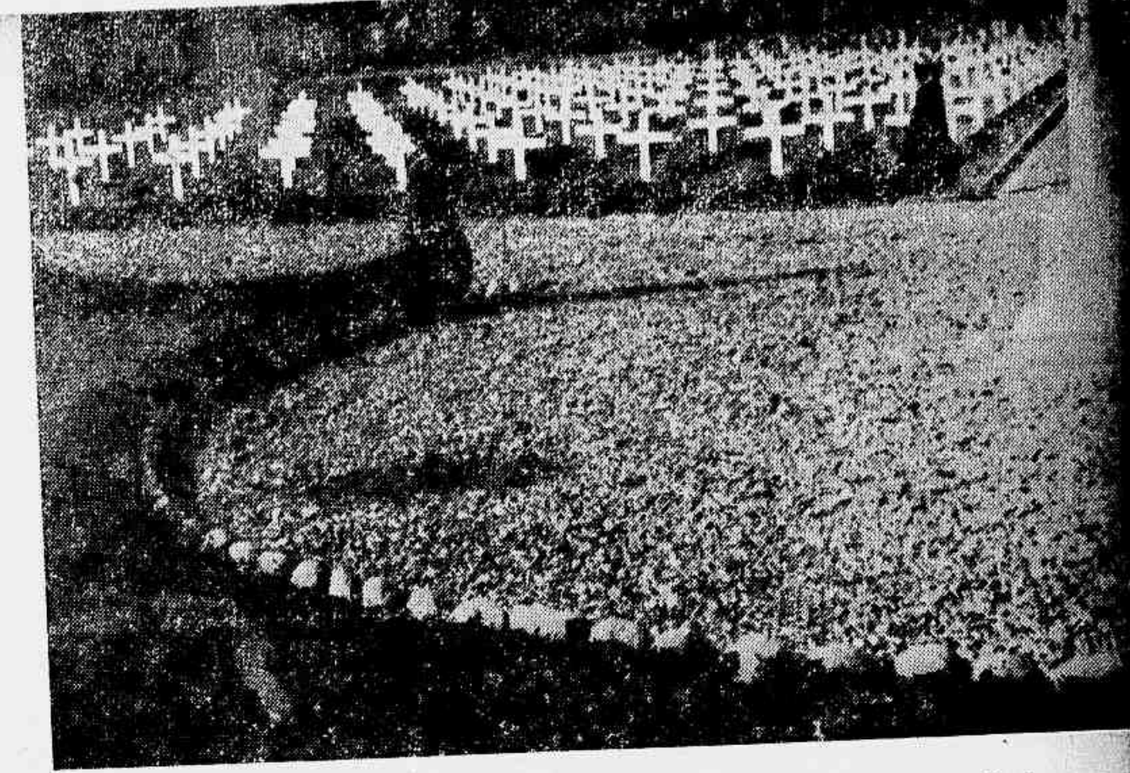
Sim, é preciso lembrar. Parece que se está pensando muito muito pouco e há particularmente são chamados de aventureiros sonhadores. Quando nos lembramos dos campos, um Hitler nos de conferências duras e duvidosas, porque está a guerra e que enfrentamos, nós suportamos com dignidade exclusiva e uma dúvida pelo que do brasileiro nesse período atroz.

Mas a guerra acabou. O primeiro ano de 'cinza-guerra' foi muito longe dos olhares mais acontecidos sobre. Esperávamos — pelo que nos tocou — uma compensação de nossa de guerra, moral e material, aquele sofrimento e tudo pelo. Onde a tranquilidade de espírito com que nos encontramos onde de nos olhares onde o predomínio de uma vida era sem renúncias cansadas, sem nenhum pensar mais de outros outros? Onde os sonhos de bôa vontade estimulados por um um dos que nos sofreu uma pergunta pensa de compensação?

Não devemos concluir porque que uma pretensão bélica a pulsar outra revolução. É preciso de recordar o que nos ensina e nos ensina que nos ensinou a nos 'nós' — 'Vencemos vencido em guerra' — disse-lo então.

Não a verdade. Onde um de nós inconstitucionalmente nos nos nos. Não se nos aproximamos no mundo de sonhos nunca e na realidade nos sonhos que aconteceu e não aconteceu. Devemos no sentido mais de





Estes não voltaram. Seus nomes ficaram imortais, mas apenas os entes queridos que deixaram nêste mundo, continuando o ciclo de sofrimento, os recordam de lagrimas nos olhos. O cemiterio de Pistoia é outro documento eloquente. Prova que o brasileiro morre pela Patria. Esta Patria que não deve servir de instrumento para explorações, cavações e toda a sorte de torpêzas. O Brasil foi á guerra para ter dias de paz e de compensação, e não para que seus filhos continuassem assistindo aos mesmos quadros melancolicos de antes da luta. Os mortos não devem ser esquecidos, é preciso lembrar o seu supremo sacrificio.

paz, ainda êsse quadro tão bem esboçado então, está longe, muito longe de se converter em realidade.

Ninguem mais se lembra — tão depressa esqueceram! — os dias de apreensão porque passavamos nós todos, com as turmas expedicionárias cruzando os mares, rumo ás escarpadas da Itália. Ninguem mais se lembra daquêles que tombaram, do luto das famílias aqui á distancia, e dos dias luminosos em que pelas nossas avenidas desfilaram os brasileiros de volta. Faz tão pouco tempo! Um ano, um ano e dias...

★

E o que estamos vendo? Tudo isso esquecido, como si nada tivesse acontecido. E os homens, aguçados pelos instintos do mando, da conquista, da perseguição, continuando a sua jornada ingloria, como si Hitler ainda fosse vivo e pudesse algum dia dominar-nos... A ambição, a calunia, a prepotência por toda a parte. E um abandono total pelo nosso povo, que aí está cada vêz mais á mingua, enquanto outros têm tudo — e êle nada, absolutamente nada tem. A fome batendo-nos á porta, o suplicio das filas elevado ao maximo — ah, as filas, as filas, que homem poderá algum dia acabar com elas, senhores! — o racionamento, o "mercado negro", a exploração tôrpe dos desamparados, o envenenamento coletivo da nossa gente,

(Continua na pág. 53)

Êles desfilaram pelas ruas do Brasil, êles pisaram novamente o sólo da patria, êles fôram recebidos pelo povo de braços abertos, em explosões incontidas de entusiasmo. Êles traziam na retina os quadros barbaros que lhes fôra dado assistir. A cidade abriu alas para o desfile das Forças Armadas Brasileiras, e pelos Estados se reproduziu o espetaculo maravilhoso que estas gravuras recordam. Não ficamos neutros, não nos acomodamos em neutralidades comodistas, mas tivemos navios torpedeados, soldados, marinheiros e aviadores trucidados pela barbárie nazi-fascista. Êles morreram para que houvesse um "após-guerra" honroso. E' preciso lembrar, cada dia lembrar mais...

A SEMANA EM REVISTA

OS FALSOS GRANFINOS

Afim de aliviar o problema de fluxi e refluxo da população dos bairros para a cidade e vice-versa, foi permitido aos automóveis particulares fazerem o serviço de lotação, mesmo sem satisfazer as obrigações que pesam sôbre os profissionais do volante.

A medida foi bem aceita a princípio, não prejudicando os chauffeurs de praça, porque os particulares só faziam o "biscate" pela manhã e à tarde, justamente nas horas de maior movimento, quando os transportes coletivos e os "taxis" são insuficientes para as necessidades.

Entretanto, os particulares acharam a cousa bem agradável como fonte de receita auxiliar e passaram a fazer duas três viagens e pela manhã e outras tantas à noite, embora sacrificando um pouco os seus negócios no escritório. Depois, alguns deixaram o emprego e passaram a viver do "biscate"... Outros compraram automóveis e abandonaram por completo as suas atividades para se dedicar somente ao serviço de transporte de passageiros.

Mas nêsse ponto, os profissionais gritaram. E fizeram muito bem. Pois para êles tudo sai mais caro, dêsde a licença até o imposto que os outros não pagam, é claro. Até nos domingos e feriados, os automóveis particulares passeavam de Copacabana à Tijuca "incidentalmente" fazendo lotação, a cinco por cabeça.

Donde veio êsse furor de colaborar para resolver o problema do tráfego? Da vontade de ajudar às autoridades e ao povo? Qual, nada. Há algum tempo, um vespertino levantou uma campanha para que os particulares dessem um lugar no seu carro aos pacientes das filas intermináveis. Meia dúzia atendeu ao apêlo. E milhares passavam dentro de sua confortável limousine, soltando baforadas do charutos gostosos sem ligar para ninguém.

No entanto, como o serviço agora é feito com a autorização para cobrar cinco cruzeiros por cabeça, todos se apressam em "servir" ao povo, empenhando-se em verdadeira corrida com os profissionais. Não está direito. Se querem viver disso, tirem uma licença, paguem os impostos e se submetam às demais imposições que afetam a classe.

Mas essa história de ser generoso fazendo de um "biscate" um meio de concorrência desleal é que é feio. Não recomenda bem os capitalistas...

Falsos grafinos...

O CAMBIO NEGRO E OS DETETIVES DE SAIA

Não há atitude mais retrógrada hoje do que a dos homens que pretendem negar às mulheres o direito de participar ativamente dos acontecimentos, ajudando-o a carregar o pesado fardo da existência não só nas obrigações caseiras mas nos domínios da política, da vida econômica e da ciência.

Quando os parlamentos como o da França contam com a colaboração dessa vibrante Marie-Claude que ora nos visita; quando a Federação Internacional das Mulheres, reunida em Paris, oferece sua contribuição valiosa à solução dos grandes problemas das Nações Unidas, e depois que as americanas e as russas estiveram em todas as frentes, arcando com as missões mais perigosas de que participava pretensioso o seu companheiro, na guerra cruenta que terminou há um ano, — depois de todas essas brilhantes conquistas arrancadas a sangue e suor do seu destino, é com regosijo que vemos as caluniadas FILHAS DE EVA, (como as chama Berilo Neves) serem convidadas a participar da reconstrução do mundo de após guerra que elas ajudaram a livrar da destruição total.

O câmbio negro, que é a transferência do conflito armado para a vida dimés-tica de cada país, avança como lôbo faminto sôbre os recursos do povo. Esgotando-o até a exaustão. Como não bastasse êsse flagelo, os falsificadores concorrem com a sua tarefa criminosa de envenenadores para criar condições intoleráveis à vida dos herois da guerra que somos nós todos, com exceção dos homens dos lucros extraordinários e demais aproveitadores da anormalidade.

E agora, cansado de fracassar, o homem convida a sua companheira para ajudá-lo na tarefa de prender e punir os exploradores da miséria.

É o que nos diz uma notícia segundo a qual a Delegacia de Economia Popular está planejando a criação de um corpo de mulheres detetives, confiando em que a colaboração feminina será de grande valia. Os armazens, as lojas de fazendas, armarinhos, perfumarias e outros estabelecimentos terão agora a fiscalização de uma gentil e arguta detetive.

Vai ser um acontecimento sensacional. Não fica um patife em liberdade, porque em geral os magnatas dessas especulações, com a bolsa cheia, são inclinados ao donjuanismo. E vão caír como um patinho justamente nas graças de uma dessas pequenas provocantes que na primeira esquina os entregarão ao guarda-civil.

Um diálogo possível.

O NAMORADO: — Quem era aquêle tipo com quem você ía ontem na avenida?

A NAMORADA: — Câmbio negro, meu filho. Câmbio negro...

MORREU O PROFETA WELLS

A semana que findou trouxe-nos desagradáveis notícias. Dentro do país, além de novos atos de terrorismo dos bandidos da Shindo Remmey, a suspensão da circulação de um jornal, acontecimento grave para a nossa democracia convalescente. Na esfera internacional, a morte de H. G. Wells repercutiu dolorosamente.

O desaparecimento do renomado escritor, cujas edições se contavam por centenas de milhares de volumes significa uma perda sensível para o pensamento e para as letras.

Ao lado do grande romancista, êle era o confidente do futuro para a curiosidade dos leitores ávidos das páginas imaginosas de que Júlio Verne não teve outro sucessor mais digno. Era o homem típicamente identificado com o século, correndo adiante do tempo, precedendo os seus desfechos as conclusões dos laboratórios e dos Arsenais, mergulhando a fundo nas pesquisas sôbre o destino do mundo para expor ao público as suas idéias de profeta.

Antevisor da segunda grande guerra, como o fora da primeira, previu também as maravilhosas descobertas no campo da utilização da energia atômica, como antes anunciara a guerra de posições e o "tank". Uma observação superficial sobre o seu livro "Daqui a cem anos" pode levar o leitor a pensar que se trate de mera recreação de um espírito imaginoso e fecundo em assustar a humanidade. Mas o que se descobre, lendo-o com mais atenção é a agudeza de um observador arguto do desenvolvimento da civilização que êle não condenava.

Wells era francamente o homem das conquistas da ciência, enamorado da simplificação da vida material à força do aperfeiçoamento de mecanismos e como tal colocando-se em posição oposta à de Alex Carrel e de Bernard Shaw que o considerava um grande malcriado.

Os seus livros estão espalhados pelo mundo inteiro, alguns com tiragens espetaculares como a HISTÓRIA UNIVERSAL, obra sem pretensões à profundeza da interpretação dos fatos, mais de divulgação do que de ciência mas sem ficar na superficialidade das noções de almanaque que invalidam muitos grossos compêndios.

Todavia, a pedra de toque do grande escritor foi a sua extraordinária capacidade de projetar-se adiante dos acontecimentos, andando mais depressa do que o rádio, porque suas antenas eram a do pensamento, sua força receptiva era a da imaginação.

Com êle, morreu o grande profeta do século XX.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 34 :=: 24=8=46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1939.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 90,00; Seis meses — Cr$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr$ 110,00; Seis meses — Cr$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 200,00; Seis meses — Cr$ 100,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr$ 2,00 no Interior; atrasado Cr$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

SUMARIO

LITERATURA

Ausência (Ilka Brunilda Laurito) 3
Os Três Rembrandts (Georges Simenon) 15
O Visconde de Camaragibe (Escragnolle Doria) 22
Uma partida de bridge (J. Kessel) 23
Livros Novos 51

REPORTAGENS

A Igreja Catholica Brasileira 8/14
Mélisande, dôce Mélisande... 19
A Cesar o que é de Cesar 42/45

SECÇÕES

A Semana em Revista 6
A REVISTA em Hollywood 16/17
Rádio — C. 21
Nos Bastidores Femininos (Kitty) 27
Cinema 41

FEMININAS

Vestidos Primaveris 28/29
De Adrian para Joan Crawford 30/31
Para as festas da Primavera 32/33
Noivas da Primavera 34/35
A elegancia começa dentro de casa 36/37
Para os dias quentes da Primavera 38
Penteados 39
Para a tarde 40

ATUALIDADES

É preciso recordar 4/5
A morte de H. G. Wells 18

CURIOSIDADES

Cem obras primas da França contemporânea 24/25

HUMORISMO

De bom Humor 26
A Paz... Ciência (Raul) 56

NOSSA CAPA

Uma genuina manifestação de Primavéra, traduz-se na figura que hoje estampamos na capa: Vera Ellen, da RKO, que tem assim a missão nada desagradavel de preparar ambiente para o grande desfile de modas destinadas á estação mais bela do ano, que agora se anuncia. Sem dúvida a Primavéra está ainda distante algumas semanas, mas exatamente agora é que as nossas leitoras mais se interessam pelos figurinos que lhe dizem respeito, cuidando da renovação de seu guarda-roupa. Seja a Primevéra de 1946 um convite generoso e poético á pratica do belo em todas as suas modalidades, e saibam-na realisar os homens de bôa vontade... Amen...

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esfôrço, até dôres e pêso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do figado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes paises.

Use **Ventre-Livre**

OS GRANDES CONCURSOS LITERARIOS DA "REVISTA DA SEMANA"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados á 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, êsses originais não devem ir alem de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (dôze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.

★

De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessôas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuidas entre êsses srs.: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Jorací Camargo (S.B.A.T.) Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR$ 10.000,00 (déz mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginastico Portugues.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

O BIS
que u

A

Trê
qua
tug
é t
crit

O BISPO FALA A UM DOS SEUS FIEIS — Estávamos falando com D. Carlos Duarte quando o telefone tocou. S. Revdma. pensou tratar-se de mais um dos muitos aborrecimento que lhe tem causado a intolerância de pessôas que não compreendem a liberdade de culto. Mas desta vez, não. Quem queria falar era um dos seguidores da Igreja Católica Brasileira, o conhecido "speaker" Urbano Lois, que há poucos dias se casou, sendo celebrante o não menos conhecido Bispo de Maura. A conversa era de amigos: Uma dúvida espiritual a resolver.

A Igreja Catolica Brasileira

Três horas de conversa com o Bispo de Maura — Um menino de batina branca em Goiaz, quarenta anos depois afronta a excomunhão do Papa e funda uma igreja — Missa em português para o povo entender — A favor do divórcio e contra o celibato eclesiástico — o Papa é únicamente o Bispo de Roma — Necessário o arquivamento de três encíclicas — "H' pócritas, por que viveis enganando a humanidade?" — "É melhor se casar do que arder" — Em Cabo Frio, 80% da população são adeptos da Igreja Brasileira

Reportagem de ADHEMAR NOBREGA

Não havia campainha no portão, nem ouviram lá de dentro as nossas palmas. Entrámos e atravessámos o pequeno jardim que separa o gradil de ferro da porta de entrada da casa n.º 20 na rua Oto Alencar. Duas ou três batidas e viram-nos atender. E em poucos minutos estávamos diante de D. Carlos Duarte Costa, ex-vigário geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro, ex-Bispo de Botucatú e de Maura, posteriormente excomungado pelo Papa e atualmente Bispo do Rio de Janeiro. Mais do que isso, estávamos em frente ao fundador da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Na sala da frente, a capela modesta, onde se destaca a imagem de N. S. Menina, um quadro do Bom Pastor, de Margarida Aguirre e um ou outro móvel discretamente disposto, sem intenção nem efeito de impressionar a quem quer que seja. E nada de suntuário.

Á direita, um corredor por onde passamos para uma dependência que serve de sala. Foi aí que conversamos com êsse homem mas não ingênuo e polular sem ser vulgar que é D. Duarte Costa.

Da intenção da nossa visita êle já estava ciente através de uma verdadeira ofensiva telefônica ao fim da qual conseguimos marcar uma entrevista com o famoso prelado. Não que êle fosse um homem difícil, no sentido de inabordável, mas, como viemos saber no decorrer da nossa conversa, porque tem sido alvo de insultos e ataques pessoais por parte de pessôas que não compreendem a liberdade de culto e se empenham a fundo em criar-lhe problemas e dificuldades.

UM MENINO DE BATINA BRANCA

E o fundador da Igreja Brasileira vai falando com a simplicidade que lhe é peculiar, abordando aspectos diversos da sua vida, desde a infância até o sacerdócio e o bispado, entrando aí nas lutas com a Santa Sé, originadas da sua discordância manifesta diante de certos procedimentos da Igreja Romana.

Nascido no Rio de Janeiro, a 21 de julho de 1888, numa casa da rua André Cavalcanti, foram seus pais João da Mata Francisco da Costa e Maria Carlota Duarte Silva Costa, (nomes bem compridos, bom ao gosto da época), ambos de Santa Catarina, de onde procede, aliás, toda a sua família.

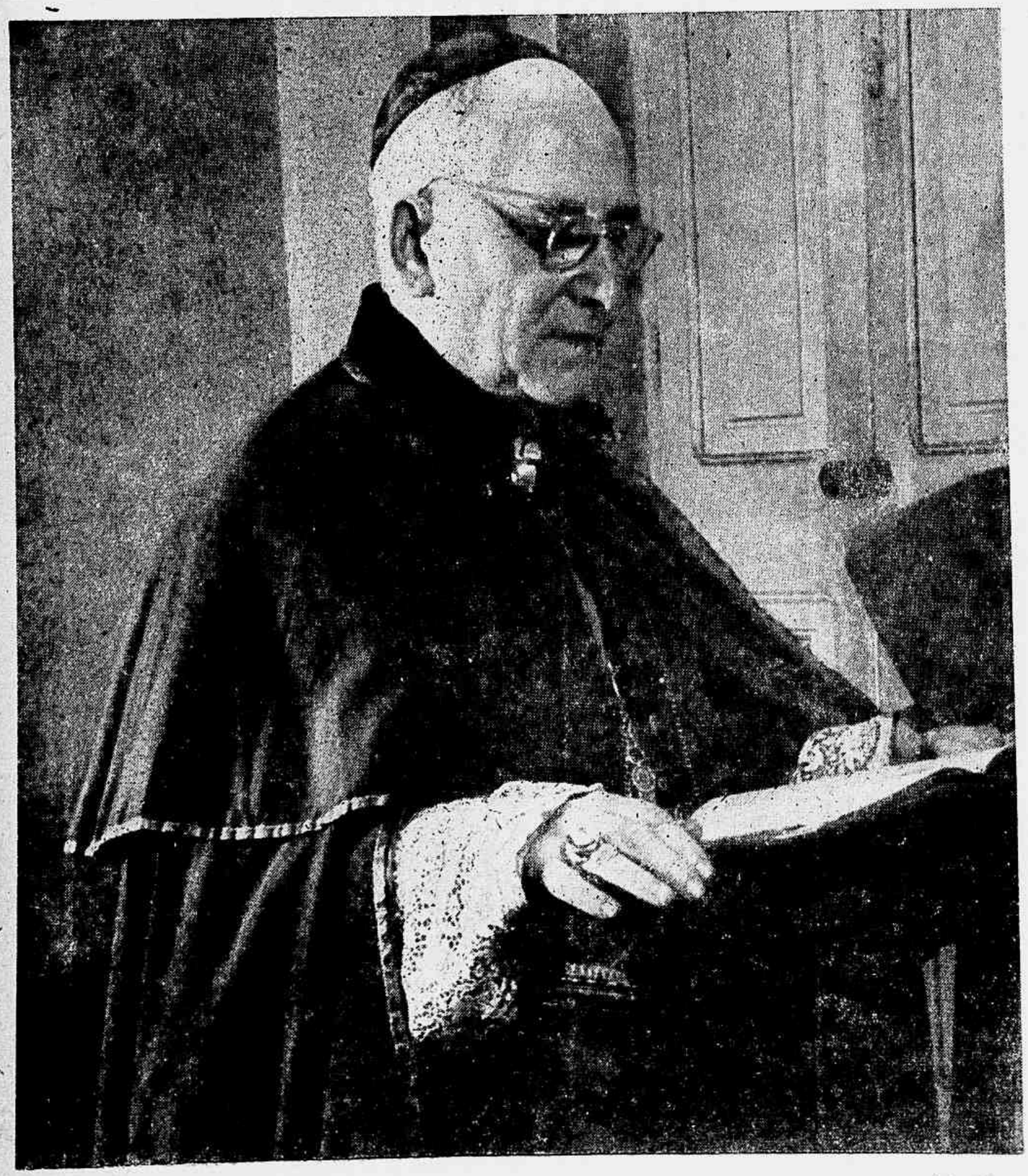
— Perdi meu pai aos 4 anos de idade — continua D. Carlos, e o meu tio D. Eduardo Duarte Silva que havia sido sagrado em Roma bispo de Goiaz, me levou para sua companhia. Na capital dêsse Estado, graças ao prestígio do meu tio, frequentava e era bem recebido nas casas de família.

Pouco tempo depois que estávamos lá, êle me deu uma batina branca. Creio que contava com isso contribuir para o surgimento da minha inclinação para o sacerdócio. Não sei se isto realmente deu resultado mas o fato é que foi com alegria que me iniciei, depois, nos estudos eclesiásticos e depois de ordenado, procurei dedicar-me na medida de minhas modestas possibilidades ao serviço de Deus.

NOSSA SENHORA APARECIDA — As mãos do Bispo de Cabo Frio. Como sabe o leitor, é a padroeira do Brasil comprimem com fervor, enquanto êle reza diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida que será levada para Não pode deixar de figurar no altar de um templo da Igreja Brasileira.

O REFORMADOR TEM CONFIANÇA NO FUTURO — Criada há pouco tempo, embora, a Igreja Católica Brasileira conta, já, com um grande número de adeptos, segundo nos informou D. Carlos Duarte. Na página ao lado, vê-se um expressivo "close-up" da cabeça do reformador que exprime a sua confiança no futuro.

UM QUADRO DE PREDILEÇÃO — D. Carlos Duarte tem acentuada predileção por êste quadro que se vê na sala da frente de sua humilde residência na rua Oto Alencar, sala que serve também de capela. Representa o bom pastor apascentando as suas ovelhas. Talvez por isso se revista de significação especial para o prelado, como símbolo de seu amor à humanidade. O trabalho é da pintora Margarida Torre Aguirre, irmã do ex-presidente da Espanha Republicana.



EXPULSO DE GOIAZ

Mas não ficámos por muito tempo. A interferência do meu tio nos assuntos da política estadual — era o tempo de Leopoldo Bulhões — valeu a sua expulsão de Goiaz, juntamente com o seminário, vindo para Uberaba onde criou mais tarde a diocese de que foi o primeiro bispo.

NA CIDADE DOS PAPAS

Em 1898, eu com 10 anos, meu tio levou-me para Roma, onde fui matriculado no Colégio Latino-Americano.

— Já eram estudos eclesiásticos?

— Uma preparação. Êsse Colégio foi criado pelo Papa Pio IX para dar oportunidade a que futuros padres, vindos de todos os países latinos, criassem admiração e respeito pelo Sumo Pontífice, através do magnitude dos cerimoniais que lhes era dado presenciar.

Aí estudei humanidades e filosofia. Adoecendo, voltei para o Brasil, indo residir com o meu tia em Uberaba, onde terminei, com êle, os meus estudos eclesiásticos, ordenando-se a primeiro de abril de 1911. Eu fui um padre de mentira — comenta gracejando...

DE COADJUTOR DA IGREJA DE SANTA RITA A VIGARIO GERAL DO RIO DE JANEIRO

Por motivos de saúde, tive que saír de Uberaba, vindo para o Rio de Janeiro.

Aqui, o Cardial Arcoverde nomeou-me coadjutor da Igreja de Santa Rita, depois da Glória e da Catedral Metropolitana.

Promovido posteriormente a cônego, fui, depois, vigário da igreja da Luz, no Rocha, e em 1916 secretário do Arcebispo. Em 1923 fui nomeado Vigário Geral da Arquidiocese e a 8 de dezembro do ano seguinte sagrado Bispo de Botucatu, tomando posse a 2 de fevereiro de 1925.

Estive 13 anos como bispo, renunciando em 1937 quando veio novamente para o Rio, depois de desentendimentos com a Santa Sé.

— Mas o sr. não é ou era Bispo de Maura?

— O Bispado de Maura práticamente não existe mais. E' um título honorífico. Trata-se da capital da Cesaréa da Mauritânia, na Palestina. Foi uma das cidades onde os apóstolos de Jesus fundaram os alicerces da Igreja. Depois, Maura ficou apenas com a significação histórica de teatro das primeiras lutas contra o paganismo e o respectivo bispado conferido aos bispos renunciantes.

DIANTE DA IMAGEM DE N. S. APARECIDA — De joelhos e com as vestes prelaticias, D. Carlos Duarte reza aos pés da imagem de N. S. Aparecida. Êle conservou, da Igreja Romana, o ritual e as vestimentas. Acha que isso não constitui o essencial que é a fé, a sinceridade, o amor do próximo e a submissão a Deus, não aos homens.

Aí está enunciada em linhas gerais a vida de D. Carlos Duarte Costa. Até agora, o sacerdote, o prelado. Vamos ao reformador.

IGREJA DE CARÁTER NACIONAL

— Em que consiste, pròpriamente, a reforma que o sr. fez, criando a Igreja Brasileira? Por que não Igreja Católica Apostólica Romana?

— A Igreja Brasileira é de caráter nacional, sendo seus chefes todos brasileiros, residentes no Brasil. Não é sustentada por capital estrangeiro nem envia fortunas para o Vaticano, enquanto brasileiros passam fome e necessidades, por absoluta falta de recursos.

MISSA EM PORTUGUÊS PARA O POVO ENTENDER

Além disso, todos atos religiosos, inclusive a santa missa, são rezados em português e não em latim, língua morta e que o povo não entende. Procedemos assim para que o povo participe da liturgia e entenda o que o padre diz no altar. Pois a missa não deve constituir segredo.

— E o sr. não considera a força da tradição que é a submissão ao Papa?

— Qual tradição, qual nada! Tradição, isto sim, é a autonomia das Igrejas Nacionais.

O PAPA É SIMPLESMENTE O BISPO DE ROMA

O Papa é simplesmente o Bispo de Roma — continua D. Duarte — como eu fui Bispo de Botucatú e posteriormente Bispo titular de Maura e, agora, por vontade popular, sou Bispo do Rio de Janeiro.

— Mas e o Sumo Pontifício?

— Não existem na história vestígios de decretos pontifícios pròpriamente dogmáticos, nos primeiros quatro séculos da Igreja. Até a disputa de Paulo de Samosata sôbre Cristo, que teve lugar na igreja oriental provocando muitos e grandes sínodos, nela não teve participação alguma o Bispo de Roma.

— Por que o sr. não se refere ao Papa, empregrando o termo pelo qual nós o conhecemos?

— Digo Bispo de Roma e não Papa porque êste nome Papa quer dizer Pai, por decreto de Gregório VII no sínodo romano de 1073. Êle, Gregório VII, se arrogou a si, com direito de exclusividade, êsse título, quando na Igreja Grega, até os simples sacerdotes eram Papas considerados pelos fiéis pais espirituais.

De Gregório VII em diante é que os Papas se consideram pais comuns da cristandade.

Lembre-se o meu irmão no episcopado, Eugenio Pacelli, que a primeira manifestação coletiva na Igreja Cristã deu-se em Jerusalém, sendo presidida por Tiago, Bispo de Jerusalém, e não por Pedro, apelidado príncipe dos apóstolos, pela Igreja Romana. As epístolas de São Paulo testemunham que êsse principado nunca existiu entre os primeiros cristãos.

Aliás, até o século IV a Igreja considerada mãe de todas as Igrejas, assim denominada, era a de Jerusalém.

Nos primeiros séculos do cristianismo, pois não havia essa vasssalagem ao Bispo de Roma. Apelo para o testemunho de Tertuliano, quando diz: "As nossas numerosas Igrejas reputam-se todas a mesma Igreja, a primeira de todas fundada pelos Apóstolos e mãe de todas as demais. São todas apostólicas e juntas não vêm a ser mais do que uma só, pela comunicação da Paz, pelo mútuo tratamento de irmãos, pelos vínculos de hospitalidade que unem todos os fiéis."

VERDADEIRA DEMOCRACIA RELIGIOSA

Os leigos e sacerdotes elegiam seus bispos, sacerdotes e diáconos, perdurando êsse sistema até o século XII, na Igreja gaulesa. Os fiéis participavam, não só da eleição como também tomavam parte nas assembléias dos concílios, em verdadeira democracia religiosa.

Na eleição do sucessor de São Tiago, primeiro bispo de Jerusalém, tomaram parte os apóstolos, os discípulos e parentes do Salvador, ainda vivos, sendo escolhidos Semeão, como nos testifica Euzébio, no seu Liv. III capítulo II.

No fim do primeiro século, São Clemente atesta que êsse modo de proceder era tido e conservado como preceito e, mais tarde, os padres de Nicéia qualificam o procedimento como de uso ininterrupto.

Depois de citar outros exemplos em favor da autonomia eclesiástica em face relação a Roma, D. Carlos acentua:

— Como se vê o governo da Igreja sempre esteve, nos [illegible] s, na união do episcopado, não nas mãos do Bispo de Roma.

Assim, não reconheço como válida, absolutamente, a sentença papal me excomungando. E segundo o que acabo de expor, sou mais Bispo do Rio de Janeiro, por ter sido eleito por aclamação popular, do que Eugenio Pacelli Bispo de Roma, êle escolhido por uma assembléia de Cardiais italianos.

NA CAPELA DA RUA OTO ALENCAR — Aqui está, com a sua fisionomia sempre serena e sua cativante simpatia, o ex-Bispo de Botucatu e ex-Vigário Geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Hoje é um reformador, como o foram Lutero e Calvino, como êles alvo de calúnias e insultos. Mas o Bispo de Maura confia nas reservas de compreensão do espírito humano.

MAIS DO QUE A VONTADE DOS HOMENS — que se lançam uns contra outros, na ânsia selvagem de se entre-devorar, a fé ardente que flameja no coração dos bons e dos justos há de prevalecer. Assim pensa o Bispo D. Carlos Duarte, quando os seus lábios balbuciam uma prece a N. S. Aparecida.

"AI DE VÓS, ESCRIBAS E FARISEUS, QUE FECHAIS AOS HOMENS O REINO DOS CÉUS".

Ficámos nos lembrando do terror que nos causava, na infância, a palavra **excomunhão**, quando a nossa formação católica incipiente era alicerçada no terror do inferno, ilustrado e lembrado dia a dia, por um enorme catecismo cheio de gravuras, as mais terríveis, — lembramo-nos bem — a das sete portas do inferno. O medo passou, mas a impressão acabrunhante daquelas torturas ficou na memória. Tivemos intenção de comunicar ao Bispo a reminiscência, mas êle nos interrompeu.

— O presente século, — esta é que é a verdade, — não acredita em excumunhão, arma política da Idade Média, quando o Bispo de Roma, esquecido da "carta magna" evangélica que é o sermão da montanha, vomitava seu ódio contra imperadores e reis que não se submetiam à vontade de quem fizera da cruz, arma para banhar em sangue a humanidade, incorrendo na maldição de Cristo que assim falou:

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que fechais aos homens o reino dos céus: nem vós entrais nem deixais que os outros".

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que, a pretexto de recitar longas orações, devorais as casas das viuvas. O vosso julgamento será, por isso, mais rigoroso".

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que tendes o cuidado de pagar o dízimo por uma folha de hortelã, de endro e de cominho, e deixais ao abandono as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia, a bôa fé. Deveis praticar uma sem omitir as outras. Guias cegos, que coais a vossa água para não engolir um mosquito e devorais um camelo".

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que limpais o exterior do corpo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e impureza".

Que contraste entre essas invectivas veementes de Nosso Senhor e a sua atitude com relação aos grandes pecadores: a Samaritana, Madalena, a mulher adúltera, às quais perdôa sem uma palavra de censura; e com o bom ladrão, a quem promete o céu.

UM TELEGRAMA E OUTROS MOTIVOS PARA A EXCOMUNHÃO

A seguir, D. Carlos Duarte recorda os motivos que provocaram a sua excomunhão.

— Em 17 de setembro de 1942, passei o seguinte telegrama ao Presidente da República:

"No momento em que V. Excia. decreta mobilização, venho trazer-lhe meu abraço de irrestrita solidariedade, pondo-me inteiramente dispor Nação. Com mobilização geral, chamando às armas todos os brasileiros, defesa Pátria, lembro ser necessária outra mobilização — a espiritual — para que não suceda ao Brasil o que se passou com França, devendo ser retirados suas dioceses, prelazias, paróquias, conventos, colégios, bispos, prelados, padres, frades, freiras, estrangeiros e nacionais, partidários nazi-fascismo-falangismo".

Fui excomungado porque prefaciei o livro "O poder soviético", do Deão de Canterbury, livro que retrata com fidelidade a Rússia talqualmente existe.

Fui excomungado porque denunciei de "Hispanidad" o episcopado brasileiro, unido ao episcopado das demais nações americanas, do norte, do centro e do sul, preocupado com a situação da igreja fascista no após guerra. A organização constava de um Comité, conjunto dos partidos fascistas de Portugal e de Espanha, com apoio governamental de Lisboa e de Madrid. Raimundo Fernandez Cuesta, embaixador da Espanha no Brasil, era o chefe. Do Rio de Janeiro, Cuesta dirigia todas as atividades da falange na América do Sul. Com os seus cinco secretários, amparados por passaportes diplomáticos, Cuesta comunicava-se com toda a América, organizando o movimento que deveria finalizar com o Império Ibérico, unidos os ditadores Salazar e Franco, para devorarem as nações americanas, restabelecendo destarte a onipotência papal. O órgão falangista era "Nueva Espana", editado à r. Araujo Porto Alegre, 70, nesta capital, veiculador das notícias para Berlim, enviadas pela embaixada da Espanha. E eu, de perto, acompanhava o automóvel da Embaixada da Espanha dirigindo-se para a Nunciatura Apostólica e ali parado horas e mais horas. E o povo brasileiro sabe que eu não minto.

Outro motivo da minha excomunhão foi eu ter manifestado que, para distribuição da justiça social, era necessário o arquivamento das encíclicas "Rerum Novarum", "Quadragesimo Anno" e "Divini Redemptoris" porque são fascistas.

Fui, pois, excomungado porque não me sujeitei à política do meu irmão Eugenio Pacelli.

A IGREJA CATÓLICA, APOSTÓLICA, BRASILEIRA

Pedimos ao padre um resumo dos fundamentos da Igreja Católica Apostólica Brasileira e êle nos ditou:

— O movimento que ora se processa no Brasil, com possíveis ramificações e outras nações do continente americano e de outros continentes, visa centralizar a pessôa de Cristo, procurando a harmonia e a concórdia entre todas as religiões, concedendo garantia absoluta de liberdade

NOSSA SENHORA MENINA — Não só os adultos são consagrados pela canonização. A graça de Deus também beija a face pura das crianças. Nossa Senhora Menina é um exemplo. Aqui vemos a sua imagem, na posição em que é colocada no altar, horizontalmente. Ao contrário de outros santos cujas imagens nos mostram vestes solenes e de acentuada simplicidade, ou dos anjinhos nús e bem nutridos, N. S. Menina é apresentada com vestes de seda bordada com requintes.

civil, política, filosófica, e religiosa, não permitindo ser qualquer pessôa inquirida, sob nenhum pretexto, a respeito de suas crenças, afim de evitar seja por causa delas condicionado ou limitado qualquer direito ou dever. Dentro da mais ampla liberdade educacional e científica, fornecerá meios para que a função de pensar seja desenvolvida e aproveitada. Admite o divórcio dentro do Evangelho. Abole o celibato eclesiástico por ser contra as leis da natureza. Rejeita a confissão auricular por absurda. Permite aos sacerdotes ter uma profissão civil ou militar. Todos os ofícios são feitos em língua vernácula.

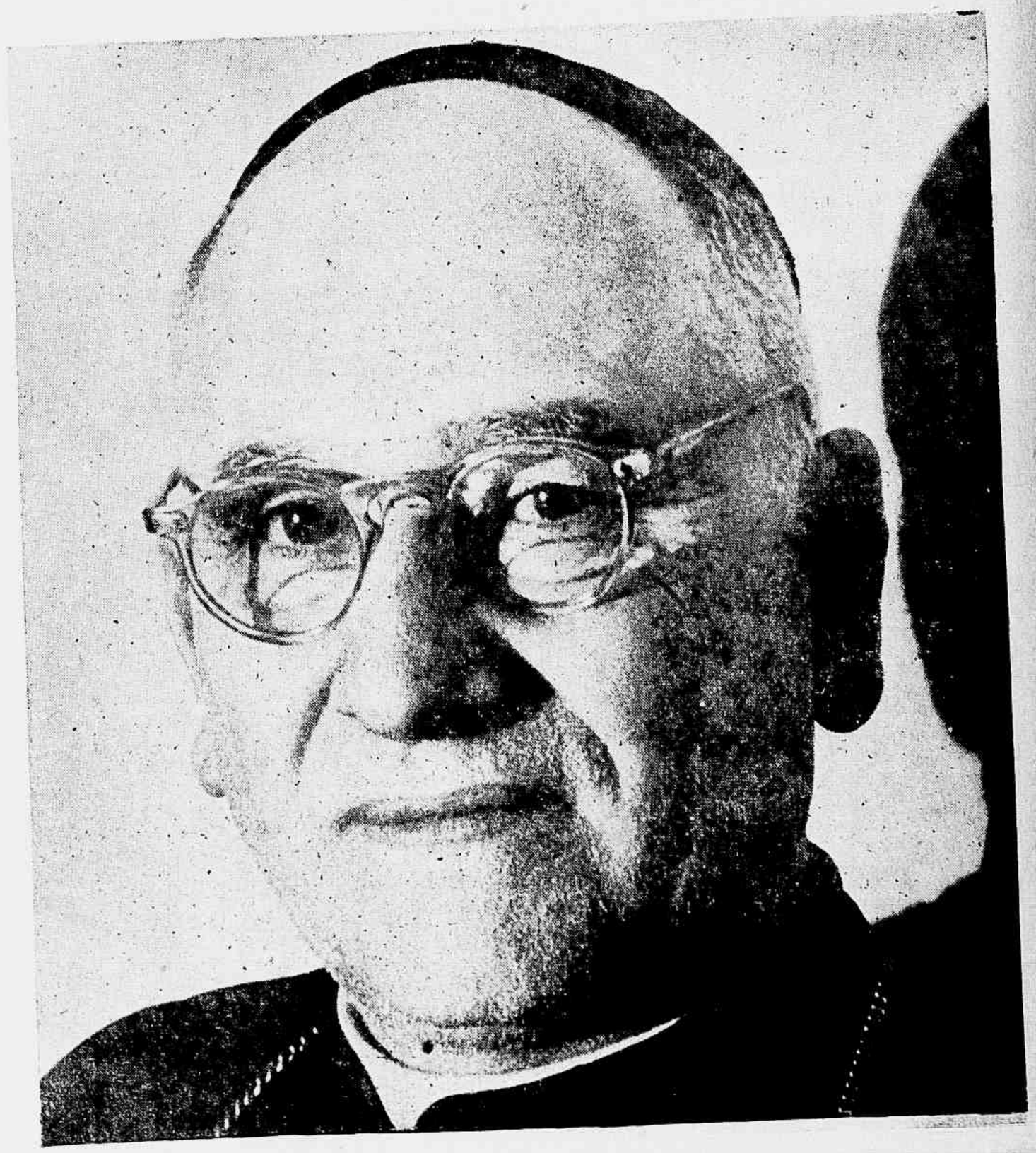
Separando-me da Igreja Romana afim de restabelecer a Igreja de Cristo na sua pureza, procuro centralizar a figura de Cristo para que todos os cristãos, o verdadeiro Cristo tenham seu modelo e advogado diante de Deus Pai. O verdadeiro Cristo é êste, segundo o evangelho de S. João, cap. 1: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. No princípio estava Êle em Deus e por Êle foram feitas todas as cousas e nada está feito sem Êle. Nêle estava a vida e a vida era a luz dos homens".

A Igreja Católica Apostólica Brasileira é uma sociedade religiosa que tem por estrutura os ensinamentos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento. É Católica porque professa a fé Cristã difundida em todo o mundo por todos os cristãos. Considerando seus irmãos em Cristo todos aquêles que amam a Cristo e o respeitam como Deus, como Homem, como Filósofo. É apostólica, porque eu sou verdadeiro sucessor dos Apóstolos, e todos os atos praticados por mim são válidos e lícitos. E' Brasileira, porque é nacional, porque se desagrega da Igreja Romana, não reconhecendo como chefe o chefe da Igreja Romana, conservando os usos e costumes tradicionais de nossa terra.

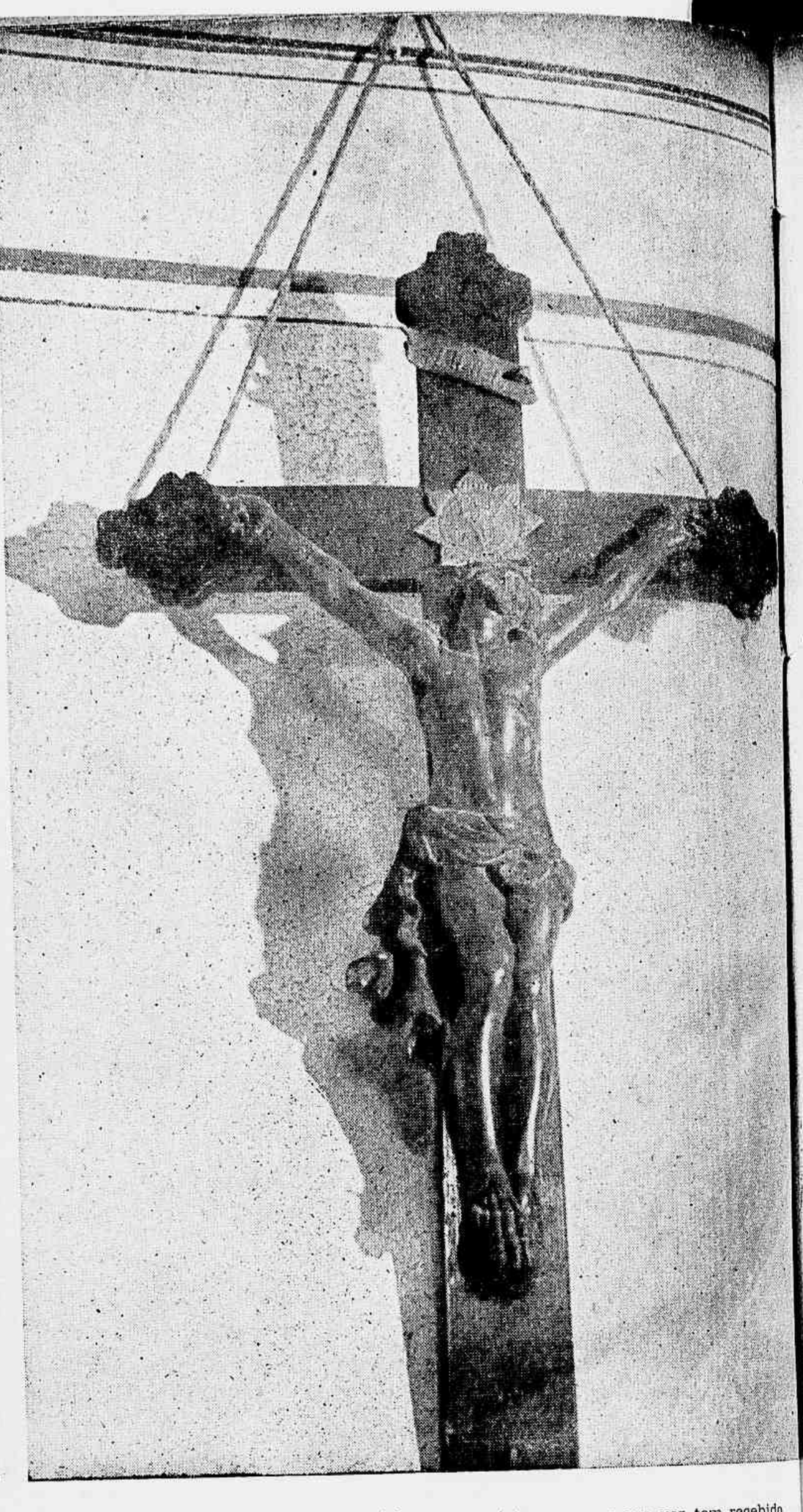
Os bispos são eleitos pelas comunidades religiosas, autônomas em suas dioceses, consultando os seus irmãos do episcopado para a solução de assuntos de grande relevância. As dioceses serão administradas de acôrdo com a Constituição e o Código Civil.

HIPÓCRITAS POR QUE VIVEIS ENGANANDO A HUMANIDADE?

Não admite a confissão auricular, introduzida na Igreja Romana no ano de 758, pelos religiosos do Oriente, por considerá-la um meio excitante para a imoralidade. E não admite o celibato eclesiástico, prescrito por Gregório VII em 1074, porque é contra a natureza.



EXPRESSÃO DE BONDADE — Não é preciso ser adepto ou seguidor da reforma empreendida por D. Carlos Duarte Costa para concordar em que êle tem no rosto a expressão da bondade personificada. O trabalho exaustivo que representa conduzir um empreendimento de tal significação não lhe alterou a serenidade e a límpidez do olhar.



MÚSICA PARA GLORIFICAÇÃO DO SENHOR — Nenhum culto religioso poude até hoje prescindir da colaboração das artes, especialmente a música, que por sua vez tem recebido das religiões extraordinária influência. Na foto à esquerda aparece D. Carlos Duarte tocando no harmônio de sua capela, em companhia de dois amigos. À esquerda, um crucifixo talhado no ano de 1400, trazido da Itália pelo criador da Igreja Brasileira quando alí esteve em 1936.

Antes o casamento dos padres do que papas, cardiais, bispos e padres vivendo em concubinato, espalhando filhos por toda parte. O Brasil está cheio de filhos de Missionários. Sei de colegas meus, no episcopado, de padres e frades que vivem amancebados.

E D. Duarte condena com veemência:

— Hipócritas, por que viveis enganando a humanidade?

UM OPERÁRIO PADRE

Quanto à permissão para o exercício de qualquer profissão honesta, tenho a dizer que a Igreja Brasileira não quer encher o Brasil de parasitas. Ainda em janeiro dêste ano, ordenei sacerdote o operário de uma fábrica em São Miguel, Estado de São Paulo.

"É MELHOR SE CASAR DO QUE ARDER"

Depois de invocar palavras do Evangelho, dentro do qual a Igreja Católica Apostólica Brasileira permite o divórcio, D. Carlos Duarte assim concluiu:

No ano de 325, o concílio de Nicéa, composto de 318 padres, não se levantou contra o divórcio. Foi precisamente nessa época que Fabiola repudiou seu marido culpado de adultério, e convolou segundas núpcias. Ela tinha a seu favor aquelas palavras: "É melhor se casar do que arder". E Fabiola vive com auréola de santidade.

UMA NECESSIDADE PARA A MORALIZAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA

O divórcio é uma necessidade para a moralização da família brasileira. Dá-se com êle o que se passa com o celibato. Por falta do divórcio, há o desquite que é a aprovação legal da prostituição. Por falta dos casamentos dos padres, vivem êles em concubinato.

PRINCÍPIOS DA IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA

Afora o primeiro de que já falamos e que define o caráter nacional, da Igreja Brasileira, D. Duarte anuncia mais os seguintes princípios:

2) os nossos sacerdotes andam sem batina, só a usando na igreja ou na rua, quando a serviço da igreja. Da batina não fazemos máscara da hipocrisia, pretendendo passar por santo.

3) Os nossos padres não fazem do altar um balcão, cobrando missas e sacramentos. As missas de sétimo dia e outras não são taxadas de acordo com o grau de pobreza ou riqueza, variando a taxa segundo ou simplicidade do ato.

O sustento dos nossoss padres é honesto e digno. O sacerdote tem o seu emprego, não sendo, pois, um parasita da sociedade. Os atos religiosos são mantidos por subscrição e por donativos.

4) A Igreja Brasileira não tem um chefe com autoridade absoluta. Cada Bispo é autonomo em sua diocese, governando-a conforme os Estatutos pelos quais a Igreja Brasileira adquiriu personalidade jurídica.

As decisões de interesse geral são tomadas num concílio, segundo a vontade da maioria. E' mais fácil um errar do que todos.

5) A Igreja Brasileira é contra o celibato obrigatório do clero, porque o celibato é um atentado contra a natureza biológica do homem. O candidato ao sacerdócio na Igreja Romana entra para o seminário ainda criança. Passa anos separado do convívio do mundo e quando se ordena, ao entrar, novamente no contacto com a sociedade, despertam nêle as paixões e a necessidade de satisfazê-las. Utiliza-se do confessionário para alimentá-las. Cede, por fim, fazendo a desgraça de uma jovem com a qual ou êle se casa ou lhe abre o caminho da prostituição, quando não prefere levar vida irregular, mentindo à sua conciência e à sociedade.

(Continua na pág. 50)

UM DOS ANCESTRAIS DA FAMÍLIA — A família de Carlos Duarte está ligada a atividades políticas, administrativas e ao exercício de funções religiosas na história brasileira. A foto que se vê ao lado é do seu tio-avô, o Conselheiro Diogo Duarte Silva, primeiro prisidente do Banco do Brasil e figura de relevo na sociedade ao tempo do Império.

OS TRÊS REMBRANDTS

CONTO DE GEORGES SIMENON

JOSEPH LEBORGNE estava espichado na sua espreguiçadeira, em frente de um aquecedor elétrico. Seus olhos estavam fechados. Homem de cerca de trinta e cinco anos, era baixo, esquio e extremamente bem educado. Odiava as complicações da vida tão profundamente que, sendo solteiro, persistia em viver num hotel, — chegando, além disso, ao cúmulo de fazer até mesmo as refeições em seu próprio quarto. Embora nêsse apesente, como em todos os demais, houvesse aquecimento central, em vez de se utilizar da calefação a vapor insistira em instalar o aquecedor elétrico, passando horas a contemplar o seu disco incandescente. Suas janelas estavam sempre hermeticamente fechadas, — e eu estava terminantemente proibido de acender ali o meu cachimbo. Isso o sufocaria, informou êle, acendendo um dos seus delicados cigarros.

— Conhece o Hotel Drouot? — perguntou êle, abrindo os olhos.

— Claro. Todos o conhecem. O Drouot é, para os leilões, o que a Bolsa de Paris é para a alta finança.

— Pois então ouça esta história... Certo dia foi anunciada a venda, ali, de nada mais nada menos que um quadro desconhecido de Rembrandt. Um velho colecionador, chamado Wahl, o havia guardado ciumentamente durante uns quinze anos e finalmente tinha decidido vendê-lo. Sendo um magistral retrato, tinha inestimável valor, porque não estava apenas assinado, mas datado de 1669. Não há outros retratos de Rembrandt pintados nêsse período. Wahl havia convidado os críticos de arte para admirarem essa maravilha, datada do ano da morte do pintor. E todos juraram que se tratava de obra autêntica. Mas, ao mesmo tempo, os céticos murmuravam: "Esperemos até ouvirmos a palavra dos técnicos". Foi, então, que se divulgou subitamente a notícia de um acontecimento inacreditável. Na tarde de sábado, um jovem muito bem vestido chegou á sala de exposições do Hotel Drouot, com a tela debaixo do braço, apresentando-a ao diretor, em nome de Wahl, e acrescentando que um detetive chegaria no próximo dia, para vigiar a galeria em que a obra em apreço ia ser mostrada ao público. O quadro, — devo acrescentar, era apenas de sessenta centímetros por setenta, emoldurado em carvalho, sem chanfradura. O jovem mal havia desaparecido, quando um comissário chegou, para entregar ao diretor um outro pacote, exatamente com as mesmas dimensões, desaparecendo prontamente. Finalmente, ás cinco da tarde, apareceu o próprio Wahl, todo grandino, com seu embrulho, e diante dos olhos assombrados do diretor, despojou-o do papel que o envolvia, mostrando a famosa tela de Rembrandt... Precisarei descrever-lhe o que se deu? Não havia mais um único Rembrandt, mas três! E emoldurados exatamente da mesma maneira, de tal modo que, colocado um junto dos outros, nem o próprio Wahl sabia dizer qual era o seu! A policia foi chamada. E começou a busca frenética, para se descobrir o jovem bem vestido e o comissario que haviam levado as duas primeiras telas. O pequeno Hotel Drouot ficou alvoraçado como nunca. Enquanto isso, haviam mexido tanto nos quadros para examiná-los, que o dono do Rembrandt verdadeiro se acha perplexo, indeciso, sem saber qual devia reclamar. Durante três dias foi enorme a procissão de críticos e colecionadores. As opiniões se dividiam. Para por ordem na discussão, os quadros receberam cartões, indicando: N.º 1, N.º 2 e N.º 3. Mas o número 3 tinha poucos partidários. A venda, é claro, teve de ser adiada. A investigação continuou. Nem o jovem bem vestido nem o comissário jamais foram encontrados...

Como o cigarro se tivesse apagado, Joseph Leborgne reacendeu-o, tirou uma fumaça e prosseguiu:

— Veja aqui uma reprodução fotográfica das assinaturas dos três quadros, — disse, mostrando-me algumas copias semelhantes a cartões postais.

— Certamente os técnicos... — disse eu...

— Como você é ingênuo! — exclamou êle, dando uma gargalhada. — Você nunca acompanhou um caso como êste? Houve, ainda bem recentemente, o caso dos falsos Van Goghs na Alemanha. Dez técnicos se pronunciaram continuaram em desacordo. Dois anos depois, nos Estados Unidos, houve outro caso de falsificação. Dessa vez foi um Raphael. A' custa do proprietário, foram chamados técnicos de Londres, Berlim, Paris, Roma, etc. Foi uma verdadeira convenção. A' imprensa norte-americana, que é um pouco mais destabocada do que a nossa, acabou satirizando o caso e dizendo que aquilo ia acabar num duelo de guarda-chuvas a dez passos de distância...

— Contudo, com o uso do Raio-X é possível...

— Para destruir o seu argumento, basta dizer-lhe que o Raio-X deu o mesmo resultado nas três telas...

— Foram elas examinadas ao microscópio?

—E isso nada provou!

— E o estudo técnico das três assinaturas?

— Veja-as você mesmo e me diga se pode estabelecer distinção... São identicas, precisamente, minuciosamente. E' claro que só uma delas deve ser autêntica. Mas ainda assim resta uma questão... **Qual?**

— Onde estava o quadro antes de ser levado ao hotel?

— Qual?

— O que Wahl levou. O verdadeiro...

— Estava no apartamento de Wahl, na Avenue de Suffren. Nunca havia sido posto numa parede. Estava trancado num armário, no seu gabinete de leitura.

— Há quanto tempo?

— Há uns quinze anos. Dêsde que Whal o havia descoberto, num pequeno leilão, em não sei que provincia. O quadro estava sujo, avariado... Nem se podia ver direito a assinatura. Mas êle sabia com o que estava lidando e mandou fazer uma restauração. Nunca falou do quadro a ninguém, a não ser dos seus amigos mais intimos. Bem poucos foram aquêles a quem permitiu que vissem o quadro...

— E por que o quis vender?

— Para dar um dote á filha...

— Ah! Era casado?

— Não. Viuvo. Tinha uma filha, casada com um tal Golfinger, vendedor de joias... Houve suspeitas contra êle, mas o homem conseguiu se limpar com a polícia. Sendo o Rembrandt sua única riqueza, Wahl chegou a atentar contra a vida...

— Como?

— Tomando Veronal. Mas a filha deu pela coisa, chamou um medico e êle foi salvo... A polícia concordou em que os três quadros lhe ficariam pertencendo, não só por terem desaparecido os portadores, como porque, entre êles, estava, sem dúvida, o autêntico. E, assim, foi que o leilão se realizou, em meio de grande excitação dos "connaisseurs". Os lances foram enormes. O mais estranho é que havia dois quadros absolutamente sem valor, mas, nem por isso, deixaram de obter grande preço. O número 1 foi vendido por nada menos de 210.000 francos. O comprador foi o representante de um colecionador americano, ultra-milionário. O número 2 alcançou o preço de 300.000 francos. E' muito compreensível, porque foi a mesma pessoa que os comprou. Era evidente que desejara adquirir as três telas, afim de se assegurar, assim, a posse da verdadeira.

— Mas isso deve ter-lhe saído imensamente caro!

— Sim... E' verdade. Porque a terceira foi ainda mais disputada e o agente do milionário americano teve de desembolsar nada menos de 700.000 francos para arrematá-la. Quer dizer, — das três telas a única que realmente tinha valor estava lhe custando nada menos de um milhão, duzentos e dez mil francos!

— E descobriu-se, afinal, qual das três era autêntica?

— Por enquanto, não. Os três Rembrandts estão numa parede, lado a lado, nêste instante, numa galeria particular, em Nova York...

— Então o mistério continua?

— Salvo para duas pessoas...

— Quem?

— Primeiro que tudo, é claro, para o homem que criou o mistério... Depois, para mim...

— Você viu os quadros?

— Não... Tudo quanto vi foram essas fotografias que você tem nas mãos.

Olhei-as e, vendo tão idênticas as assinaturas, pedi-lhe:

— Então diga-me qual é a autêntica...

Joseph Leborgne mudou de atitude, aproximou-se mais de mim e disse:

— Não há nenhuma autêntica... Todas as três telas são falsas...

E, ante o meu espanto:

— Imagine um homem que decidiu enriquecer num "golpe" desses, num "golpe" único, por meio de uma fraude engenhosa... Êle queria um milhão de francos de uma vez, foi paciente e... — obteve-o! Não teve medo de fazer falsificar, de uma vez, três Rembrandts, exatamente

(Continua na pág. 50)

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Hollywood, agosto. (Por Loris Santano — via aérea) — Quando Tyrone Power resolveu promover sua segunda viagem ao continente sul-americano, logo se lembrou de um velho companheiro dessas excursões e com a sua camarada Cesar Romero, para acompanhá-lo. Cesar estava um tanto preocupado com duas dificuldades, mas conseguiu quito de não desistir da viagem, embora isto não fôsse fácil a princípio. E depois de várias conversas com os diretores da Fox, ficou assentado que mr. Romero poderia fazer companhia a mr. Power.

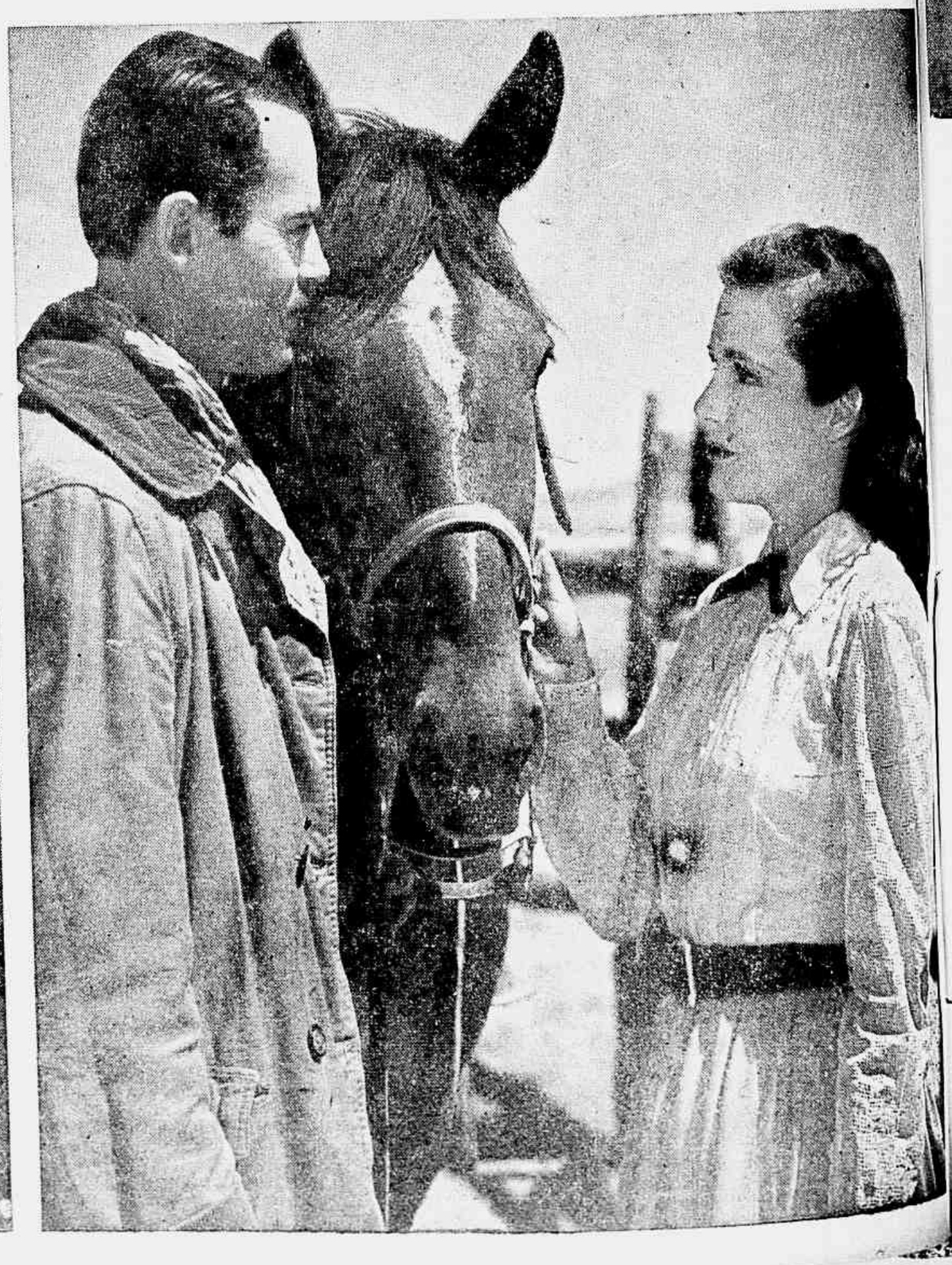
Já antes da guerra, êles se haviam feito dois inseparáveis companheiros. Aquêle rapaz alto, moreno e simpático, realmente um homem esquisitado, que é Cesar Romero, sabe fazer bons amigos onde quer que se encontre. Os senhores aí no Rio hão de certificar-se pessoalmente dessa verdade, e é pena que Romero e Power fiquem pouco tempo nessa cidade. Segundo me disseram, talvêz apenas aí passem uma noite, embora desejassem repousar uma semana, pelo menos. Indaguei de Tyrone si se lembrava de sua anterior viagem ao Brasil e êle respondeu:

— Tenho motivos particulares e muito agradáveis para não esquecer tão interessante excursão, embora naquêle tempo eu andasse muito longe de imaginar as peripécias porque passaríamos todos nós, a serviço da guerra...

Na verdade, Tyrone quer ainda esquecer as tormentas dessa guerra. E vai excursionar, dirigindo êle próprio o seu aeroplano, fazendo de "mocinho" verdadeiro, pulando de país em país, com as mãos presas ao volante, os olhos fixos no espaço, ávido de emoções. Cesar Romero, que é o tipo do camarada perfeito, vai com o seu bom humor constante também conhecer as nossas plagas. Talvêz fiquem uma noite em Porto Alegre, si porventura não puderem continuar viagem no mesmo dia, de Buenos Aires ao Rio. Mas talvêz demorem mais um pouco, tudo dependendo do tempo que então fizer por aí.

Carmen Miranda fêz mil recomendações aos seus dois velhos companheiros. Carmen, Tyrone e Cesar Romero são amigos de verdade. Os dois primeiros, conheceram-se no Rio, quando Carmen cantava na Urca onde foi apresentada ao então apaixonado de Annabella. E Cesar Romero é um dos frequentadores assíduos da vivenda de Carmen em Beverly Hills, onde agora também se encontram Cecilia, irmã de Carmen, sua filinha que é os "quindins" da "estrêla", e a simpática dona Maria do Carmo Miranda, progenitora da trindade bem dita hoje aqui reunida:, Carmen, Aurora e Cecilia.

Barbara Lawrence (ao alto), uma loura novíssima dos estúdios da Fox, convenceu em meia-hora o diretor Henry King de ser a interprete ideal para a protagonista de "Margie", história de uma garota de "high-school". — Em baixo, à esquerda, Linda Darnell e Victor Mature num filme de aventuras far-west: "My darling Clementine". E ao lado, Henry Fonda que também aparece nêsse filme, o primeiro depois de sua "rentrée" nos estúdios. A garota é Cathy Downs, também da Fox.



Aqui está uma das mais recentes pôses de Cesar Romero — agora a caminho do Rio em companhia de Tyrone Power. Na fotografia acima, êle aparece com J. Carrol Naish, em "Carnival in Costa-Rica". Em baixo, a pôse classica de Harry James com o seu companheiro inseparavel, o cornetim. Êle aparece em "If I'm lucky", com Carmen Miranda, Vivian Blaine e Phil Silvers. A' direita, novamente Vivian Blaine, agora fazendo uma festinha no queixo de Perry Como. Ambos figuram nêsse músicado da Fox. Reparem que Perry Como está com uma intensa publicidade dos estúdios de Hollywood! Êle corresponderá a tanto barulho?

A MORTE DE H. G. WELLS

Na manhã de 14 do mês corrente, os jornais divulgavam um telegrama procedente de Londres onde se noticiava a morte do escritor Herberg George Wells, mais conhecido por H. G. Wells, com a idade de 79 anos. Mundialmente famoso, Wells foi historiador, filósofo e profeta pessimista sobre os destinos do mundo, tendo publicado livros que jamais serão esquecidos, e alguns dêles também servindo para concepções cinematográficas de grande relêvo. Muita gente ha de lembrar-se ainda de uma pelicula inglêsa, exibida aqui no Rio pouco antes da guerra, intitulada "Daqui a cem anos", onde se profetisava o renascimento do nosso planeta, depois de uma renhida luta de um século. Pouco depois, deflagrava a guerra, isto em fins de 1939 — e quem nos diz que essa profecia de H. G. Wells não venha a realisar-se, embora aparentemente se afigure o contrario!

★

Êra um homem impertinente, nem sempre muito amavel, aspero e resoluto nas suas ações. Mas logo após a sua morte, Bernard Shaw escrevia um artigo em que dizia não se dever deduzir de tudo isso que o escritor fosse uma pessoa intoleravelmente pouco amavel, capaz de tornar em inimigos todos os seus amigos. Convem recordar aquela frase da esposa de Whitler: "Se morresse, em doze mêses não ficaria a Jimmy um amigo no mundo". Douglas não podia viver na mesma casa com sua mulher, embora vivessem e morressem em termos afetuosos.

Contudo, afirma-se que H. G. Wells não tinha um inimigo no mundo. Êra tão amavel que, embora se enfurecesse contra todos os colegas, nenhum dêles se ressentia. Diz ainda Shaw: "Não havia malicia em seus ataques, eram consolados e mimados como os gritos e as lágrimas de um menino lastimado. Advertia a seus amigos que ás vezes se punha dessa forma e que não deviam fazer caso. Quando Beatrice Webb, a quem êle consultou sobre a possibilidade de desempenhar algum posto público, lhe disse franca porém autoritariamente que não tinha modos para isso, coisa que era certa, — êle a caricaturou, atacou, abusou e molestou repetidas vezes, porém jamais a ouviu falar mal dêle e terminaram sendo os melhores amigos".

★

Nada conseguia abalar o animo de H. G. Wells. Numa ocasião teve mr. Shaw que dirigir um argumento contra êle num debate público quando ingressou na Sociedade Fabiana e atacou seus lidres, dêz anos mais velhos, mais fortes e mais experimentados que êle, não apenas desafiando sua politica como também difamando da maneira mais abandonada, seus caracteres.

Como presidente da comissão, Shaw viu-se forçado a salva-lo de ser assasinado por mãos mais fortes. "Que eu o derrotasse facil e totalmente no foi nada — escreveu o cutor de "Pigmalião" — foi como boxear um noviço que êle mesmo se vencia em cada encontro, porém a sociedade, não só o votou, como me reprovou por minha rudeza foremse e prestou toda a sua simpatia a H. G. Se êle fôsse o mortal de mais tato e de maior controle, não teria sido nem a metade tão querido. H. G. foi honrado, sobrio e distinto, qualidades não sempre associadsa ao genio. Gostava de reunir jovens e inventar novos jogos para êles ou servir de juiz nos antigos, assobio na mão, como cabia ao filho de seu pai..."

DADOS BIOGRÁFICOS

— H. G. Wells nasceu em 1866. Seu pai havia sido jardineiro de uma grande propriedade, mas possuia uma pequena loja de louças em Bromley, Kent quando Herbert George veio ao mundo. A loja nunca deu lucro, e o menino cresceu mal alimentado e práticamente sem nutrição, mas sua mãe tinha planos ambiciosos para o futuro do rapaz, e arranjou-lhe um lugar de aprendiz na loja de um negociante de panos da localidade. Em pouco tempo foi despedido e após várias tentativas, tornou-se monitor da Escola Primária de Midhurst. Encontrara finalmente uma ocupação que lhe agradava. Demonstrou especial interêsse pelos principios de biologia, tendo conseguido estudar sob a orientação de Thomas Huxley, avô de Aldous e Julian.

O seu primeiro livro publicado foi uma obra didática sôbre biologia, mas já havia escrito anteriormente uma história chamada "The Chronic Argonauts", que foi revisto e publicado com titulo de "The Time Machine". Tratava-se da história de um homem que inventara uma máquina com a qual podia retroceder ou avançar no tempo. Wells ficara fascinado pelas descobertas da ciência e suas possibilidades, e embora não possuisse a mema força de imaginação de Julio Verne, era dotado de maior habilidade, e era capaz de fazer com que as suas invenções mais extravagentes parecessem plausiveis. Era justamente isto o que o público desejava. O século dezenove caraterizou-se por uma interpretação da vida em grande parte mecânica, mas ainda assim não podia dispensar os sonhos e coisas maravilhosas. A principio os procurara nos contos góticos fantásticos; e mais tarde voltou-se para o romance cientifico.

Wells conseguiu agradar o público, e tornou-se o profeta material do progresso. O seu cérebro fervia de idéias. A "Guerra dos Mundos" mostra-nos a terra invadida pelos habitantes de Marte; a "Guerra nos Ares" conta-nos a história de uma substância capaz de fazer as criaturas crescerem duas vezes mais do que o seu tamanho normal. Deu-nos ainda história da Idade da Pedra; de uma estrêla que quase colide com a terra; de uma droga que fazia os homens moverem-se e pensarem a grande velocidade, de modo que a vida em torno parecia proscessar-se em movimento lento.

Em 1900, entretanto, Wells começou a escrever a sua primeira série de novelas, de onde iria adquirir as suas primeiras experiências no estudos da vida de todo o dia. Surgiu primeiramente "Love and Mr. Lewisham", em que Mr. Lewisham é um jovem professor, honesto, pobre, porém com um sentido muito aguçado da beleza. Veio depois "Kipps", desta vez um auxiliar de uma grande casa de panos em Folkstone. E' menos educado e muito mais desarticulado que Mr. Lewisham, mas em sua vida existe um brilho peculiar que aparece ter pertencido aos primeiros anos dêste século.

Kipps herda dinheiro, introduz-se na sociedade e está noivo, mas sente-se completamente desambientado até que resolve se casar com uma jovem de sua própria classe. Foi "invêntado" diz Wells, num "estado de indignação", mas não é a indignação nem a análise social que dão valor ao livro, e sim a comédia e a imaginação criadora que apresenta.

A "História de Mr. Polly" tem muito de Kipps. Wells também o apresenta em comflito com a sociedade. E' um comerciante em luta constante contra as dividas, a indigestão e uma mulher desagradável.

A quarta comédia sôbre a vida da classe média é "Tono-Bungay". Conta-nos a história de um químico de uma cidade do interior que tira patente de um remédio sem nenhum valor, ganha enorme fortuna e esbanja rápidamente. E' viva em observação e humor, mas apresenta os primeiros sinais do que iria acontecer a Wells, pois é narrada na primeira pessoa, e o autor constantemente faz digressões sôbre finanças, politica, religião, etc. Daí por diante o gênero ficção perdeu Wells. As suas novelas ainda continuaram mostrando muito do seu interior, mas êle as usou apenas como veiculos para os seus argumentos.

Preferiu ser um educador a ser um ficcionista, e por esta razão devotou a maior parte de seu tempo a obras populares como a "Ciência da Vida". A sua reputação se firma, em última análise, nas suas realizações como artista, e aí devemos admitir que demonstrou ser muitas vezes ingênuo e que jamais teve estilo de prosa. Entretanto, as suas melhores obras possuem uma vitalidade que as distingue do trabalho de alguns novelistas que ambicionaram mais do que eram capazes de alcançar.

A música de Debussy vestiu o drama de Maeterlink sem mutilá-lo, tecendo uma fina névoa de harmonia em tôrno do simbolismo um tanto vago do texto. A partitura sublinhou, de leve, as palavras, com o sussurro das vozes no palco e o comentário sinfônico sugestivo.

Em Pelleas et Mélisande, dois mundos se defrontam: o dos sonhos, encarnado, por Mélisande, e a realidade, que é Golaud.

Mélisande arrasta Pelleas, romântico, já predisposto à divagação lírica, para o seu refúgio, a sua torre de marfim, a fantasia, revelando, na própria imprecisão de contornos com que foi criada, a intenção do autor, que foi de apresentar um espírito delicado, infantil na sua timidez e na sua fragilidade, assim como na inconsciência com que desata as paixões dos homens em tôrno de si e o ar perplexo com que revela seu profundo egoísmo: "Não sou feliz aqui... Não sou feliz aqui..."

É que a realidade avança pelo seu mundo, cuidadosamente cultivado: Golaud se insurge contra aquêle idílio: sua esposa e o irmão, eternamente de mãos dadas, em longos passeios... Brinquedos inocente, como aquela deliciosa cena em que Pelleas se envolve na cabeleira da princesa. "São duas crianças", diz Golaud. "Duas crianças"... Esforça-se por compreender... Contudo, um dia, determina:

— Isso precisa para...

Pelleas partirá. Nunca mais Mélisande encontrará um companheiro tão perfeito para os seus jogos ao mesmo tempo infantís e perigosos. Mas Golaud é inflexível. Mostra a Pelleas e abismo e explica:

— "Estás vendo? Eu te seguro à borda do abismo... à borda do abismo, compreendes?"

Mélisande não se conforma. Não pode faltar ao encontro marcado com Pelleas. Espera que Golaud adormeça, e parte. No bosque, ao lado da fonte, ela ouve a declaração de Pelleas. Êle está eloquente. Embalada pelas suas palavras, ela esquece tudo. Mas Golaud a seguiu. Matará Pelleas.

Daquela noite, em que ela foi perseguida, aos gritos na floresta, nada ficará. Morrendo. Pelleas, ela esqueceu o drama e, ante a insistência de Golaud, deixa-o na dúvida. Êle formulara a única pergunta que seu espírito positivo poderia entender. Ela o traíra? Mélisande olha a filha e diz: Também ela sofrerá...

A sua traição, como esposa, fora mais sutil e complexa. Golaud nunca a entenderia. Nem ela poderia sacrificar uma parte de seu mundo para satisfazer o marido. Havia um refúgio ao qual êle não tinha acesso. Era o seu espírito. Fiél, ainda que em doce namoro com Pelleas, ela satisfazia à sua sede de amor e fantasia. Porque Mélisande, precisava, em suma, de um, marido... e um poeta. Um protegeria a sua fragilidade, outro seria dócil aos seus caprichos, à sua deliciosa loucura, percorrendo o bosque ao seu lado, concordando com o que ela impunha dar uma nova dimensão ao bosque, uma dimensão do sonho, que realça e transfigura.

O drama cancela, abrutamente, a faculdade de sonhar, provando que o isolamento é impossível. Morre Pelleas, porque se prestou a realizar um ideal de Mélisande, ainda que seu ímpeto de homem fosse simplesmente raptá-la, para si. Morre Mélisande, porque quís viver um sonho. Golaud, só, subsistirá, ao lado de Arkel. Êle é a realidade e não compreende nunca o poeta. Arkel, porém, compreende: é a sabedoria.

Tanto a riqueza prodigiosa do ambiente poético como os traços vigorosos da realidade avassaladora, que participam da trama, trazidos por Golaud, foram finalmente percebidos pelo compositor que conseguiu transportar para o drama musical, com destaque, todos os subentendidos de Maeterlinck, tal é a força prodigiosa da música.

Pelleas et Mélisande, entretanto, para ser apreciado, requer um clima especial de compreensão e intimidade. Perde-se, facilmente, o espírito evanescente da criação do músico francês.

MÉLISANDE, DÔCE MÉLISANDE...

A rentrée de Bidu Sayão — Debussy e a Expectativa — O público e a Princesa

Infeliz, sem dúvida, foi a escolha do papel de Mélisande para a rentrée de Bidú Sayão. O encanto frágil da heroína assim como a magia da música não foram alem do palco e da orquestra.

O público estava irrequieto, impaciente. Era natural. A volta da cantora, depois de uma ausencia tão prolongada, despertara uma anciedade geral. "Este ano ela vem..." Várias vezes foi repetida a promessa e sempre a seguida um desapontamento.

Sabemos que Bidu Sayão não tencionava reaparecer como Mélisande, mas que esta escolha lhe foi imposta. Acreditamos que ela tinha razão. Mélisande ficou prejudicado com a tensão dos admiradores que enchiam a platéia. A graça da princesa longínqua só se poderia desenvolver em ambiente propício. Por mais que Bidú se esforçasse o público não poderia aceitála naquêle momento no papel de Mélisande. Queria-a primeiro em alguma velha favorita — Boheme, Manon, Traviata — repetindo árias tantas vezes ouvidas, acostumando-se, novamente, à sua figura elegante, recordando a pureza do timbre de sua voz que sempre o encantou. Em vez disso, que tivemos? Antes de criar novamente aquela intimidade que vem do longo convívio, antes que o constrangimento dos primeiros dias desaparecesse, ela era forçada a criar uma figura cuja extrema delicadeza não poderia surgir, vitoriosamente, senão quando o calor de um velho entendimento entre ela e o público fosse restabelecido, tornando possível a magnífica proeza de impregnar o ambiente com a sugestão da música de Debussy.

Entretanto, a despeito de todas essas circunstâncias desfavoráveis, Bidu Sayão nos deu uma Mélisande incomparavel. Não foi somente a voz, utilizada com arte requintada, o fraseado inteligente, o timbre cristalino, foi também a criação dramática, criação autêntica, revelando que ela foi buscar todas as indicações do libretista como do compositor, para utilizá-la ao delinear a silhueta encantadora da sua Mélisande.

Marthial Singher confirmou os elogios da crítica americana. Tem êle de Debussy um conhecimento seguro que lhe permite integrar-se com facilidade no espírito da obra.

Laurence Alvary e Margaret Harschaw destacaram-se também, ao lado de John Brownlee, barítono de grande recursos vocais e dramáticos. Mimi Benzell completou o quadro dos intérpretes.

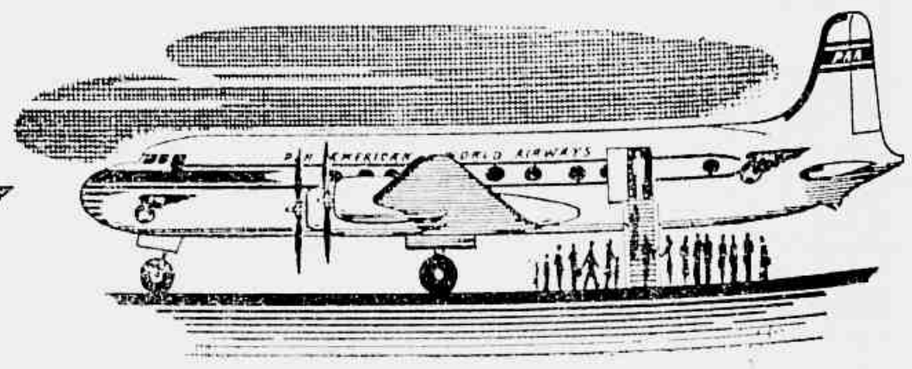
Não podemos deixar passar, também, sem uma palavra de louvor a direção de Germán G. Torel que, depois de nos apresentar um trabalho magnífico nas óperas de Wagner demonstrou mais uma vez a sua cultura na maneira segura pela qual tirou o máximo de efeitos plásticos da iluminação e marcação, mostrando-se sempre fiel à intenção do compositor.

O mundo é seu pelo CLIPPER

Hollywood, — a fabulosa capital cinematográfica do mundo — está agora facilmente ao alcance do Brasil... por meio da magia dos gigantescos *Clippers* da Pan American World Airways. Faça os seus planos para visitar agora a cidade das "estrelas"... e para passar férias inesquecíveis na maravilhosa California, das montanhas majestosas, dos vales luxuriantes, das praias encantadoras e das grandes cidades cosmopolitas. Informe-se com o seu agente de viagens ou com a agência local de passagens da PAA, sôbre as rápidas conexões e escalas dos *Clippers* entre o Brasil e Los Angeles.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores



PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDÊNCIA

10.063-BP-11-B

RADIO

Castro Barbosa e Lauro Borges, os que fazem rir pela ingenuidade de suas anedotas, e por isso mesmo apreciado pelo grande público.

HUMORISTAS E... "HUMORISTAS"

Si existe uma lacuna, e das mais graves, no "broadcasting" nacional, essa é incontestavelmente a que diz respeito aos falsos humoristas. Êles infestam algumas das nossas emissôras, mandando para os ares, numa impunidade que tóca ás raias do incrivel, as mais sordidas anedotas, as mais tôrpes e infames obcenidades, sem que se fizesse sentir a menor restrição por parte de quem de direito. Ultimamente, porém, forte reação vem se esboçando, reação que se avolumará até quando êsses tristes cavalheiros de indústria resolverem abandonar o reduto radiofônico tomado de assalto em triste dias da nossa história.

Por um principio elementar de justiça, devemos abrir uma excepção para os dois mais divertidos humoristas — sem aspas — que são Lauro Borges e Castro Barbosa, cujas atuações, ao microfóne da Rádio Mayrink Veiga, tanto se recomendam. "A Busina" e as "Piadas do Manduca" são ainda dois programas que se podem escutar sem pôr algodão nos ouvidos nem carecer de desinfetar o ambiente uma vêz terminados. Já não acontece o mesmo com outros. Jararaca e Ratinho, por vêzes, descambam para um excesso que bem poderiam evitar, pois quando querem ser engraçados sem êsse recurso, o conseguem. O mesmo se pode dizer com relação a Alvarenga e Ranchinho. Sempre que se apresentam a platéias onde predominam as crianças, êsses dois rapazes sabem portar-se convenientemente, e agradam mais do que em seus habituais "shows" pelo rádio, si assim se pode chamar ás suas atuações. Outros, porém, não tem escapatoria. Si os leitores alguma vêz tiveram a desdita de ouvir a "Cadeiro de Barbeiro" do sr. Aloysio Silva Araujo, agora graças a Deus relegado a um esquecimento que só fêz bem ao rádio, hão de dar-nos razão. O homensinho, sob o pretêxto de apontar os defeitos dos outros, revela os próprios, e de que geito! Tudo serve de motivo para dar largas ao seu "humorismo" (desta vêz com aspas), e de tal modo, que alem de sem graça, inteiramente pobres de espírito, os seus programas pécam ainda por um excesso de linguagem, pavoroso.

Mas êsses e outros cartazes deploraveis do nosso rádio estão com seus dias contados, em face da iniciativa mais ampla a que se entregam as nossas grandes estações. Em bôa hora seus mentores sentiram que o ouvinte não é mais aquêle bom môço pouco exigente de outros tempos, contentando-se com a "chanchada" mais degradante, e aí temos programas musicados feitos com esmero, onde se destaca o trabalho esforçado de "broadcasters" do quilate de Almirante, Paulo Roberto, Miguel Gustavo, Ari Barroso, Giuseppe Ghiaroni, Mario Brasini, Kurt Leonard, José Mauro, Max Nunes, e outros, muitos outros cujos nomes demandariam grande espaço par resumir. As rádios Tupi e Tamóio vem de passar por uma transformação dispendiosa, enquanto a Nacional sem querer abrir mão do seu bastão de grande emissôra, reage decididamente. A Rádio Globo mantem a sua linha de programações esmeradas, a Mayrink dá-nos entretenimentos bem trabalhados, e agora mesmo a Rádio Club teve sua direção artistica entregue a um jornalista que de velhos tempos travou relações com a crônica radiofônica, devendo zelar pelo renome do rádio: Gomes Filho.

O panorama geral do nosso "broadcasting" tende a melhorar. Vêja-se o caso de Iara Sales, rádio-atriz de incontestaveis méritos, mas que os vinha delapidando naquêle suporifero "Trio de ôsso" que faz "Trem da Alegria" e outras manifestações lamentaveis de rádio. Pois agora temos Iara Sales participando do rádio-teatro da Tupi, cuja direção está entregue a Oduvaldo Viana, embora sem se ter desligado por completo dos seus antigos companheiros. Mas enfim, dos males o menor.

Nossas estações de rádio, as de maior importancia, dispendem hoje quantias respeitaveis para manter em seu "cast", selecionados conjuntos orquestrais, e nomes do vulto de Francisco Mignone, emprestam seu concurso a essas iniciativas. Gaó seguiu para os EE.UU., sendo substituido na Globo, por Guerra Peixe, cujas orquestrações já na Tupi lhe valiam merecido préstigio. Radamés Gnatalli continua imprimindo á música da Nacional, aquêle alto cunho de arte que, dentro das possibilidades de uma estação

(Continua na pág. 54)

helena rubinstein

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 311 - TEL. 42-1442

O VISCONDE DE CAMARAGIBE

ESCRAGNOLLE DORIA

QUANTOS escrevem de afogadilho, molhando pena no tinteiro para um saía o que sair, atropelador de datas, limitam-se a considerar no Senado do Imperio do Brasil apenas as suas figuras destacadas pela oratoria.

Estudada por miudo e a fundo a história daquela corporação, honra do Brasil, os anais da mesma mostram figuras e serviços uteis à patria, injustiça priva-los da estima publica e de gratidão nacional.

Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque eis um dos vultos senatoriais a que alucimos, a vida inteira do senador Albuquerque de espelho de nossa antiga aristocracia rural. Teve principal fóco nortista em Pernambuco, descrita a primor pelo pernambucano, João Carneiro de Souza Bandeira.

Filho de um destacado veterano da Independencia o coronel Suassuna, nasceu Pedro Cavalcanti de Albuquerque em Jaboatão, no ano de 1806. A estudos na Alemanha, doutorou-se em Direito na Universidade de Goetingen em 1827. Nomeado lente do Curso Juridico de São Paulo não tomou posse. Preferia catedra no Curso Juridico de Olinda, até nisso pernambucano. Em 1854 o Curso de Olinda passou a Faculdade do Recife, Cavalcanti de Albuquerque a dirigil-a na vaga, por morte, do visconde de Goyano.

Cavalcanti de Albuquerque tinha muitos elementos para entrando na vida publica nela se sair bem. Mocidade, inteligencia cultura, dótes pessoais, prestigio de familia à morte da dinastia, estavam à disposição do doutor de Goettrugen, favorecido com catedais.

Assim armado podia Albuquerque ir ter ao cenario pátrio. Entrou com anuncio de vitória. Lançou vistas para a política e ela lhe foi dando a deputação provincial, especie de curso preparatorio, para a deputação geral, galões com os quais os politicos se habilitavam aos bordados de ministro, de senador, de conselheiro de Estado.

Deputado geral por Pernambuco em 1843—1844 em 1845—1847 Albuquerque pouco frequentou a Camara para satisfação de suplentes. Reapareceu deputado, sempre por Pernambuco, nas legislaturas de 1857—1860, de 1861—1864, 1869—1872.

Não preencheu Albuquerque o seu ultimo mandato temporario, invariavelmente pernambucano, na legislatura de 1869—1872. Em 1869, com mais de tres decenios de vida politica no Segundo Reinado, chegára para Cavalcanti de Albuquerque a hora suprema da senatoria, hora suspirada por tantos.

Quem ajudára outros a entrarem no Senado, cuidou de si. Justo, quando havia duas vagas na casa vitalicia para representação de Pernambuco. Corrido pleito eleitoral, a 25 de Maio de 1869, Cavalcanti e José Bento da Cunha Figueiredo eram senadores do Imperio por escolha da corôa, ainda na dependencia de reconhecimento do Senado concedendo o *dignus est entrare* para toda a vida na assembleia.

Desde 1854 Cavalcanti de Albuquerque era barão, de Camaragibe, em 1860 visconde do título, que daqui em diante lhe atribuiremos, títulos nobiliarquicos apagando nomes, sobrenomes e apelidos.

Ao alcançar o Senado era natural que Camaragibe, na segurança do cargo, lançasse vista retrospetiva sobre passado do Brasil do qual participára.

Política e pernambucanamente, Camaragibe exercera ação em periodo de vida patria, indo pouco depois da Maioridade ao fim da guerra do Paraguai. Quem conhece História do Brasil sabe quantos sucessos magnos tinham ocorrido de 1843 a 1869, e que de agitação a *Praia* acarretára a Pernambuco, de 1848 a 1849.

Na própria familia encontrára Camaragibe muita politicas, ele irmão de dois ministros do Gabinete da Maioridade, os futuros viscondes, de Albuquerque e de Suassuna; ambos senadores.

Ao empossar-se Camaragibe no Senado já não encontrara nele o fraterno visconde de Albuquerque, podendo tratar por colega o irmão Suassuna, que tanto sobreviveria, morrendo em 1880 após uma das mais longas vidas senatoriais. Senador em 1840 faleceria Suassuna em 1880, com quarenta anos na antiga Casa Casa do Conde dos Arcos.

Com o tempo, por serviços politicos, pelo desaparecimento de correligionarios, Camaragibe tornou-se em Pernambuco o grande chefe do partido conservador. A' sombra de Camaragibe, como na Bahia sucedia ao visconde de São Lourenço, foram medrando carreiras politicas de jovens, assinalada terdo logo uma, a de João Alfredo Corrêa de Oliveira Andrade, deputado geral, quando o era Camaragibe, pelo 2.º distrito de Pernambuco, as capitais das provincias com as honras de primeiros distritos eleitorais.

Uma vez chefe conservador do maior orestigio; não só na terra do berço como em todo o Norte, a muitos favorecem Camagibe na vida politica, procurando encher a bancada pernambucana na assembléia geral e na provincial de correligionarios de valor provado e mostra de mãos limpas como as do protetor.

Muito de temporadas no Recife, nessas temporadas Camaragibe cuidava mais de perto da diretoria da Faculdade de Direito que chefiava. Poude assim vêr admitir na Faculdade não poucos lentes, não poucos doutores, um deles João Alfredo em 1858, muitissimos bacharéis, um deles, em 1865, o ultimo ministro da Agricultura, Lourenço de Albuquerque.

Quem seguir a trajetoria politica e social do visconde de Camaragibe talvez se pergunte porque homem do seu porte, da sua influencia, não foi ministro de Estado quando o cargo honrava.

A resposta é simples, Camaragibe não foi ministro pela mais pessoal das razões, porque nunca o quiz ser.

Pois se todos lhe reconheciam "inteligencia, cultura, firmeza de carater e lealdade, sisudez a toda prova", por que esquivar-se a tomar conta de pasta ministerial?

— Não me reconheço orador, dizia Camaragibe.

Sabia falar em publico, e falava, mas lhe parecia que no sistema representativo parlamentar era mister ser senhor da tribuna por dom da eloquencia.

Inutil é pois procurar o nome do visconde de Camaragibe na lista dos 222 ministros de Estado do Imperio.

Camaragibe não se deixava apenas empolgar pela politica. No seu Pernambuco de vida toda, na Olinda de sua mocidade, no Recife de sua virilidade e senectude, Camaragibe queria preceder coração a existencia que fôra a de seus maiores, a existencia rural no engenho, julgado este digno de poema, a *Engenheida*, do medico dr. José Ferrari, de nome assinalado na medicina hoje pelo dr. Antonino Ferrari.

No tempo de Camaragibe letras classicas gozavam favor na cultura geral. Camaragibe alem do latim do *Corpus Juris* apreciava o latim das *Georgicas* com o qual Virgilio exalta a vida campestre e os trabalhos da terra, tudo na grande pagina eternamente desdobrada da natureza.

Como muita cousa no mundo, a aristocracia rural pernambucana conheceu esplender e decadencia, um e outra estudaveis em paginas de Souza Bandeira e Gilberto Freyre.

Camaragibe ainda foi da quadrado esplendor rural da sua provincia. Nesta, as proprias revoluções salvo a da *Praia* conforme observação alheia, tinham chefes aristocratas.

Conta Souza Bandeira, ouvindo tradição, que no movimento pernambucano de 1817, os rebeldes se tratavam de *patriotas*, tratando-se tambem por vós. Certo homem de côr, um rebelde, chamou de *patriota* um dos chefes da rebeldia, atraindo-se a indignação do interpelado nestes incisivos termos.

— Alto lá! Eu sou *patriota* só para meus iguais. Para ti serei sempre senhor Coronel, vossa senhoria.

O caso de 1817 traz-nos á memoria outro de 1789. Na noite de 4 de Agosto daquele ano em França os ex-Estados Gerais transformados em Constituite, decretaram abolir todos os privilegios igualando classes.

Ao regressa da sessão histórica e niveladora, Mirabeau recebeu de criado seu, já informado da *grande nouvelle*, o tratamento de *vous*, dizendo Mirabeau ao famulo.

— Não se esqueça que, em casa, sou sempre o Senhor Marquês de Mirabeau.

O *patriota* de 1817, sem saber, seguia o exemplo do criado de 1789, um e outro sendo informados que isso de igualdade é desaconselhado até pela desigualdade dos dedos da mão humana.

Para evitar confusões, o trato de Camaragibe era ameno, as suas mareiras secas, de estabelecer distancias, institivamente assim cada qual no seu logar.

Nem por afastar intimidades descabidas deixava Camaragibe de conquistar afeições e dedicações que lhe permitiam manter prestigio de chefe incontestado na politica pernambucana repartida entre conservadores e liberais. No rotativismo partidario do tempo, cada partido conhecia poder ou ostracismo, de valvula este nas oposições parlamentares, no jornalismo de combate, nas oposições de vizeira erguida ou por traz da cortina.

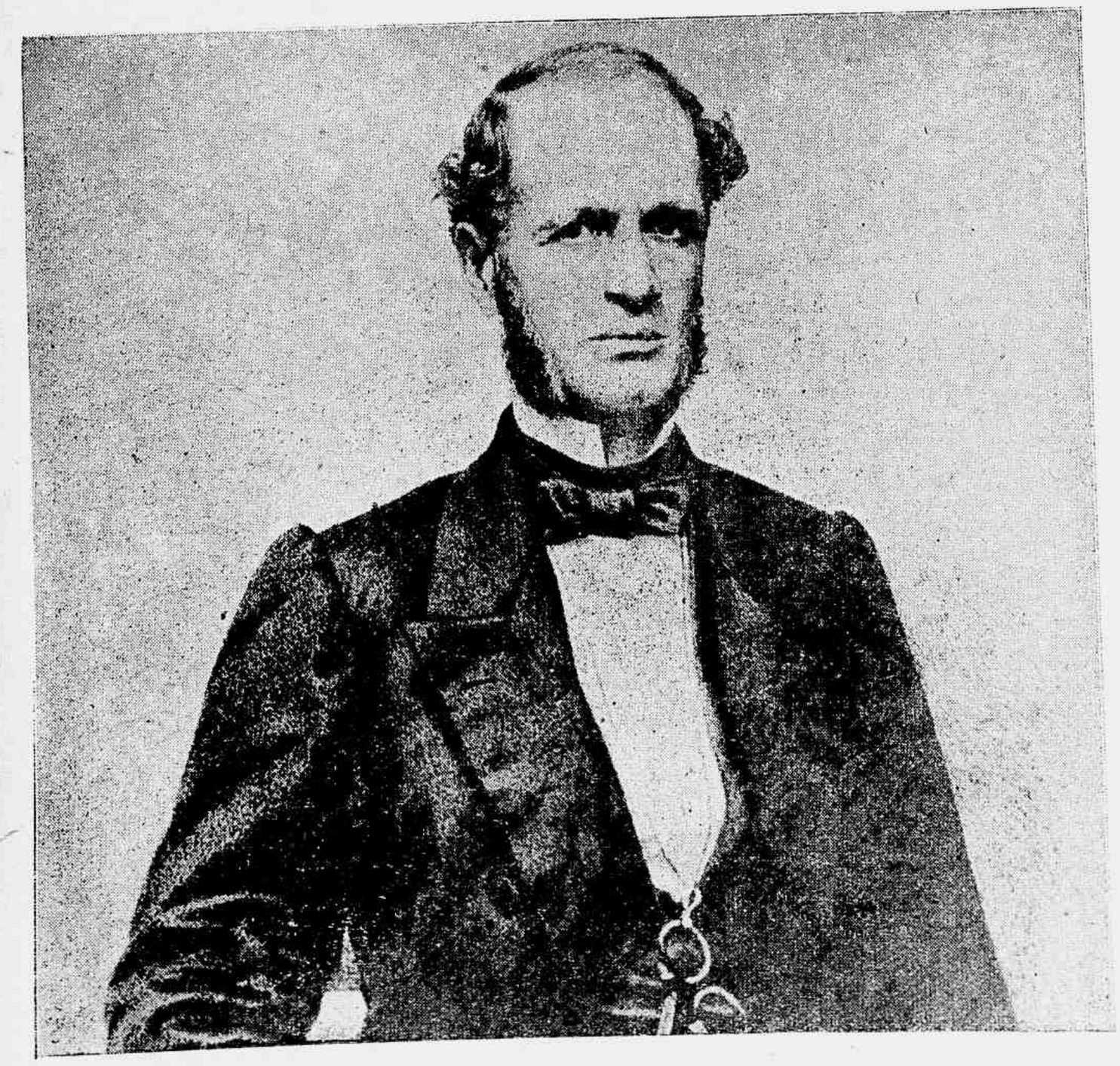
Em 1875, com Rio Branco e depois com Caxias, governava o partido conservador, o ano de 1875 dos mais mortiferos para o Senado, pelo desaparecimento de cinco senadores, o marquês de Sapucahy, o barão de Antonina, o conselheiro Ferrande Braga, o visconde de Souza e, fechando lista funebre, o visconde de Camaragibe.

Cinco vagas no Senado! Basta dizer isto. Vaga seja onde fôr, por obito ou por anuncio de morte proxima de dono de cargo, é alvoroçar muitos e levantar candidaturas à beira de eça onde renda a leitos de agonia. Os córvos são mais elegantes, esperam.

Camaragibe deixava duas vagas, a da senatoria e á da diretoria da Faculdade de Direito, afinal cabendo ambas a João Alfredo, pessôa do peito de Camaragibe.

Conservou ele até o fim de existencia linha de fidalgo. Souza Bandeira o vio tal presidindo átos solenes na Faculdade do Recife, fardado de senador do Imperio, ostentando veneras, assim de brilho destacado na massa de uma congregação de lentes trajando bécas negras avermelhadas e de capelos.

O VISCONDE DE CAMARAGIBE (1806 — 1875)



UMA PARTIDA DE BRIDGE

Conto de J. KESSEL

HARRY BRINDER era um jovem à muitas extravagâncias. Mas não quem, os milhões do tio permitiam os desperdiçava, pois nêle, os músculos dominavam a preguiça, mãe de todos os vícios.

Possuia uma lancha, um carro enorme e barulhento e um avião. Tinha quatro amigos: Fred Morton, James Irving, Rudge Williams e Georges Dunbar. Para Brinder a vida era um jogo suave.

Um belo dia Brinder fez uma surpresa a seus amigos.

— Partamos para as Montanhas Rochosas, para caçar ursos. Meu tio comprou um sítio com todos os requisitos necessários à caça: grandes florestas, muitos animais e um pavilhão com todo o confôrto. O velhote sabe aproveitar a vida.

— Vamos comprar fuzis novos, responderam todos à uma só voz.

★

Voltavam de uma caçada infrutuosa.

O vento frio lhes cortava as faces e suas botas afundavam-se na neve tornando a caminhada mais penosa.

Dêsses rapazes, sadios, robustos e alegres, James Irving era o mais nervoso. Enquanto os outros fumavam em silêncio, êle observou:

— Que caçada infame, Harry, seu tio zombou de você.

— Porque? retrucou Brinder.

— Êle não quer seu herdeiro morto pelos ursos.

Brinder só tinha vaidade: a de ser invulnerável. Respondeu logo à James:

— O pobre velho sabe que eu não me atemorizo com ursos, nem com ninguem.

Irving nunca estivera tão mal humarado como nêsse dia. Resmungou algumas palavras que pareciam ser: "Orgulhoso, veremos se não se asusta com nada". Harry nem lhe prestou atenção.

★

Quando chegaram ao pavilhão, a noite confundia as silhuetas das árvores e dava à neve uma aparência lamacenta.

A casa tinha uma única peça, muito espaçosa. Cinco camas cobertas de peles estendiam-se pelas paredes. Os rapazes penduraram suas armas e sentaram-se em volta de uma mesa. Brinder apertou um botão e a claridade espalhou-se pela sala.

— Well! disse Morton, eletricidade no deserto.

James Irving esboçou um ligeiro sorriso e começaram a refeição. Quando terminaram, Brinder puxou do canto da sala uma mesa de jogo e, bocejando, declarou:

— Estou muito cansado. Se quiserem jogar, as cartas e os cigarros estão na gaveta. Bôa noite.

Como fosse mau parceiro, não insistiram, e instantes depois adormecia.

Fred, James, Rudge e George começaram uma partida de brigde. James, que geralmente dirigia o jogo, parecia absorto por uma preocupação estranha. Seus olhos vagavam pelo imenso aposento como se estivesse à procura de algo misterioso.

Transcorrida uma hora, começou a estampar-se na fisionomia de todos, o cansaço. Irving parecia ter abandonado sua investigação. Mas a ligeira respiração de Brinder reanimou-o. Seu olhar dirigiu-se para a cama onde Harry ressonava tranquilamente e depois para a lâmpada situada no teto exatamente sôbre a mesa.

Sorrindo, atirou as cartas e dirigiu-se aos amigos:

— Vamos pregar uma peça no Harry?

Curiosos como crianças, todos aquiesceram.

— Pois bem, então deixem-se agir.

Irving dirigiu-se na ponta dos pés para a cama de Brinder e, de um golpe de canivete, cortou o fio que ligava a lâmpada ao comutador colocado ao alcance da mão de Harry.

O aposento ficou às escuras.

Irving sentou-se à mesa e ordenou:

— Finjam que estão jogando e anunciem em voz alta.

E gritou:

— Dois ouros.

Meio aturdido, Rudge, berrou:

— Duas copas.

Ouviram Brinder remexer-se na cama.

— Eu dobro, clamou Georges Dunbar.

— E redobro, retrucou Fred Morton.

James Irving, que vigiava todos os gestos do dorminhoco, disse, em voz baixa:

— Falem normalmente, êle já acordou.

E acrescentou:

— Você dobra, Fred? Acho que não deve.

— Vamos ver, disse Morton que já compreendera a intenção de Irving. Nós veremos.

Uma voz mole e sonolenta fez-se ouvir: era Brinder.

— Hei amigos! Vocês estão loucos?

Ninguem respondeu. Irving então declarou:

— Que sorte a sua, Rudge, de ter acertado êste "impasse".

Harry Brinder sentou-se na cama, e disse, rindo:

— Que ideia a de vocês, de jogar nesta escuridão.

Sem se virar James respondeu:

— Não amole. Isto não é brincadeira. Estamos apostando.

Georges Dunbar retrucou:

— Esta parada é de 100 dolares pelo menos.

— E parece que vamos perde-la, retorquiu Morton.

Passaram-se alguns segundos e com voz trêmula Brinder perguntou novamente:

— Vocês estão brincando comigo!

Irving triunfalmente declarou:

— Esta vasa é minha, Rudge.

Harry riu. Um riso amarelo, forçado, angustiado.

— Não brinques. Vocês não estão vendo nada, não é verdade?

— Eu marco três vasas, disse calmamente, Georges.

Brinder berrou com toda força:

— Seus malucos, que estão vocês fazendo?

— Olha Harry, respondeu Irving. Ou dorme, ou vem assistir o jogo, mas pelo amor de Dues não nos aborrece com brincadeiras.

E sem mudar de tom, anunciou:

— Paus.

— Ah! Já basta, gritou Brinder, vou acender.

Sua mão apertou o comutador. A escuridão a envolver a sala. Todos protestaram:

— Que bobagem, Harry, porque apagou?

— Quer dizer... murmurou Brinder apavorado.

— Acende logo, disse Irving. Você, está mas é sonhando.

Maquinalmente, Harry, apertou o comunuemos.

— Ótimo, exclamaram todos. Contitador.

— Mas eu não vejo nada, balbuciou Brinder.

— Não amole, disse Irving, simulando aborrecimento. Eu nunca lhe ví tão insulportável, e...

Calou-se, invadido por um mau pressentimento. Ouviu a mão de Harry tateando a parede e depois, um ruído metálico. Que estaria fazendo? Súbido, compreendeu, mas já era tarde.

(Continua na pág. 54)

CEM OBRAS-PRIMAS DA FRANÇA CONTEMPORANEA

(De RAYMOND COGNIAT)

UMA exposição que se proponha a dar uma ideia geral da arte francesa contemporânea é sempre de difícil realização, quer se faça uma seleção rigorosa, limitando-se a algumas obras exemplares (nêste caso a escolha poderia ser discutida), quer se ofereça um panorama mais vasto, afim de mostrar todas as tendências em sua extrema variedade (então a exposição tomaria proporções desmedidas). Tal entretanto é a que se efetua, nêste momento, na "Galeria Charpentier", sob o título: "CEM OBRAS-PRIMAS DA ESCOLA DE PARIS"" Indica êste título que foi adotado o ponto de vista de uma seleção bastante restrita. Mesmo observando êste critério, estão representados uns cincoenta pintores, desde Maurice Denis e Bonnard a Picasso e Rouault. O conjunto assim organizado, dá-nos a impressão de estarmos diante de uma época, senão encerrada, pelo menos bastante definida e completa para, de agora em diante, tomar o seu lugar na história da pintura, como um fato indiscutível. Alí se acham os artistas que manifestaram suas ideias entre 1900 e 1914, os que, como diz René Huyghe, representam "o movimento nascido das cinzas do impressionismo". Certamente naquela época quase todos êles não se haviam inteiramente definido e as reações do público ainda eram discutidas. Mas, então, o essencial do que tinham a dizer, estava dito. Os "Nabis" (grupo que entre outros apresenta Maurice Denis, Bonnard, Vuillard, Roussel) os "fauves", os cubistas haviam mostrado o espírito e as grandes linhas de suas concepções estéticas.

Era de se desejar que tôdos os grandes museus apresentassem uma seleção análoga à que hoje se oferece a nossos olhos, pois, com algumas obras bem escolhidas de cada pintor, seria fácil compreender as diferentes etapas da arte contemporânea. Vê-se alí, primeiramente, o resultado do impressionismo que, com Bonnard e Vuillard, se compraz nos frêmitos das intimidades veladas, no colorido das penumbras, na silenciosa melodia dos meios tons. Depois aparece a reação dos "Fauves", a violência da côr pura, a audácia dos "à-plats", a ousadia dos seus contrastes, esta ampla transformação que repéle a imitação e põe a côr mais no espaço do que na forma.

Enfim intervem o cubismo. Foi a grande experiência de austeridade na pintura moderna. Nascido pouco antes da guerra de 1914, causou escândalo, a princípio, e apareceu como uma explosão uma manifestação passageira, provocando a cólera de uns e o riso de outros. Firmado, porém, o seu sucesso, deveria êle influênciar e marcar profundamente a arte de nosso tempos e os mais correntes aspectos da nossa vida cotidiana. O mobiliário, o cartaz, a luminária, o papel pintado, os tecidos, a moda mesmo, sem Cubismo, não seriam o que são. Foi uma reação de austeridade e disciplina contra as seduções da côr, preferidas pelo impressionismo e o "fauvismo", contra a dispersão das formas, contra a magia fácil dos efeitos de luz e do esplendor instável.

"Automne" (em cima), de Grommaire, tapeçaria Aubussen, 1946, recentemente exposta na Exposição de Tapeçarias realisada em Paris. — "Nú", tela de Modigliani, á esquerda, que figurou na mais recente exposição de pintura francêsa a qual mostrou uma última etapa com alguns pintores surrealistas: Max Ernst, Miro que marson, que marcam o limite extrêmo das pesquizas dêste tempo.

"Interior" (ao alto), tela do pintor francês Vuillard, atualmente exposta em Paris. — "Encontro de Felipe IV e Luis XIV na Ilha dos Faisões" (em baixo), tapeçaria dos Gobeling, 1665-1668, recentemente apresentada na Exposição de Tapeçarias realisada em Paris. Nessa exposição foi adotado o critério de uma seleção bastante restrita, alí figurando no entanto, Maurice Dennis e Bonnard, Picasso e Rouault. Trata-se de um movimento artistico disposto a dar uma ideia geral da arte francêsa contemporânea, e pode-se garantir que realmente êsse objetivo foi atingido. As "Cem obras-primas da Escola de Paris", lá fôram mostradas ao público consagradas pela crítica.

A improvisação dos impressionistas, êle opõe um quadro longamente premeditado. Ao desejo de exprimir a natureza no que ela tem de mais instável, opõe o propósito de tomar de cada objeto, apenas o que nêle é permanente. Rucusa o provisório para construir um mundo rígido, linear e sem concessões.

A Exposição mostra uma última etapa com alguns pintores surrealistas: Max Ernst, Miro, Masson que marcam o limite extrêmo das pesquisas dêste tempo.

Assim, de reação em reação, o ciclo das possibilidades parece encerrado. Todos os domínios explorados, à margem das teorias, porem, formam outras artes que, fugindo às doutrinas, exprimem simplesmente o que sentem; são os chamados "instintivos". Os que, de Rousseau a Utrillo, de Seraphne a Chagall, pedem apenas à sua intuição que os guie numa visão renovada do mundo, seja êle cotidiano, ou até banal.

Diante de um tal conjunto, da multiplicidade das lições que o mesmo nos dá, diante da riqueza dos talentos, compreende-se melhor por que a arte francesa adquiriu tal prestígio e se impôs a ponto de influênciar toda a produção contemporânea.

Cada um pôde tirar dalí o que melhor convinha ao seu temperamento, e o que o ajudaria a achar o próprio caminho.

DE BOM HUMOR

1

2

3

— Espia só, Nicóta ! Que sêde !

— Você tem hoje qualquer coisa exquisita, Bebéto ! Parece que é essa peninha no chapéu !

VIRGINIA MAYO (R.K.O.)

UM dos maiores atrativos da mulher, é sem dúvida a sua "linha", a sua maneira de andar, de falar, sentar, etc. Muitas vezes, uma mulher encantadora perde grande parte do seu agrado por negligenciar nêste ponto.

Existem pessoas que param, andam e sentam de qualquer geito, sem se preocupar com o aspecto que possam estar oferecendo.

Sentar-se numa cadeira, cruzar mal as pernas, ou, pior ainda, deixa-las inteiramente á vontade em posições pouco elegantes, são cousas que vemos a cada instante.

E' frequente também vermos moças que caminham tombadas para frente, para a esquerda ou para a direita ou ainda para trás.

Outras deixam que o corpo cáia sobre as pernas e arrastam-nas como si fôssem pêsos de chumbo...

Outras ainda caminham tão duras e espigadas dando a impressão de que si pararem de repente, não saberão mais acertar o passo... E as que acham interessante revirar-se o mais possivel, exibindo as manobras das "curvas" e lançando olhares languidos para todos os homens que passam?

Ha ainda as "saltitantes", caminhando aos pulinhos, achando que assim ficam umas "graciinhas"... Ha as desanimadas, as que julgam arrastar consigo tôda a tragedia da humanidade; ha as masculinisadas, as que andam com passo de homem, pisando fórte para demonstrar "personalidade"... Ha as "importantes"; as "compenetradas", as "pensativas", que vão andando "molemente", esbarrando em todos os que passam, enfim, seria longo demais citar tudo o que podemos observar nas ruas, nos salões e mesmo na intimidade.

Creiam, minhas amigas, que tais creaturas não só prejudicam a própria elegancia, como também provócam comentarios jocósos, justamente por parte daquêles a quem querem impressionar: os homens! Uma bôa escola para as que pretendam realmente obter bôas maneiras, é o cinema; observem com que dignidade as "estrelas" se movimentam, sentam, falam, e observam também com que "classe" elas sobem e descem uma escada...

Um dos exercicios mais frequentes, feitos pelas "estrelas" para chegar a êsse ponto, é caminhar com um livro á cabeça, o mesmo fazendo para subir e descer escadas.

E' facil, portanto. E accessivel também. Adquire-se assim um "aplomb" que dá a mulher essa sedução que a impõe á admiração de todos.

KITTY

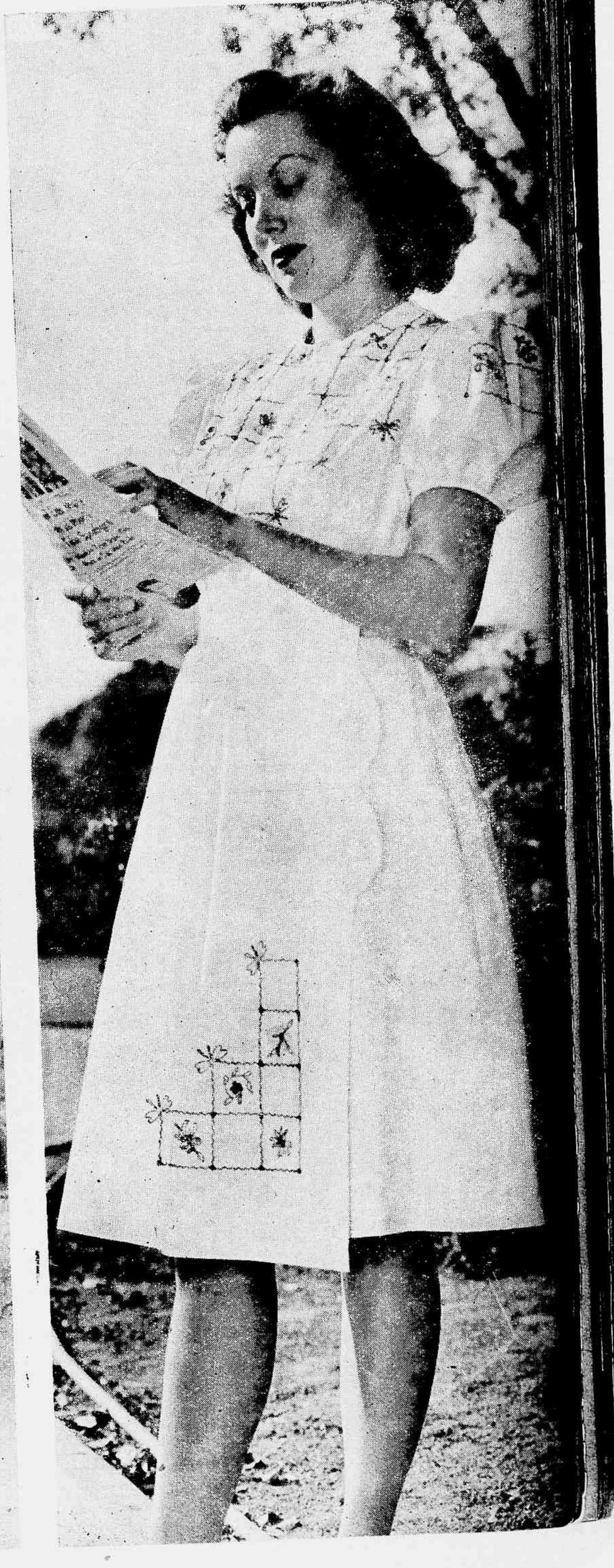
NOS BASTIDORES FEMININOS

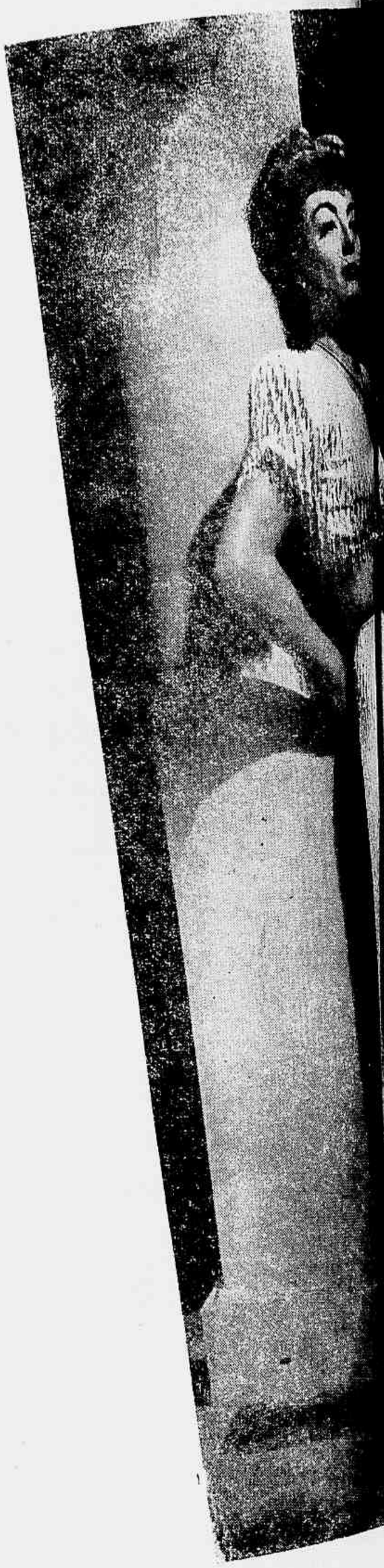
VESTIDOS PRIMAVERIS

À esquerda: — "Duas peças" apresentado pela linda Martha Vickers estrelinha da constelação da Warner, composto de fina lã beije, e blusão de seda azul marinho com grandes penas amarelas estampadas. Decote em "V", botões fantasia, e laço arrematando a pala que cae sobre os quadris. A seguir temos: — Vestido de linho azul marinho, com bordados inspirados em motivos mexicanos, formando o decote e o "avental" da saia.

Sugestão de Brenda Joyce. — Adele Jergens, da Warner Bros, desta vez com vestido de seda preta com largas barras estampadas, preto e branco, com máscaras indígenas. Decote redondo e franzido com laço na frente. — Em "piqué" branco é êste alegre

modêlo apresentado por Brenda Joyce, da Universal. Mangas fôlas, talhe alto, sala franzida abotoada dos lados. Na blusa e na sala, pequenos quadrados bordados em côres vivas.





De Adrian para Joa

A ardentissima Joan Crawford, agora da Warne figurino composto de seda ampla, de listas e azuis, de algodão creme. Mangas curtas com elastico. — Modelo de grande elegancia para E' feito em com franjas feitas de vidrilho. Adrian este modelo "esmeralda". — Outro modelo para jantar elegante crepe branco, bordado com lantejoulas. Decote "godet". Saia reta abrindo pouco abaixo do branca com seda de garbadine azul. Os olhos pin

Miss Crawfo

rian par Joan Crawford

a Joan Crawford, agora da Warner Bros., apresenta aqui êste lindo
eto de sala ampla, de lã mes e azuls, franzida á cintura. Blusa de jersey
eme. Mangas curtas com elastico. Colar de ouro com pequenos strass.
grande elegancia para o E' feito em duas peças, de pesado crepe branco.
ttas de vidrilho. Adaptado este modelo para o guarda-roupa particular da
Outro modelo para jantar tudo elegancia. E' um "duas-peças" em pesado
bordado com lantejoulas ...tas. Decote alto, aba da jaqueta com ligeiro
reta abrindo pouco abaixo ...ão. — Finalmente uma original blusa de seda
eta de garbadine azul ... Os ônes pintados na blusa pertencem á pequena
Miss Crawford ...tante interessante não?

PARA AS FESTAS DA PRIMAVERA

Irene a famosa figurinista de Hollywood, é a creadora destes 3 lindos modelos aqui apresentados. — Maravilhoso modelo de rendas creado pela famosa figurinista da MGM, para Pat Kirkwood. E' em renda azul claro, corpete muito justo, grande decote, saia bastante armada e duas grandes rosas de tafetá rosa vivo aplicadas na mesma. — E' de "mousseline" côr de café com leite êste modelo que a encantadora Lina Romay, também da MGM, exibe. O decote é grande e um drapeado da própria fazenda forma uma gola que é arrematada na frente com um apanhado de rosas de tons vivos. Saia ampla com um babado curto na frente e que vão até o chão atrás. — Modelo para a noite, desenhado por Irene, especialmente para Lucille Ball. E' feito em organza de seda rosa muito pálido, saia "godet" formando pequena cauda. Grande babado na saia, também em "godet". Jaqueta de renda com gola alta; mangas fartas presas nos pulsos com fitas de veludo.

NOIVAS DA PRIMAVERA

SUGESTÕES admiraveis de Hollywood para as noivas de todo o mundo! "Posadas" pelas mais belas celebridades da terra do cinema, aqui apresentamos ás nossas leitoras o que de mais "chic" já foi creado, para o grande dia, pelos mais famosos costureiros de Hollywood.

Em primeiro logar temos a deliciosa Ginger Gogers num magnifico traje de setim, de linhas sobrias e distintas. O único ornamento é o "cordonnet" que guarnece a gola e a cintura. "Bouquet" de orquideas artificiais. Á cabeça, corôa de inspiração russa, com pérolas e pedras: Grande véu de "tulle". — E agora, temos Shirley Temple num suntuoso vestido de renda. Corpo e mangas bastante justas. Saia ampla, com anquinhas, terminando em cauda. Véu de renda finissima. "Bouquet" de gardenias e lirio do vale. — Êste é de organza ,evissima. Usa-o Laraine Day. O corpo é curto e justo. **Na saia**, grande babado super-posto, com bordados em prata. O mesmo bordado na blusa. Saias de tarlatana armam o vestido. Véu curto de "tulle". "Bouquet" de pequenas rosas e lirio do vale. — Todo em "tulle" é êsse elegantissimo modelo usado por Loretta Young. Corpo baixo, bastante ajustado. Gola alta com ligeiro "drapé". Saia bastante armada, com grande babado armado, mais longo atrás. Véu curtissimo também de "tulle". "Bouquet" de orquideas. E finalmente, uma noiva original. Ela é Maurreen O'Hara, que assim aparece em "Sinbad, o marujo". O noivo feliz é Douglas Fairbanks Jr. A "tolilette" é em brocado e ouro, bordado a pérolas e pedras. Grandes esmeraldas são aplicadas em toda a saia e na faixa em ouro que a guarnece. O véu é de "chifon", com barra de ouro e salpicado de pérolas e lantejoulas. Deslumbrante e suntuosissimo, não? Mas pesa "apenas" seis quilos o brilhante "toilette" de Miss O'Hara!

(Fotos da RKO Rádio)

de peque-
usado por
apé". Saia
imo também
é Maurren
s Fairbanks
esmeraldas
de "chifon",
e suntuosis-
ss O'Hara!

Rédito)

Na página ao lado: — Martha Vickers, "estrelinha" da Warner Bros, apresenta ás nossas leitoras um sugestivo "negligée" de crêpe romano rosa-palido, com fôrro de setim da mesma tonalidade. Grande gola de rendas, com fita enfiada. Mangas largas, ajustadas com punhos de rendas. Ao alto á esquerda: — Para usar sobre a camisola de noite Mary Jane Harker sugere êste suntuoso casaco em setim "lingerie", enfeitado com plumas de avestruz. Á direita: — Conjunto para usar em casa, de tropical azul marinho. A jaqueta é sem gola e sem mangas e, sob a mesma, graciosa blusa de sêda branca com franzidos na gola. Usa-o Martha Vickers, da Warner Bros.

A elegancia começa dentro de casa

PARA OS DIAS QUENTES DA PRIMAVERA

HA, durante os mêses da Primavera, dias quentes como os de verão, para êsses dias, selecionamos êstes modelos simples e praticos: Á esquerda — Peggy Knundsen, da Warner Bros., exibe um figurino de linho preto e branco, com mascaras indigenas estampadas. Para as tardes mais frescas, ela completa a "toillette" com um boléro de linho preto. Ao alto: — Modelinho de algodão quadriculado, em diversos tons de azul. Sugestão de Brenda Joyce, da Universal. Em baixo: — Martha Vickers, da Warner Bros., veste êste bonito tipo de jersey estampado e liso. O pequeno bolero tem as mangas forradas por babados "godet". O mesmo babado é também aplicado na saia.

PENTEADOS

★

A influencia chineza é demonstrada nêste interessante penteado usado por Joan Chandler, "estrelinha" da Warner Bros.

O cabelo é levado para cima, tem uma franja "enrolada" sôbre a testa e dois grandes "boucles". Bolas douradas e um moderno pregador, enfeitam este penteado, aconselhado para jovens de rosto fino, e que será de grande efeito para um jantar, um teatro ou qualquer outra reunião mundana.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tonico poderoso

PARA A TARDE

Creação de Irene, para Kathyrn Grayson, da MGM. É feito em gaze marron sobre fundo de setim beige. A cintura é feita em pesado crepe marron e com êsse mesmo tecido são feitas as tulipas que são aplicadas sobre a blusa e sobre a saia.

PETROLINA MINANCORA

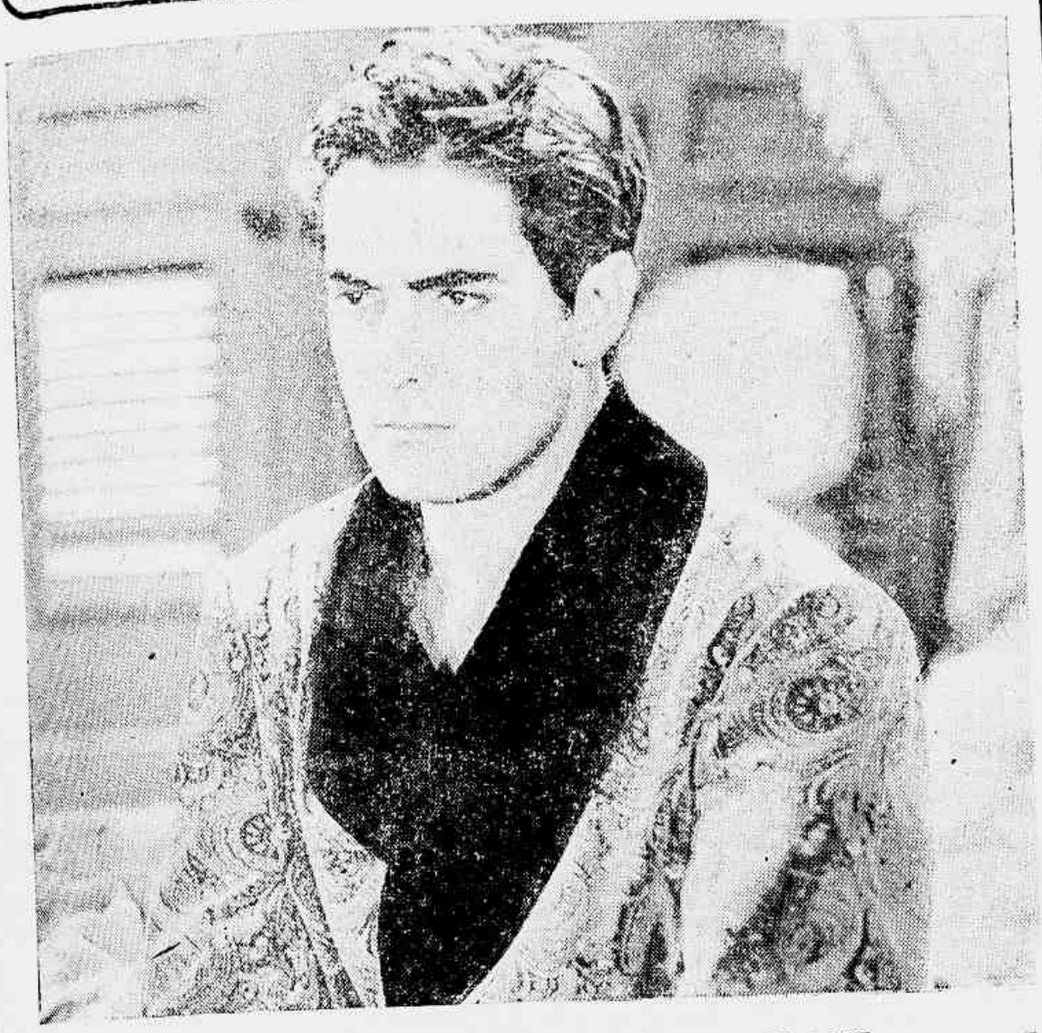
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA

INFALIVEL NA CÁSPA, QUÉDA DOS CABELOS e demais Afecções do Couro Cabeludo

CINEMA



ASAS DE HOLLYWOOD PARA O BRASIL

PELA primeira vêz, um "astro" cinematográfico cumpre a promessa de voltar ao Rio. Invariavelmente êles não dizem "Adeus", mas "Até breve", um breve que não se realisou ainda em nenhum caso...

Assim fizéram: Ramon Novarro, George O'Brien, Lew Ayres, Douglas Fairbanks Junior, Jan Kiepura, Martha Eggerth, Sonja Henie, Clark Gable, Walter Disney, Lupe Velez (já falecida), Errol Flynn, John Boles, e quasi uma duzia de outros. A mais recente visita de uma "estrela" de Hollywood foi Lana Turner, que também seguiu o exemplo dos antecessôres e afirmou ir saudosissima da Quitandinha... Pois a menina deu pêzo: a Quitandinha mudou logo após ter hospedado a artista da Metro...

Agora, com surpresa geral, éis que Tyrone Power anuncia sua volta! Ainda que êle venha a passar um dia, apenas, no Rio, terá sido para todos os efeitos o primeiro "astro" cinematográfico que voltou, excepção feita para José Mojica. Mas o atual monje do Mosteiro de N. S. de Guadalupe, veio por três vezes, em excursões profissionais, na qualidade de cantor. Êra diferente.

★

Com Tyrone Power vem Cesar Romero, a quem podemos apelidar desde agora o "can-can" das morenas. Quem o conhece apenas através de seus filmes, terá uma impressão diferente dêsse rapaz espigado, de olhos maliciosos e bôca bem rasgada. Na téla, dá-nos a idéia de um bilontra de marca, tipo acabado do conquistador profissional. Mas, segundo informou o nosso companheiro Celestino Silveira, que têve ocasião de o conhecer pessoalmente em Nova-York quando ali fez a sua viagem em março último, Cesar Romero é outra coisa em pessôa. Êle residia então no mesmo edificio de apartamentos da Quinta Avenida, onde Carmen e Aurora possuem sua residencia permanente em Nova-York. E estavam reunidos quasi todas as noites. Pouco antes, Cesar Romero havia estado em Washington, participando das comemorações natalicias do saudoso Presidente Roosevelt.

Pois, senhoritas fans do "caballero" Romero, a verdade é que ao natural, o nosso heroi se apresentava como um rapaz tímido, inteiramente retraído, simplorio. Recolhia-se aos seus aposentos por volta das vinte e duas horas, não perdia tempo em noitadas e fugia, apavorado, da investida feminina. Êle e um irmão, fazem parte da comitiva que está voando no aparelho particular do marido de Annabella, enquanto êste acumula as funções de piloto. Vem ainda um jornalista "yankee" cujo nome não foi por enquanto divulgado, e outros tripulantes para auxiliarem Tyrone Power. O avião deve ter saído ha uma semana, dos EE.UU., mas só estará em nosso capital dia 11 ou 12 de setembro, pois vai escalar por vários países do nosso continente.

☆

Em dezembro, faz oito anos que Tyrone e Anabella se encontraram no Rio. Ela viéra dias antes, via maritima, êle de avião. Ainda Annabela estava sem ter resolvido seu caso matrimonial primitivo, mas aqui vivêram as primicias do seu artistas. Houve cachorros policiais soltos idilio, na praia de Paquetá, onde o saudoso Darke de Matos hospedou o casal de naquela propriedade, impedindo que as lanchas dos reporters atracassem na ilha, houve visitas poéticas á Pedra da Morenina, houve muitas sensações... Pouco depois, casavam-se, Tyrone e Annabella, em Hollywood. Certamente, agora, por mais curta que seja a sua permanencia no Rio, o galã de "No velha Chicago" ha de arranjar duas horas para visitar a ilha do desaparecido "sportman" patricio. E ha de ter saudades, porque oito anos passaram, oito anos que jamais voltarão...

— SERGIO LUIZ.

Tyrone Power (em cima), num instantâneo sem preocupação de "maquillage", e Cesar Romero durante uma de suas viagens aéreas.

Graças ao uso do Leite de Beleza
MADRESELVA

Um tratamento habitual com o Leite de Beleza MADRESELVA dará á sua pele a frescura e a maciez das petalas da camelia. O Leite de Beleza MADRESELVA está sendo usado pelas senhoras e senhoritas elegantes com surpreendentes resultados. Complete a sua toilette com o Pó de Arroz e a Agua de Colonia MADRESELVA, produtos de fina qualidade.

Peça ao seu perfumista Extratos MADRESELVA produtos de classe a preços convidativos.

Produtos MADRESELVA

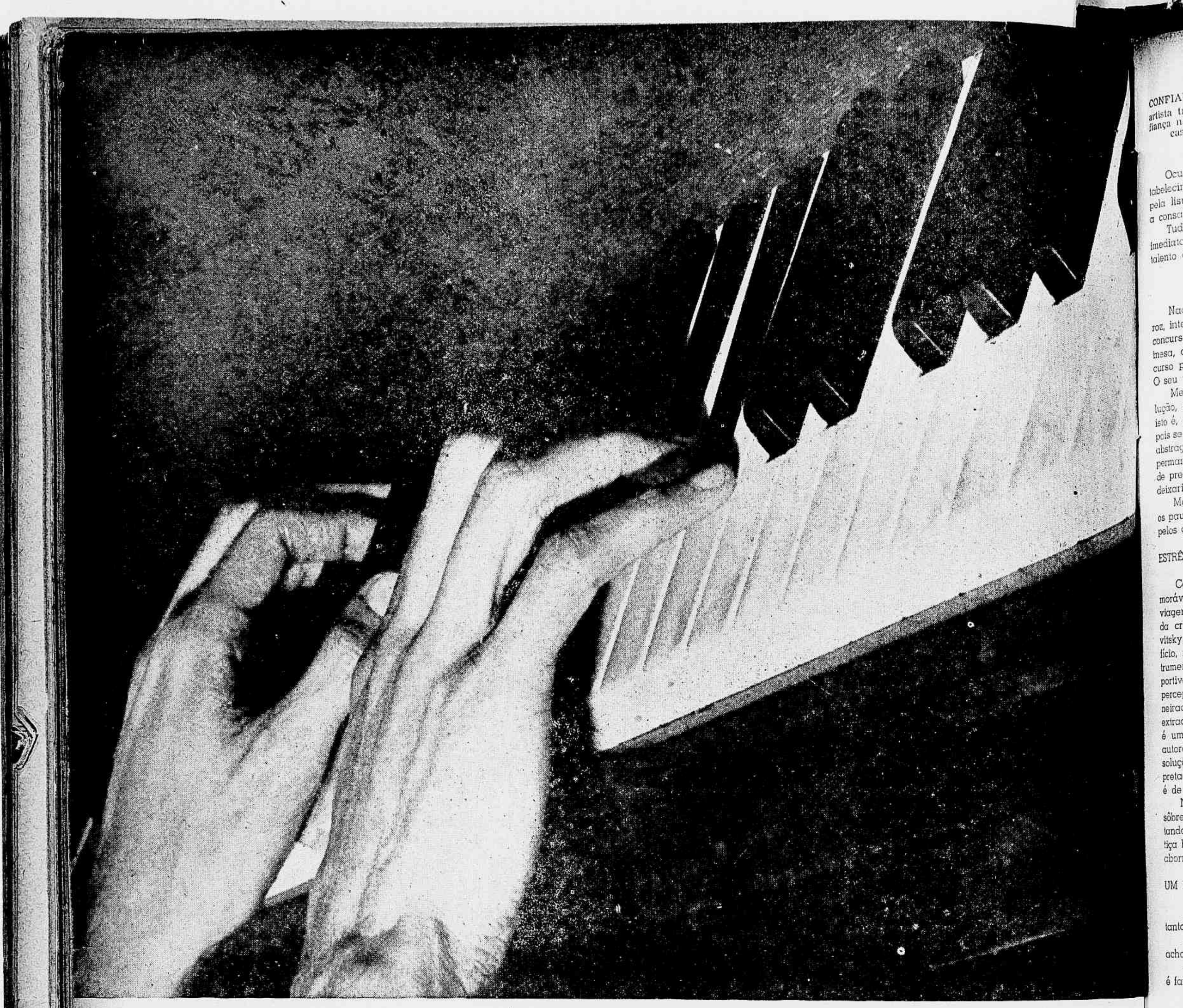
Representantes exclusivos para todo o Brasil:
REPRESENTAÇÕES CIVIA S. A.
Avenida Rio Branco, 311 (Edificio Brasilia) 2.º andar - Tel. 22-1848 (Rede Interna)
FILIAIS: Em São Paulo: Avenida Ipiranga, 795 - Tel. 6-3931
Em Niterói: Rua Vde. do Uruguai, 485 - Tel. 2-2437

ESBF

A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma côr que realmente sugere o seu proprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.

a côr moderna adequada ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação - pó facial e "rouge" atomizado



AS MÃOS DO ARTISTA — Aqui está um expressivo "close-up" das mãos do artista. Estas mãos tocaram concertos com regentes dos mais famosos do mundo, — com Koussevitsky, Goossens, Bruno Walter, Mitropoulos Ormandy e outros. E enquanto Arnaldo Estrêla nos falava, elas percorriam inquietas o teclado do "Pleyel" (seria em busca da chamada "nota azul" de Chopin?) até deterem-se num acorde de dominante, onde a objetiva os surpreendeu, rapidamente, porque logo depois o pianista, com o seu considerável domínio da técnica, divertia-se em fazer de improviso a transcrição de um Quarteto de Mozart.

"A CESAR O QUE É DE CESAR"

Arnaldo Estrêla, classificado em 1.º lugar num concurso para catedrático da E. N. M., até agora não foi nomeado — Falam artistas e críticos sôbre o caso — "É um jogo desleal" — diz Sá Pereira. "Mais do que o julgamento, a autenticidade do valor de sua personalidade artística", fala Ayres de Andrade. "O que não se compreende são essas delongas e chicanas", acentua Eurico Nogueira França

Ainda não adquirimos no Brasil o respeito às decisões das bancas examinadoras. Sem temor de uma contestação, pode, quem pretender analisar a fundo o problema, lançar de público um desafio à existencia de um juiz de valores intelectuais e artísticos virgem de uma acusação de iniquidade. Ninguem escapa à maledicência, à má fé, ao despeito, aos melindres, a toda sorte de susceptibilidades que reagem às vezes de forma contundente, às vezes com o ódio e o veneno instilados nos círculos de relações da vítima, na maioria dos casos denunciando a ausência da serenidade que se traduz por um sorriso em face do insucesso.

Há criaturas que nas relações com os seus semelhantes não sabem se manter acima dos interesses pessoais, mesmo quando êles se esboroam diante de realidades iniludíveis, quando deviam ceder lugar aos fatos consumados e às decisões consagradas pelo consenso unânime, pela justiça. Há criaturas que não sabem perder. Talvez, essa atitude seja defensável pelos que encaram o sucesso pessoal com uma obstinação que não deixa considerar na devida importância os direitos dos outros. Mas isto significa a defesa do egoismo e, francamente, é uma causa ingrata.

DESDE OS BANCOS ESCOLARES

Desde a idade escolar, começam os protestos dos insatisfeitos com os resultados dos cotejos de valores. As provas e exames são motivos constantes de reclamações contra as "injustiças" e as "perseguições" que invalidaram o esfoço de verdadeiros talentos da "cola". E como, por sentimentalismo ou em virtude de interferências prestigiosas, os "prejudicados" entram no goso de resultados que jamais conseguiriam de direito, vão se habituando a reclamar contra os outros por causa dos seus próprios fracassos.

Graças a essa política, o Brasil vai acumulando inaptidões no desempenho de funções públicas às vezes de extraordinária repercussão sobre o futuro do país.

OS CONCURSOS PARA PROFESSORES DA E. N. M.

Os concursos para a nomeação de professores da Escola Nacional de Música, desde o tempo em que se chamava Instituto, têm originado acusações à honorabilidade das bancas examinadoras.

Conheço artistas de responsabilidade que jamais participaram de uma mesa julgadora na Escola Nacional de Música. A experiência tem-lhes demonstrado que nenhum juiz foge à regra geral na condenação por parte dos candidatos derrotados. E como onde há um vitorioso, haverá necessàriamente os vencidos, a atitude mais cômoda é [illegible] entre os eternos "incompreendidos".

ANTEDENTES DE UM CONCURSO

Em 1941, foram abertas as inscrições para a cátedra de piano do curso superior da Escola Nacional de Música. Inscreveram-se vários candidatos.

De acôrdo com as normas que regem a realização de pleitos dessa natureza, alguns dos nomes indicados para figurar na banca foram impugnados por esta ou aquela razão, procedendo-se às substituição necessárias até que ficou constituida pelos professores Manoel Augusto (Recife), Waldemar de Almeida, (Natal), Fernando Coelho (Belo Horizonte), e Antão Soares e Orlando Frederico pela Escola Nacional de Música.

O concurso realizou-se em dezembro de 1945, sem que tenham surgido contestações em torno da honorabilidade dos julgadores ou outro qualquer outro impedimento.

1.º LUGAR POR UNANIMIDADE

De acôrdo com os resultados obtidos durante a realização das provas que foram públicas, ficou patenteada a superioridade das aptidões demonstradas por um dos candidatos. E todos os membros da banca se manifestaram sem hesitação. Arnaldo Estrêla foi classificado em primeiro lugar por unanimidade.

CONFIANÇA E SERENIDADE — A fisionomia do eminente artista traduz, dentro da serenidade da expressão, a confiança na justiça que há de prevalecer para a solução do caso, e a decisão de lutar pelos seus direitos.

Ocupando-se do assunto, a Congregação daquêle estabelecimento superior consignou em ata um voto de louvor pela lisura com que se houve a mesa, ratificando assim a consagração da unanimidade.

Tudo parecia indicar que a Escola passaria a contar, imediatamente, com a contribuição da experiência e do talento do grande virtuose.

UM RECURSO CONTRA O RESULTADO

Nada disso. Um dos candidatos, a sra. Isa de Queiroz, interpôz um recurso pretendendo anular a validade do concurso, sob a alegação de que um dos membros da mesa, o professor Antão Soares, não podia julgar um concurso para a escolha de um professor do curso superior. O seu voto estaria, pois, sem efeito.

Mesmo assim, o caso ainda nos parecia de fácil solução, na hipótese de que viesse a ser aceito o recurso, isto é, a escolha de um candidato para determinado cargo, pois se os 5 votos escolheram o mesmo candidato, fazendo-se abstração de um dêles, o resultado visado pelo concurso, permanecia inalterável em sua essência. E como é fácil de prever, nem mesmo a consagração da unanimidade se deixaria afetar.

Mas não foi o que aconteceu. A burocracia "mexeu os pausinhos" das delongas sem fim, e a cousa bola e rola pelos gabinetes e secretarias há nada menos de oito mêses.

ESTRÊLA NÃO É ELOQUENTE, FALANDO DE SI MESMO

Conhecemos o pianista Arnaldo Estrêla desde o memorável concurso Columbia em que êle ganhou o prêmio de viagem aos Estados Unidos, onde conquistou os louvores da crítica, tocando com Bruno Walter, Goosens, Koussevitsky, Ormandy, etc, não é um pianista de fogos de artifício, não é um malabarista que se diverte com o seu instrumento para arrebatar multidões no jogo meramente esportivo de escala e oitavas brilhantes, de pianíssimos imperceptíveis, de saltos espetaculares e de cruzamentos amaneirados, pelo simples prazer físico de exibir uma técnica extraordinária que todos lhe reconhecessem possuir. Mas é um artista que reputa em alto grau a fidelidade aos autores que toca, conciente, aprofundado na pesquisa de soluções inteligentes e adequadas aos problemas de interpretação das criações artísticas, e dentro dêsse critério, é de uma eloquência respeitável.

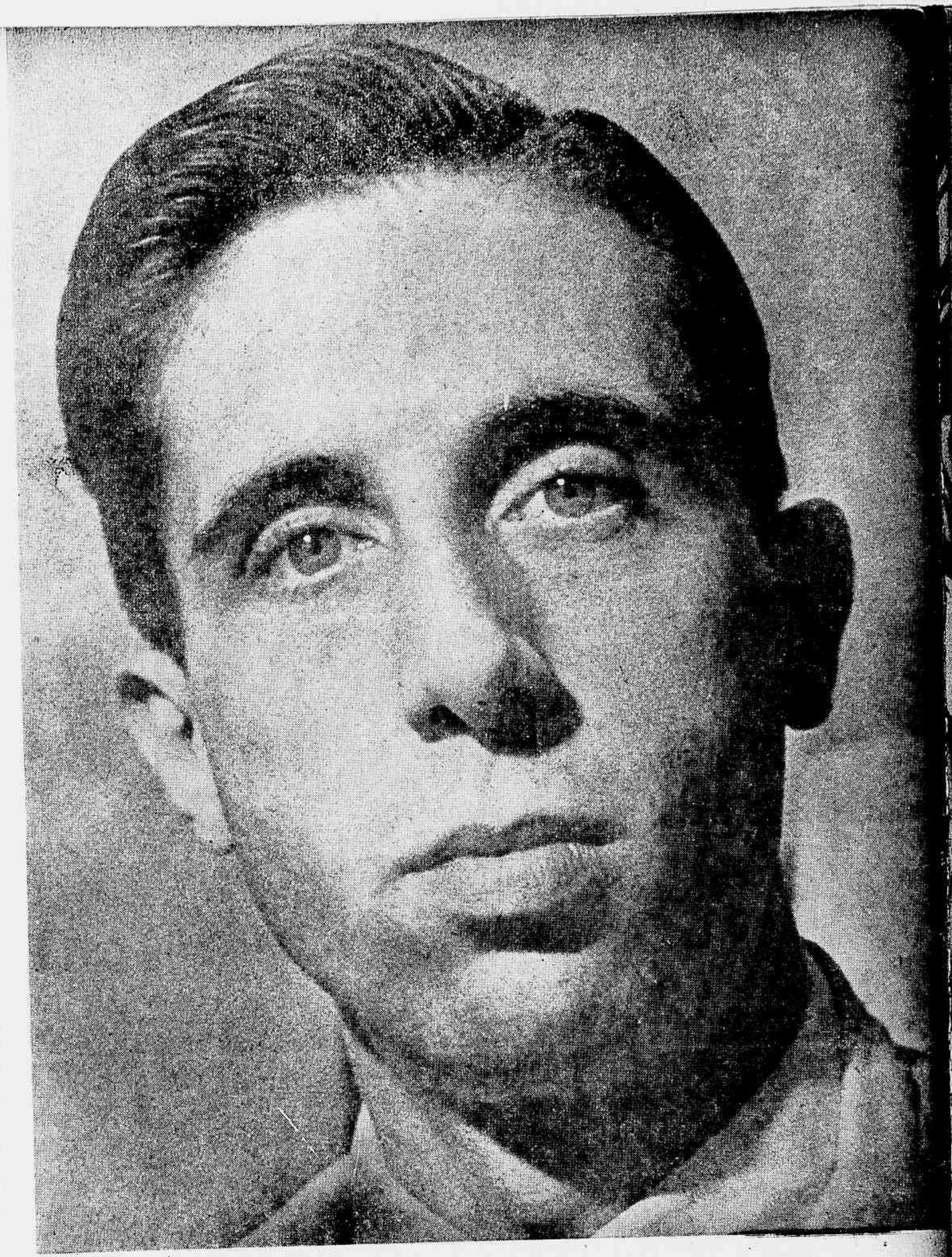
No entanto, quando lhe propuzemos dizer alguma cousa sôbre o momentoso caso do seu concurso, esquivou-se, limitando-se a princípio a exprimir a esperança de que a justiça haveria de triunfar. E com isso estaria compensado dos aborrecimentos que lhe tem causado o assunto.

UM PARECER DO C. N. E. QUE INVALIDA O RECURSO

A insistência (que é uma virtude) do reporter, entretanto, conseguiu algumas palavras do artista.

— Você está ao corrente do que tem acontecido. Não acha desnecessária a minha opinião?

— Não. Há um recurso contra um resultado que lhe é favorável. Acha que êle tem fundamento?



— Quanto a isso, não. Porque há um parecer do Consêlho Nacional de Educação, datado de 1937, exarado em resposta a uma consulta do reitor da Universidade do Brasil sôbre assunto idêntico. Êsse recurso foi homologado pelo Ministro da Educação e continua, é claro, produzindo os seus efeitos quando invocado para os casos semelhantes. Além disso, o recurso peca pelo fato de não ter sido apresentado antes sob a forma de impugnação, dentro das normas da lei. Se o professor Antão Soares não podia fazer parte da banca, como alega a recorrente (alegação invalidada pelo disposto no referido parecer do C. N. E.), ela deveria ter-se manifestado a respeito, antes das provas, afim de que pudéssemos aceitá-lo como providência sincera e de bôa fé.

NÃO É A PRIMEIRA VEZ

Propomos a Arnaldo Estrela dizer qualquer cousa a respeito de uma vaia com que teria sido premiado o professor Manoel Augusto, por sugestão da candidata d. Isa de Queiroz, mas êle se absteve de qualquer comentário, como também não quis referir-se a um semelhante ao seu, por ocasião do concurso em que foi classificado o professor Custódio de Góis, cujo resultado foi impugnado pela mesma sra. Isa de Queiroz, que conseguiu apenas o 3.º lugar e queria ser nomeada.

— Não é a primeira vez que isso acontece.

E o consagrado pianista que há muito vinha percorrendo o teclado à procura de uma sugestão para a sua fome insaciável de música, deteve-se num acordo e começou a transportar para o piano um trecho de um Quarteto de Mozart. No valia a pena perguntar mais nada. Depois atacou uma sonata de Beethoven e já agora, nem mais se ouvia o "clic" da "Exakta". Dera-se o milagre: Vieira encostou a máquina para um canto e aderiu à música.

O TRIO É MERA COINCIDÊNCIA — Embora seja um camerista de grandes méritos, no momento em que o surpreendemos, in companhia de Santino Parpinelli e Aldo Parisot, o pianista estava apenas conversando. Se, algum dia êles constituirem um trio, esta será a primeira fotografia do conjunto.

"MAIS DO QUE O JULGAMENTO, A AUTENTICIDADE DO VALOR"

Procurámos ouvir a opinião do crítico Aires de Andrade, do "O Jornal". Fazendo apenas uma restrição para a fotografia porque, como disse, "o crítico deve ser fisicamente desconhecido... por precaução", o nosso confrade assim se expressou:

"As razões invocadas na tentativa de anular o concurso em que Arnaldo Estrela obteve vitória justa, clamorosa, indiscutível, fossem elas mais dignas de consideração do que realmente o são, jamais poderiam atender contra a circunstância por demais evidente de que se trata da pessôa a naturalmente indicada para ocupar o lugar que se lhe pretende contestar, espero que sem êxito, a bem da lógica e da razão.

O concurso a que êle se submeteu confere-lhe o direito à posse da cátedra.

Porém, mais do que o julgamento ratificado por pessôas de comprovada autoridade no assunto, fala em favor do interesse que há em fazê-lo ingressar como mestre na Escola Nacional de Música, a autenticidade do valor da sua personalidade artística, demonstrado no exercício público de um mistér em que êle se tem afirmado como um dos elementos mais representativos e eficientes da nossa cultura músical.

"A SUA VITÓRIA É INCONTESTÁVEL"

Precisávamos de uma opinião de um artista. E ninguem melhor indicado para dá-la, em face de caráter de insuspeição, do que um dos concorrentes que tomaram parte no concurso para professor da E. N. M., ou no concurso da Columbia Concerts. Um encontro com Mário Neves, pianista de mérito, candidato ao prêmio de viagem aos Estados Unidos, deu-nos a oportunidade. "Reveste-se de tamanha força e prestígio a personalidade artística de Arnaldo Estrela — diz Mário Neves — que se torna uma simples formalidade a exigência do concurso para sua nomeação como catedrático de piano na Escola Nacional de Música.

A sua vitória é incontestável e a E. N. M. está de parabens por ter a honra de incluir êsse grande artista entre os seus ilustre mestres".

"PREFIRO HISTORIAR O CASO"

O crítico músical Eurico Nogueira França, do "Correio da Manhã", abordado pelo reporter, assim se manifestou, demonstrando estar perfeitamente identificado com o caso:

"Prefiro historiar o caso, em linhas gerais, desde o seu início. Há cinco anos, abriram-se, na Escola Nacional de Música, as inscrições de um concurso para duas cátedras de piano. O tempo correu, sucederam-se as coisas na face da terra, ora simples, de todos os dias, ora terríveis, e só o concurso não se efetuava. Afinal, no extremo de uma cadeia de dilações injustificáveis, que demonstra como certos professores interinos da Escola se defendem de perder os seus lugares, a série de provas do concurso passou à categoria dos fatos consumados, com a sua realização, em dezembro de 1945. Mas até hoje, os concorrentes vencedores, que são os dois primeiros colocados — cumprindo ressaltar que o ilustre pianista Arnaldo Estrêla distanciou-se, por uma larga margem, na candidata classificada em segundo lugar — ainda não entraram no exercício das suas cátedras por causa dos embargos e manobras de uma das concorrentes, professoras interina da Escola Nacional de Música, d. Isa de Queiroz, baseando-se na alegação de não pertencer um dos componentes do juri, o clarinetista Antão Soares, ao magistério superior, ou seja, ao curso universitário da Escola.

Na verdade, porém, o recurso interposto por d. Isa de Queiroz não tem amparo legal, pois a distinção entre cursos universitários e não universitários, na Escola Nacional de Música, diz respeito, apenas, ao corpo discente. Por conseguinte, o professor Antão Soares, de acôrdo aliás com um parecer homologado pelo Ministro de Educação, e ainda em obediência aos precedentes que se estabeleceram na Escola Nacional de Música, estava tão indicado para integrar a banca examinadora como qualquer um dos seus colegas. O que não se compreende, merecendo reprovação severa, são essas delenguas e chicanas, com as quais sofrem grandes prejuizos os candidatos vencedores, e o próprio ensino do piano".

"EM CONCURSOS SÓ SE ARRANJAM INIMIZADES"

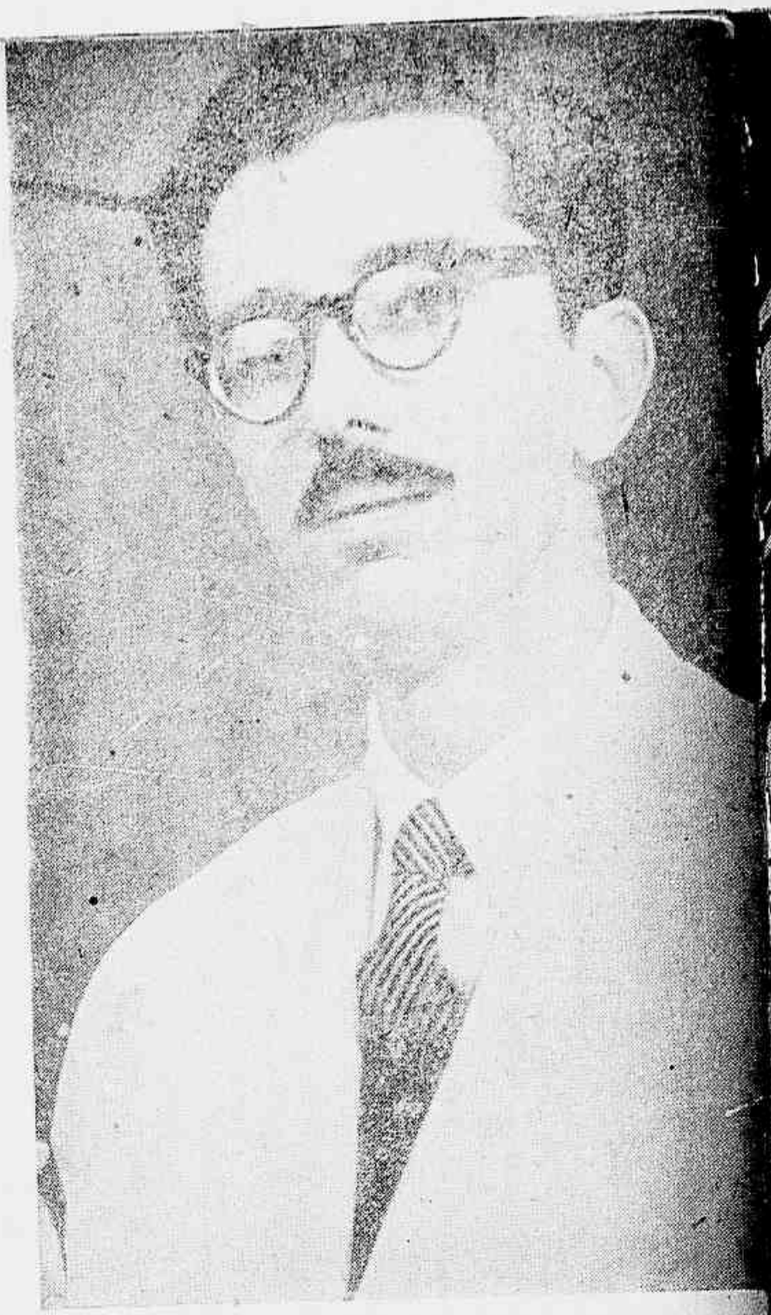
O Maestro Lorenzo Fernandez é um nome que dispensa apresentações. Um dos nossos maiores compositores, ligado por sua atividade criadora ao movimento de renovação da expressão musical genuinamente brasileira, o autor de um dos mais ricos e viçosos filões do nosso patrimônio artístico, no terreno da música de câmara, popularizado ainda atravéz das suas inúmeras obras de para piano, inclusive pelas colunadas **Valsas suburbanas** que as alguma das nossas pianeiras se acham com o direito de tocar o mais "suburbanamente" possível, — era uma pessôa sobremodo recomendada para depor em nosso "enquête", levando-se ainda em consideração que êle participou do juri do concurso da Columbia Concerts, em 1942.

— O que eu posso dizer a respeito é que acho justa a decisão da banca examinadora. Aliás, êsse ponto de vista já o manifestei de modo categórico, quando participei da reunião da Congregação da Escola votando em favor daquêle resultado. Depois disso, quasi nada poderia adiantar.

— Mas quanto ao recurso interposto contra o resultado?

— Recursos, sempre houve e haverá, enquanto houver concursos. A verdade é que alguém há de conquistar o

CHEGOU A HORA DO FOTÓGRAFO — O nosso companheiro de trabalho não é muito dado a Beethoven. De maneira que exigiu de Arnaldo Estrêla uma demorada firmata afim de que êle pudesse trabalhar com calma. A fotografia não saia má porém a intrepretação da peça ficou prejudicada em sua integridade. Para Arnaldo (Arnaldo Vieira, o nosso companheiro, bem entendido) o essencial era o retrato e como estamos no momento das reivindicações da imprensa, a cuosa se justifica. Durante um concerto, a pretensão seria descabida mas aqui estávamos em família.



TRÊS DEPOIMENTOS SÔBRE UM CONCURSO — O Maestro Lorenzo Fernandez, com a sua autoridade de catedrático da Escola Nacional de Música e de grande compositor, o pianista Mário Neves, ex-concorrente ao prêmio de viagem aos Estados Unidos (de que foi vencedor Arnaldo Estrêla) e o crítico musical do Correio da Manhã, Eurico Nogueira França, exprimiram a sua convicção de que a decisão da banca examinadora do concurso para catedrático de piano da E. N. M. encerra um ato de justiça e que o recurso interposto contra o mesmo é infundado.

primeiro lugar. E infelizmente, nem sempre os demais têm a necessária serenidade para tomar conhecimento do seu insucesso. Tenho participado de bancas examinadoras na Escola Nacional de Música e todas as vezes tenho arranjado inimizades. A última vez foi por ocasião do concurso Columbia para outorgar o prêmio de viagem aos Estados Unidos a um pianista brasileiro. Como é sabido, nós os componentes do júri fomos até ameaçados de espancamento e de morte. Tivemos que sair da sala de julgamento sob a proteção das autoridades. Lembro-me de que para evitar quaisquer dúvidas sobre a minha atitude, dei o meu voto por escrito, expondo-me assim à fúria dos insatisfeitos. No entanto, fossem quais fossem as conseqüências, eu estaria plenamente compensado porque votei de acôrdo com a conciência.

— E depois?

— Depois, eu não aceitei mais uma incumbência dessa natureza. Considero muito honrosa a função do júri de um concurso. Mas essas questiúnculas amolam muito.

JOGO DESDEAL

O professor Sá Pereira, ex-diretor da Escola Nacional de Música, era uma autoridade indicada para falar sôbre o assunto. Autoridade reconhecida que é no ensino de piano, sua opinião seria, nêsse particular, de apreciável valor. Mas êle preferiu abordar outro aspecto da questão e assim falou:

— Acho que o recurso com que se pretende invalidar o concurso para catedrático de piano da Escola é inteiramente destituído de fundamento. Basta a circunstância de ter sido impugnada a participação do prof. Antão Soares sòmente depois da realização das provas, quando o direito era fazê-lo antes para trair má fé com que agiu a recorrente.

Primeiramente, sou contra êsse mau hábito de invocar detalhes insignificantes de ténica administrativa para prejudicar a realização de um trabalho importante. E além disso, no caso em questão, segundo o modo de pensar da querelante havia uma irregularidade na constituição da banca. No entanto, ela preferiu silenciar a respeito. Escondeu uma carta para depois. Fez um jogo desleal.

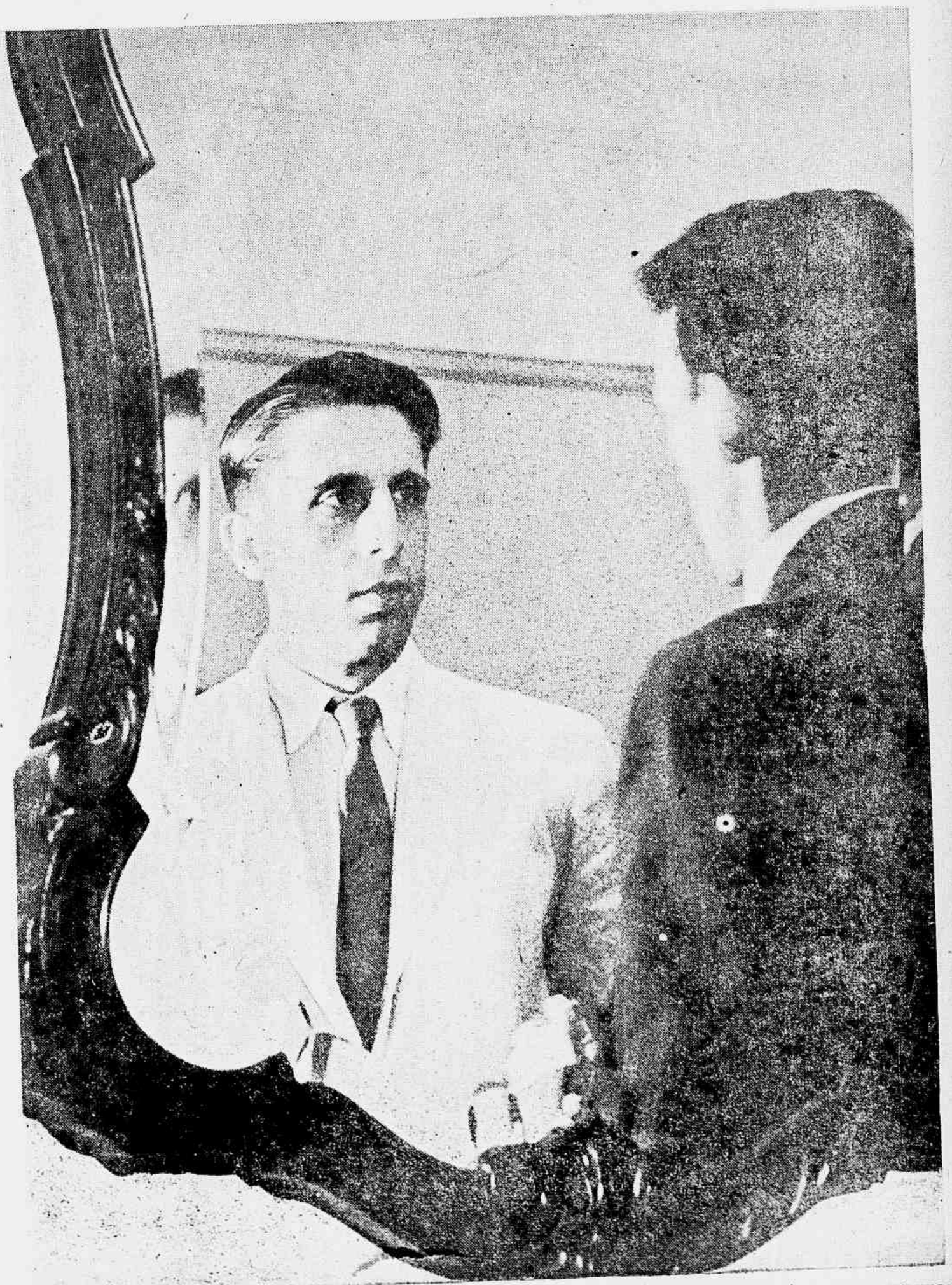
"VOCÊ ESTÁ ATRAZADO. O CASO JÁ FOI RESOLVIDO"

No momento vinha chegando o Maestro José Siqueira, todo "made in U. S. A.", de casaco-esporte americano, eufórico como um grande da Wall Street nos grandes dias da Bolsa de Títulos. Quem o visse, jamais se lembraria de "Festa", "Senzala", ou da Guriatan do Coqueiro.

De maneira que foi com certa timidez que lhe dirigimos a palavra em português. Mas felizmente o homem entendeu. Entendeu e voltou a ser o paraibano simples e camarada de todos. E entusiasmado.

— Qual! Que recurso que nada. Você está é atrazado. Não leu ainda o despacho favorável a Arnaldo?

(Continua na pág. 50)



O ARTISTA LUTA PELOS SEUS DIREITOS — Arnaldo Estrêla acha que o artista de hoje não é mais aquela criatura sonhadora e isolada do mundo real [illegible] no século XVIII. E' dentro dêsse critério, está decidido a defender os seus direitos.

Os noivos.

O Anel Nupcial.

ENLACE MATRIMONIAL

MARIA ADELAIDE DA SILVA NOVAES

JOÃO AMORIM DE SOUZA

A noiva entrando na igreja pelo braço de seu pai.

No Altar, vendo-se da esquerda para a direita: Snr. Evaristo Novaes, D. Maria da Conceição Novaes, Dr. Pedro da Cunha, D. Lola Ribeiro de Souza, os Noivos, snr. Liedrichen e D. Izaura Souza Alves do Rego. Á frente, duas demoiselles d'honneur.

★

REVESTIU-SE de rara belesa e imponente solenidade a cerimônia religiosa do casamento da senhorinha Maria Adelaide da Silva Novaes, filha do Sr. Evaristo Maria de Novaes, director do Banco Português do Brasil e chefe da firma Tecidos Novaes Limitada, e sua esposa, D. Maria da Conceição Silva Novaes, com o Sr. João Amorim de Souza, importante industrial em São Paulo.

Do ato civil haviam sido testemunhas o Sr. Aventino Fernandes Carvalhal Lage e D. Maria de Lourdes Carvalhal Lage, Sr. Eurico Correia Salgado e D. Ignez Correia Salgado. No casamento religioso, efetuado na igreja de N. S. da Glória do Outeiro, foram padrinhos o Dr. Pedro da Cunha e D. Lola Ribeiro de Souza, Sr. Ernesto Diedrichen e D. Isaura Souza Alves do Rego.

No palacete de residência dos pais da noiva, à praia do Flamengo, houve depois uma recepção a que compareceram, além do Embaixador e do Consul Geral de Portugal e doutras pessoas gradas, representantes do alto, comércio, da indústria e da finança, bem como numerosas famílias das mais distintas da nossa sociedade.

★

A noiva parte o bolo tradicional.

Grupo fixado após a missa na Igreja de Santa Cruz.

MAQUINAS PARA A INDUSTRIA NACIONAL

Uma viagem de negocios para uma obra de vulto

CHEGOU ao Rio, vindo de New York, onde fôra em viagem de negócios, o Snr. Custódio Soares Côrtes, da Fábrica de Escovas Distinta e Sanis, Ltda.

A Reportagem recebeu-o no aeroporto e acompanhou-o ao seu escritório, para colher impressões de viagem. Vejamos o que diz o industrial do nosso século, que sente o progresso e com êle se lança para a vitória da nossa indústria:

— "Passei sessenta dias trabalhando de manhã á noite", foram as primeiras palavras do nosso entrevistado, que prossegue:

— E' tradicional o conceito da firma de que faço parte, perante as maiores indústrias de material plástico dos EE. UU., como sejam: — E. I. du Pont de Nemours, Tennessee Eastman Corporation, Monsanto Chemical, Backelite Corporation, etc. Encontrei um admiravel ambiente, junto a estas importantissimas organizações, sendo que algumas colocaram á minha disposição engenheiros da mais clarificada competência técnica no ramo de plásticos. Foi um singular auxílio, que me proporcionou a conclusão do estudo as necessidades da minha indústria. Acompanhado de um dos meus técnicos, que comigo viajou, visitei o que de mais moderno e importante existe nos EE. UU., em fábricas de plásticos — indústria que hoje atinge naquêle gigantesco país proporções capitais, muito idênticas á do ferro e do aço; fábricas de escovas e fábricas produtoras da mais moderna maquinaria, necessária a esta especializada indústria. Proporcionaram-me tais visitas ensinamentos que me permitiram a escolha da mais moderna aparelhagem que se poderia adquirir, felizmente já a caminho do nosso país, tendo já chegado algumas máquinas ao porto do Rio de Janeiro.

— Entre outros centros industriais americanos, visitei: — Worcester, Boston, Springfield, Clifton, Philadelfia, Chester, Gelead, Rosela, Chicago, Cincinate, Kenton, Racine, Detroit, Tolado, Paterson, Akron, Cleveland, Albany e Kingsport. Por toda a parte observei um incomparavel nivel de ordem, trabalho e afabilidade — caracteristicas marcantes dêsse admiravel povo americano — empenhado com ardôr na fase final de reconversão á sua vida de paz e tranquilidade. Não poderia ser melhor, sobre todos os aspectos, esta minha viagem e os ensinamentos colhidos

A esquerda ao alto, — Um aspecto da assistencia durante a missa. Em baixo, — A entrega de um "Bouquet" á Senhora Custodio Soares Côrtes, por um dos funcionarios da Fabrica Distinta e Sanis, Ltda.

A direita. — Dois aspectos do animado churrasco.

serão altamente proveitosas à industria de que faço parte, com a nova fábrica a inaugurar-se ainda êste ano.

— Em nossa nova indústria — com as obras em conclusão em Santa Cruz, ocupando, com os seus 7 pavilhões, cerca de 8.000 m2, nos moldes das modernas fábricas americanas — nada faltará, seja no que diz respeito á conveniência industrial, seja no que se refere ao conforto dos nossos empregados. A fábrica atual, com cerca de 2.500 m2, depois de reconstruida e adaptada ás suas novas funções, será ocupada com restaurante, vestiarios, créche e serviços médico-dentários para todo o pessoal. Após o 1.º plano de construção, que compreende a nova industria, daremos início a um 2.º plano, que consistirá na construção de uma vila operaria, em grupos de 50 confortaveis residencias, escolas profissional e primária, para aprendizagem dos nossos operários e educação dos seus filhos. Santa Cruz orgulhar-se-á de nosso gigantesco plano de melhoramentos industrial e social. A nossa iniciativa dotará o Brasil de uma importantissima industria de escovas e plásticos, já reconhecida e proclamada nos EE. UU. como o maior empreendimento no genero, fóra daquêle país amigo."

Os nossos leitores tomam assim conhecimento das palavras do industrial Snr. Custodio Soares Côrtes, que, com a sua esclarecida entrevista, nos deu oportunidade de lançarmos uma noticia alvissareira para a industria do Brasil.

UMA FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO SOCIAL NA FABRICA DE ESCOVAS DISTINTA E SANIS

A missa solene marcou o inicio das comemorações dêsse lindo domingo de Agosto. Em frente á Igreja, a Banda Musical Francisco Braga fez ouvir os seus numeros apreciados. Foguetes sobem ao ar. E' um dia de festa, caracterizado pela simplicidade da gente de trabalho. Após a missa, uma colaboradora da Fábrica fez entrega á esposa do Snr. Côrtes de um bonito ramo de rosas, oferecido por todas as suas colegas. Fotógrafos batem chapas. E todos seguem para o local da Fábrica, onde o clássico churrasco aguarda os convidados. São ao todo 500 ou 600 pessôas amigas que participam dêste opulento almoço. Manoel José Fernandes, socio de Custodio Soares Côrtes, teve esta idéia. Foi êle que a lançou e a executou, bem coajuvado pelos seus esmerados auxiliares. Manoel José Fernandes recebeu assim o seu sócio com uma festa original, de confraternização entre empregados e empregadores. São 17 horas. A Banda continua executando os seus sambas e todos dançam. Deixamos Santa Cruz pensando voltar em breve para assistir á inauguração da mais moderna Fábrica do Brasil — uma indústria que é o nosso orgulho.

Em baixo: Vista interna de um dos pavilhões da Fabrica onde brevemente serão instaladas as novas maquinas.

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO
NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SECULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo e Remessa pelo reembolso postal
S. S. Publicidade

E' preciso lembrar!

(Continuação da pág. 5)

na maioria dos casos feitos por quem nasceu fóra do Brasil...

E tudo isso impune, ou quasi impune! E o brasileiro heroico, sufocando a sua dôr, cada dia pior alimentado, cada vêz mais definhando de espirito, de corpo, de alma. Sem pão, nem leite, nem carne, nem manteiga, nem nada para dar aos filhos. E uma nova geração de brasileirinhos sub-alimentada, desnutrida, talvêz muito depressa esfaimada, crescendo para a miséria, sem nenhum ideal.

E a Politica de pé! E os homens que a discutem, fazendo vista grossa aos vitais problemas da nação, do povo, da raça, dos que não tem culpa dessa miseria, e cada qual cogitando da sua situação pessoal. Não faltam os gêneros imprescindiveis para uma bôa alimentação, em casa dos que mais discutem. Faltam na do brasileiro humilde, indefêso, ao Deus dará.

★

É preciso lembrar, sim. Senhores brasileiros, senhores patricios, senhores a quem cabe a responsabilidade da solução de todos êsses problemas, lembrai-vos! Quem ganhou a guerra não fôram Hitler nem Mussolini — mas as Nações Unidas. E nós participamos delas. E nós temos direito a um pouco de pão pela manhã, a um copo de leite durante o dia, a um pedaço de bife ao jantar. Ou não resistiremos mais. Carne não falta nos restaurantes de luxo, onde se paga vinte e cinco cruzeiros por um bife, mas nem todos nós temos vinte e cinco cruzeiros para pagar, senhores que nos governam. Em nossas casas passam-se semanas em que o leiteiro faça áto de presença, e quando se consegue um gênero alimenticio, pago a pêzo de ouro, ainda nos assalta o espírito uma idéia tenebrosa: Não estará envenenado? Não estaremos levando para o alimento de nossos filhos, a morte, em vêz da vida?

E os exploradores enriquecem, senhores patricios. E fingem de inocentes. E cada qual transrére sempre para os ombros de terceiro a responsabilidade da exploração, pregando nos próprios ombros um par de azas...

E os nossos "pracinhas" aí andam, abandonados, enfermos, sem trabalho, desiludidos... Mais desiludidos, coitados, quando se lembram do que lutaram e porque lutaram. No entanto, si hoje dêles exigissem a epetição do sacrificio, novo embarque para o "front", outra separação dos entes queridos — ninguem duvide! Êles fechariam os olhos, abraçariam a esposa, os filhos, os pais, e voltariam de novo para a luta. Porque somos assim, os brasileiros. Desiludidos dos homens, mas cada vêz mais apegados á terra. Á nossa terra.

★

Por isso mesmo, porque somos assim, é que faz mistér lembrar. Lembrar tudo que ocorreu ha tão pouco tempo. E lembrar para que os homens do "após-guerra", não continuem judiando da gente como estão fazendo.

Ou então, a derradeira esperança terá desaparecido da alma brasileira. E nós acabaremos dando razão a Monteiro Lobato, que preferiu assistir a tudo de palanque.

Mas nem todos podemos repetir o seu gesto. E o Brasil precisa subsistir. Sem alimento, matando de fome seus filhos, é que isso não será conseguido.

A Cesar o que é de Cesar

(Continuação da pág. 45)

Ficámos decepcionados. Tanto trabalho perdido. Caminhadas aqui e ali, esperas, concertos perdidos para fazer uma reportagem cuja razão de ser deixava de existir. (As conjecturas eram de fundo nitidamente egoista porque deviamos considerar era a solução do problema e não a inutilidade do nosso esforço, mas o primeiro impulso foi êsse).

E no entanto, tratava-se apenas do parecer de um procurador, realmente favorável ao pianista Arnaldo Estrêla. Mesmo assim, não deixámos de entrevistar Siqueira. Não lhe perguntámos mais nada nem dêle ouvimos qualquer palavras a mais.

O seu entusiasmo, todavia, em criticar o reporter que não lera aquela noticia, era tão evidente e traduzia tão bem a sua atitude em face do caso que não hesitamos em recolher a sua opinião como favorável à decisão do juri do concurso.

E em agradecimento à sua colaboração, vamos oferecer-lhe um cachimbo para completar a sua indumentória de millionário "yankee" em fim de semana.

★

Esta reportagem deveria incluir as apreciações de outros artistas e professores que nos prometeram falar sôbre o assunto, como **Frutuoso Viana e Luiz Heitor. As proporções que tomaram o texto nos obrigam, entretanto,** dentro do limite de tempo e contra a nossa vontade, a concluí-la aqui.

A Igreja Catolica Brasileira

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. A 14)

6) Não admite a Igreja Brasileira a confissão auricular, invenção da Igreja Romana. Deus conhece o que se passa no fundo de nossas almas. O confissionário é um perigo para o padre romano e para a penitente.

7) A Igreja Católica, Apostólica Brasileira não combate as demais e a todas respeita, tomando por base a mais ampla liberdade religiosa. Todos os caminhos que conduzem a Cristo podem ser trilhados.

Deus é espirito, logo não é monopólio de nenhuma religião, pois Cristo disse: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei".

Não são só os cátólicos romanos que tem o privilégio de alcançar o reino de Deus.

A Igreja Católica Brasileira confraterniza-se com todas as religiões para glorificar ao Deus Todo Poderoso, Criador do Universo. Somos todos irmãos em Cristo, sem distinção religiosa ou política.

PERSEGUIÇÕES

A seguir, o Bispo do Rio de Janeiro fala ao reporter das perseguições de que têm sido vitima e os demais sacerdotes da Igreja Brasileira, visto como vários outros já se passaram para o novo cisma.

— Há poucos dias, o bispo Lajes, de Santa Catarina, foi agredido por católicos romanos enfurecidos. Nêsse sentido, enviei um telegrama de protesto ao Presidente da Assembléia Constituinte.

80% DE ADEPTOS DA IGREJA BRASILEIRA

Na região de Cabo Frio, onde a Igreja Brasileira conta com cerca 80% da população, opuzeram-me e ainda o estão fazendo uma série de obstáculos à realização de uma **procissão.**

Faço questão de mencionar um dos processos de que lançaram mão os desesperados. Andaram de porta em porta com uma lista recolhendo assinaturas sob pretexto de tratar-se de manifestação da simpatia à minha humilde pessôa. Pois uma vez recolhidas as assinaturas, desceram a máscara e levaram o documento às autoridades. O cabeçalho era um protesto contra a minha viagem até lá.

PROCURO EVITAR CONFLITOS

Tudo isso me acontece, a mim e aos meus irmãos da Igreja Brasileira. Chamam-me de comunista pretendendo me incompatibilizar com o povo e com as autoridades. E apezar de tudo, eu procuro o mais que posso evitar conflitos. Sigo o meu caminho sem perturbar o de ninguem. E acho que isto é perfeitamente cristão.

Se fosse empreendido um movimento visando o conhecimento dos nossos principios em todo o país, estou certo de que a repercussão seria extraordinária. Mas, poderia ocasionar, igualmente, provocações por parte dos que não tem respeito às crenças alheias. E por isso procuro restringir, um pouco, o crescimento da Igreja Brasileira. Pode parecer paradoxal a minha atividade, em se tratando de um cisma em formação. Mas a verdade é que eu ajo assim.

A intolerância do "Syllabus" é terrivel.

— "Syllabus"?

— É um conjunto de proposições coordenadas e condenadas por Pio IX. Nêle estão encerrados pensamentos que traduzem o mais profundo esforço da inteligência para encontrar a verdade. Pois o Papa os condenou de uma penada.

Entre essas proposições condenadas pela intolerância papal, está a seguinte:

"21 — A Igreja não tem o poder de definir dogmáticamente que a religião da Igreja Catolica é a unica verdadeira religiao".

E êste outro, que vem bem a propósito, depois do que acabo de dizer, com referência a agressões:

"24 — A Igreja não tem o direito de empregar a força; não tem nenhum temporal direto ou indireto".

UM APÊLO PELA UNIÃO NACIONAL

Depois de outras referências ao "Syllabus" que se não fora tão longo transcreveriamos para os nossos leitores, D. Duarte conclui:

— Apelo para a União Nacional entre Católicos, Espiritas, Batistas, Presbiterianos, Metodistas, Maçons, Livres Pensadores, todas as seitas em geral, Comunistas e Democratas, para que todos, observando seus principios e respeitando-se mutuamente, dentro do principio de liberdade do pensamento e religiosa, se confraternizem em elevação de espirito para que desça sôbre os povos, em geral, a melhor benção de Deus, que é a Paz Universal.

Neste mês vai sofrer outra vez?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dôres, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuidas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS 88 — 2.º Sala

Livros NOVOS

Por JOÃO LUSO

ANCHIETA, poesias, introdução, seleção e notas por M. de L. de Paula Martins; GREGORIO DE MATTOS, introdução, seleção e notas por Sigismundo Spina — Editora Assunção Limitada — *São Paulo, 1946.*

A Editora Assunção está lançando ao mercado a "Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira", da qual sairam já dois livros: o primeiro consagrado a Archieta, o segundo a Gregório de Mattos. E novos volumes a Empresa nos anuncia destinados a Antônio Vieira, Gonçalves de Magalhães, Rodrigues de Abreu, Amadeu Amaral e Maciel Monteiro.

Cometimentos desta natureza por si mesmos se recomendam. Exercem uma função em todos os aspectos meritórios. Reavivam a glória de pensadores e poetas mais ou menos distantes da época em que vivemos e os quais merecem estar presentes à nossa admiração. Ensinam os estudiosos a melhor apreender e aproveitar as obras, depois de apresentadas, rápidamente embora mas com suficiente explicação da era, do meio, das outras circunstâncias em que surgiram. E, quando tais empreendimentos são assumam o caráter de revelação, sempre se tornarão úteis, porque, graças a êles e por algum pormenor, alguma linha de novo comentário, as mesmas coisas já sabidas o público ou a maioria dos leitores as ficarão conhecendo melhor.

A introdução aos trabalhos de Archieta não ocupa muitas páginas. Aí vem um apanhado da existência do santo sacerdote votado ao amor divino, ao culto da Virgem, ao bem dos humildes e obscuros — e à poesia. Segue-se um estudo crítico, no qual, entre outras coisas, se faz notar como a obra literária de Archieta vale menos pelo interêsse estético do que pelo científico e histórico. E outra observação assinalada neste prefácio é a que se refere à incerteza de serem da autoria do missionário sublime todas as composições encontradas nos seus cadernos.

O presente volume de noventa e tantas paginas, contém dezenove trabalhos, em português alguns, outros em castelhano, latim ou tupí e à maneira de invocação, louvor ou peça de teatro.

O livro *Gregório de Mattos* é em tudo mais amplo. Vai a cento e cinquenta páginas; e por cerca de um terço, em tipo bem menor que o empregado no prefácio do outro volume, se desenvolve o estudo assinado pelo Sr. Sigismundo Spina. A figura, que se tornou um tanto lendária, do poeta satírico, aparece aqui em seus traços verdadeiros e sua autentica expressão. O prefaciador a recompõe, não apenas com o subsídio tomado de outros autores mas também por meio de pesquizas próprias em documentos capazes de tornar mais exata ou mais clara essa tarefa. Traz, portanto, uma contribuição valiosa, a respeito, não só da obra de Gregório mas também do "panorama da primitiva civilização brasileira" e do "ambiente literário" em que o poeta apareceu para realmente ficar na literatura da lingua portuguêsa.

Além das páginas de sarcasmos ou facécia que tanto se vulgarizaram, encerra o volume os versos religiosos e os versos de amor. Entre êstes últimos está o belo soneto de feição camoneana, com o distico *sentindo o autor o não poder declarar-se com D. Angela, por não perder a amizade da casa:*

Cresce o desejo; falta o sofrimento;
Sofrendo morro; morro desejando:
Por uma, e outra parte estou penando,
Sem poder dar alivio ao meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,
Está-me um gosto grave acovardando;
E tenho por melhor morrer calando,
Que fiar-me de um néscio atrevimento.

Quem pretende alcançar, espera; e cala;
Porque quem temerário se atalança,
Muitas vêzes o amor o desiguala:

Pois se aquêle, que espera, sempre alcança;
Quero ter por melhor, morrer sem fala;
Que falando, perder toda a esperança.

❁ ❁ ❁

POESIAS ESCOLHIDAS, de Adelmar Tavares, da Academia Brasileira de Letras — Livraria Editora Zélio Valverde — *Rio de Janeiro, 1946.*

Não há poeta mais digno de ser, além de admirado, berquisto. Todas as suas obras nos transmitem a essência duma bondade imperturbável, dum amor universal. Não se encontra por estas páginas além um só ímpeto de revolta ou indignação, um só momento de negro desengano ou desarimado pessimismo. O seu pererer enternecimento resiste aos mais crueis espectáculos da vida. O ambiente em que serve, como o seu ideal e os seus versos, só lhe permite observar a beleza. Beleza mais ou menos triste, às vezes, mais ou menos magoada, mas sem perder a bem fadado revestimento de doçura. Tudo para êste rimador enlevado — que, no presente livro, só numa página deixou de rimar — vem da graça divina e da harmonia dos espaços. Naquela peça mesma, a que falta o jogo melodioso das consonâncias finais, subsiste a condão do ritimo, suficiente para a tornar musical. E' na evocação de uma Princeza maravilhosamente bela que entrou no quarto do poeta enfermo. Um trecho repete as palavras aladas e canoras da visitante:

"Vêm ver meu palácio de mármore, longe
Num campo infinito... Rebanhos imolos,
Pastores imolos olhando, esquecidos,
As brancas ovelhas deitadas no chão...
As águas geladas refletem os astros...
As aves pararam, no voo, suspensas...
Só sonhos deslisam quais nuvens no Céu.
Vem vêr meu palácio! — Vem ser meu Pastor!..."

Como o título indica, compõem o livro agora publicado poesias tiradas de volumes anteriores, os quais, pela crítica e pelos amantes das boas letras, foram louvados e em repetidas edições consagrados. Assim estas obras vêem dum conjunto geralmente reconhecido como superior e que sofreu rigorosa selecção. O poeta se tornou o mais exigente dos críticos para separar, apurar as páginas mais prezadas pelo seu espírito, mais amadas do seu coração. Ou foi êste que sobretudo presidiu à escolha. Coração cheio de amor e de piedade, qual ainda quando julgue ou diga que detesta, só realmente deseja perdoar.

Eu que proclamo odiar-te, eu que proclamo
Querer-te mal com furia, e com rancor,
Mal saber tu, como em segrêdo, te amo
O vulto pensativo e sofredor.

Quem vê o fel que em cólera derramo,
No ódio que punge desesperador,
Mal sabe, que se a sós me encontro, chamo
Por teu amor, com o mais profundo amor.

Mal sabe, que se acaso, novamente,
Buscasses o calor do velho ninho
De onde um capricho te fizera ausente,

Eu, esquecendo a tua ingratidão,
Juncaria de rosas o caminho
Em que voltasse para o meu perdão...

❁ ❁ ❁

VERSOS DE OUTRO TEMPO, de J. Melo Macedo. — *São Paulo, 1946.*

Diz-nos uma nota liminar que, ao compor êstes versos ou, pelo menos, boa parte dêles, contava o poeta entre quinze e vinte anos de existência. Não nos revela, porém, a sua idade atual. E assim ficamos sem saber ao certo qual a época a que o título do volume se refere. Que tempo? Ha dez, vinte, cinquenta anos? E outro problema o livro encerra. Se alguns dos poemas são mais ou menos antigos, outros deverão datar dos últimos tempos, da véspera mesma, talvez, de entrarem os originais para o prelo. Como, porém, separá-los? Nenhum deles vem datado. E nem a origem ou causa inspiradora nem os moldes da execução atestam a diferença das eras do calendário ou das estações da vida. Em certas composições se patenteia ou transparece grande amargura, se não total desespero. Assim, quando o rimador afirma, sob a impressão de uma página de Eça de Queiroz, que desejaria ser, além de belo e forte, egoista, agressivo, impiedoso, porque então sintetisaria: "Toda a negra e imortal perversidade humana." Doutra vez, aconselha um poeta adolescente a refugiar-se no seu sonho, afastar-se do mundo, "onde a maldade medra" e acrescenta: "Aqui só vivem nervos de metal — Aqui só pulsam corações de pedra". E ainda em outra página êle afirma a decisão de renunciar aos bens e alegrias da vida: "Porque a renúncia é o derradeiro abrigo — para quem ama na desesperança". Mas, em verdade, tais desenganos e tais desânimos se manifestam tanto nos versos da juventude como nos da idade madura ou da velhice. Continuamos, portanto, na mesma ignorancia acerca dos versos que o Sr. J. Melo Macedo qualifica de "anacrônicos" sem nos dizer até onde... Mas, afinal, a questão não assume grande importância. Em todas estas páginas, sejam antigas ou recentes, reina belo sentimento e se oferece uma forma cuidada. E eis o que importa. Vejamos, por exemplo o soneto *De volta:*

Velha mangueira, árvore austera e antiga,
Que ensombras o quintal da nossa casa
Quero acolher-me á tua sombra amiga,
que a inclemência, do clima, o sol abrasa.

Venho de longe e toma-me a fadiga.
Eu ardo em sêde e tenho os pés em brasa.
Sob essa fronde êste meu corpo abriga,
Como a ave que ao filho estende a asas.

Protege-me a adustão desta soalheira!
Pois, minh'alma é um campo árido e vazio.
Recalcinado pelo Desengano.

Que eu seja como tu, velha mangueira,
Que embora sofras o rigor do estio,
Ainda floresces uma vez por ano...

❁ ❁ ❁

A barbaria de Berlim, opúsculo de C. G. Chesterton, tradução de Gustavo Corção. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro, 1946.

❁ ❁ ❁

Divórcio ou casamento indissolúvel? opúsculo de Paulo Sá. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro. 1946.

❁ ❁ ❁

Ocidente, revista portuguesa, mensal, vol. XXVII, n. 89, em cujo texto se encontram trabalhos de Fernanda de Castro, Mário Beirão, Luiz Silveira, Mario de Sampaio Ribeiro, Vieira de Almeida e outros escritores. Lisboa, 1946.

❁ ❁ ❁

Boletim da Cidade e do Porto do Recife, ns. 7 e 8, relativos aos meses de Janeiro a Junho de 1946, em curiosa edição mimiografada e contendo, além de trabalhos de Mário Sette, João Peretti, Ascenso Ferreira, Airton da Costa Carvalho, Leduar de Assis Rocha e outros escritores, longa secção de "Noticias breves" e profusos documentos de estatistica. Publicação da Directoria de Documentação da Prefeitura Municipal do Recife. 1946.

❁ ❁ ❁

A' margem da questão social, opúsculo de Ramos de Oliveira. 1946.

❁ ❁ ❁

O SIMBOLO DOS APÓSTOLOS parafraseado em sonetos pelo P. Dr. Francisco Alves Corrêa, 2.ª edição. 1946.

PRÉSENTATION D'EMILE HENRIOT, discurso de Osório Dutra. Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores. 1946.

❁ ❁ ❁

O PODER JUDICIARIO NO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO DE 1946. — Fernando Nobrega. — Imprensa Nacional. — Rio. — 1946.

Recebemos um exemplar do discurso que o Sr. Fernando Nobrega, Deputado Federal, pronunciou perante a Assembléia Nacional Constituinte a proposito da organização do Poder Judiciario na futura Constituição do Brasil.

Deliciosa e Encantadora LAVENDER!

Fresca como o beijo da brisa em sua face... alegre como um galope para o azul do horizonte... jamais houve um perfume tão encantador como a Lavender de Yardley. E o brilho dos olhos dêle testemunha a certeza de que a sua escolha de perfume é tão perfeita como tudo em você.

Yardley
de Londres

YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 ★ Rio de Janeiro

TRABALHOS MANUAIS

Jogo para tocador

Material Necessario: —
Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".
4 meadas F590 (Beija Escuro).
1 meada de cada F405 (Verde Gobelin Muito Claro) F441 (Laranja Palido) F466 (Rosa Medio) F503 (Rosa Salmon) F574 (Verde Louro).
(Usar três fios de linha)
35 x 90 cm. de Linho de côr Natural.
1 agulha Milward "Crewel" n.º 6.

★

Riscar as toalhas conforme modelo fotográfico e seguir diagrama e chave para colocação de cores e pontos.

Todas as partes indicadas iguaes ás partes numeradas são trabalhadas na mesma côr e ponto.

As letras na chave representam os pontos usados e são como segue —

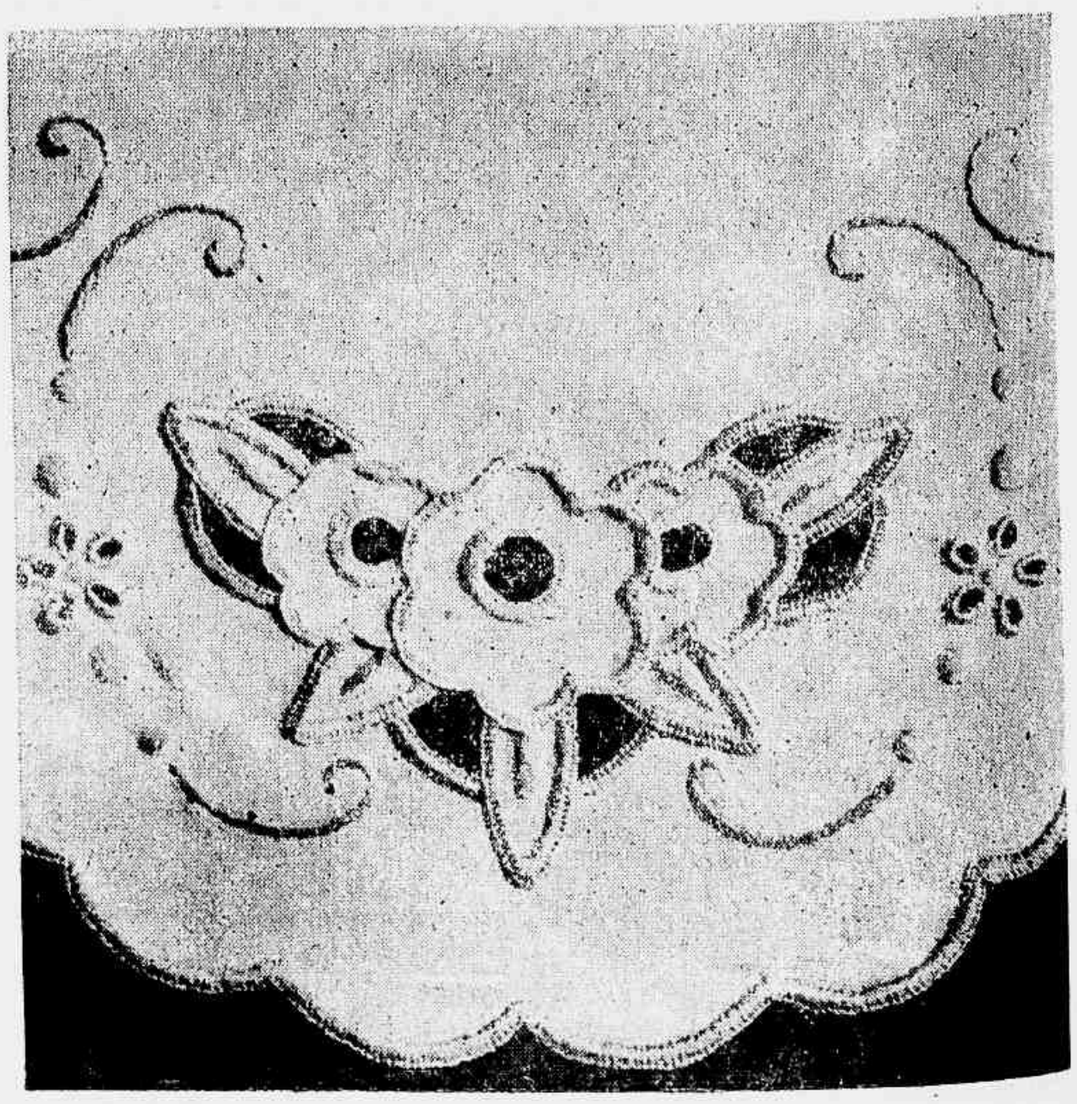
B — Ponto de Casear. S — Ponto Cheio. U — Ponto de Haste. A — Bordado Inglês "ilhó". (Contornar o risco com ponto de alinhavo bem pequeno, furar o tecido e cobrir o alinhavo com ponto cordonet).

Fazer a laçada do ponto de casear bem junta ás partes do linho a serem recortadas, partes essas marcadas com X no desenho.

Uma vez terminado o bordado, passar bem pelo avesso e recortar as partes marcadas com X, e em volta dos bicos.

Este trabalho também pode ser feito com

Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" n.º 8 (nov. de 10 gramas) usando um novelo de cada uma das cores acima mencionadas.



Para ajudar aos jovens das grandes cidades

De HELEN FITZGERALD

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA
Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLINICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES
Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edi. Gées — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

A juventude, no início de uma carreira, tem de enfrentar numerosos problemas. Isto se aplica especialmente aos rapazes e moças de recursos limitados que, para se aperfeiçoarem na sua profissão, são obrigados a tomar residencia fora de seus lares. Muitos jovens inteligentes, ás vezes com excelentes qualidades para fazer carreira no comercio ou na industria, tem sido obrigados a abandonar a ocupação de sua preferencia, em virtude de não poderem pagar casa e comida e se vestir com os parcos salarios iniciais.

A importancia vital deste problema está começando agora a ser bem compreendida — embora na Inglaterra exista um movimento que desde ha longo tempo vem se preocupando com essa questão. Trata-se do Hyelm, ou, por extenso, "Hostels for Youthful Employees of Limi ted Means.

O movimento se iniciou em 1926 e nasceu de um encontrou casual entre um industrial e um membro da Associação Cristã de Moços. O industrial se queixava de que muitos de seus jovens empregados moravam muito distante e não podiam viver em Londres com seus pequenos salarios de aprendizes. Arthur West, o membro da Associação Cristã de Moços, imediatamente decidiu que se devia fazer alguma cousa a respeito e a Hyelm foi fundada. Dentro em breve estava acomodando 400 jovens em seis casas grandes, que tinham sido convertidas em confortaveis clubes residenciais.

Hyelm está longe de ser uma hospedaria ordinaria para jovens. O seu objetivo é amplo e aceita jovens de bom carater de 14 a 19 anos, que pagam, de acordo com as circunstancias 25 a 50% do que pagariam normalmente numa pensão. Os jovens devem aumentar os seus pagamentos na medida em que melhoram de situação financeira, afim de que a direção do estabelecimento possa extender os beneficios aos outros elementos mais jovens.

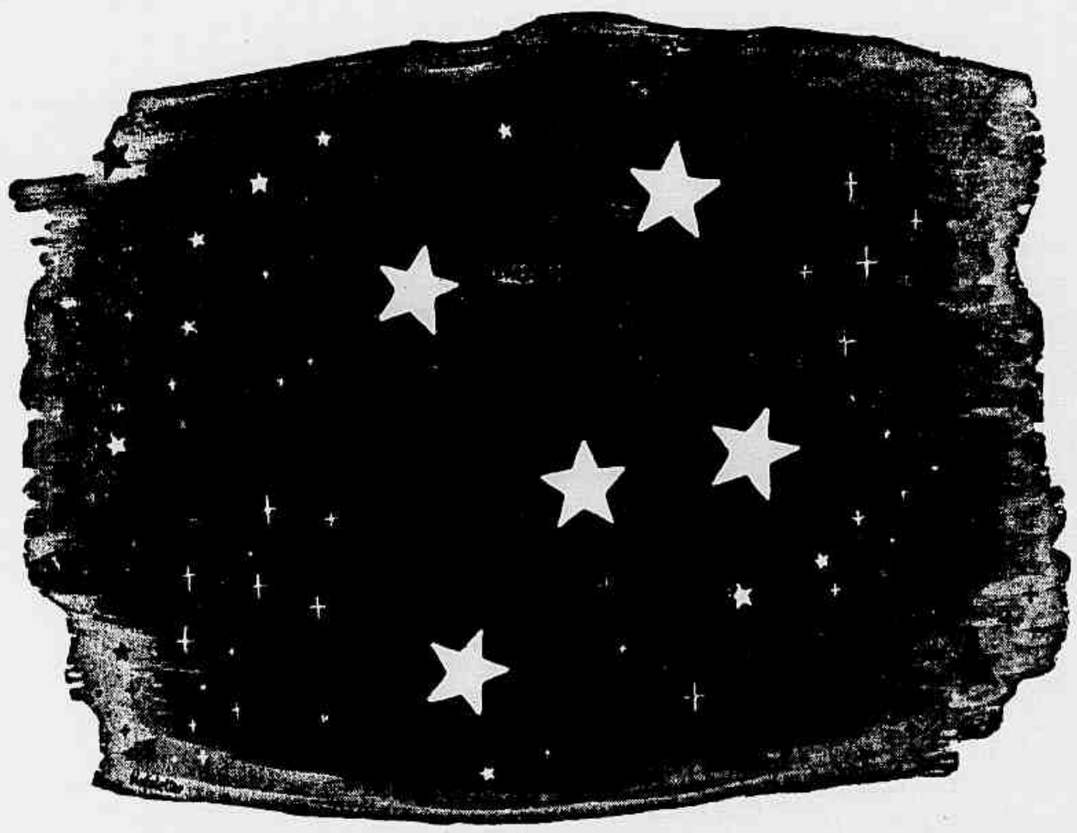
Domina o clube uma atmosfera amistosa e a vida social afasta toda ideia de isolamento. As sociedades Dramatica e de Debates proporcionam uma oportunidade para o desenvolvimento intelectual dos jovens, e os varios clubes esportivos facilitam o seu desenvolvimento físico. Não será exagero dizer que a cooperação é a alma dêsse movimento, sem a qual seria impossivel manter os serviços e as instalações existentes.

Com o objetivo de treinar os jovens pensionistas no auto-governo, a administração interna dos clubes é supervisionada pelo gabinete do Parlamento Hyelm, nomeado pelos residentes sob a direção do Fundador, Dr. Arthur West. O controle democratico é dessa forma essencial á politica do Hyelm. O processo é inteiramente semelhante aos verdadeiros parlamentos; o primeiro ministro, o presidente da Camara e os ministros do gabinete são eleitos, dêsde 1938, não se fez nenhum regulamento que não fôsse previadamente pela "Camara". A instituição não pode se manter apenas com as contribuições dos internos, de modo que tem de contar ainda com os donativos de particulares.

Os três Rembrandts

(Continuação da página 15)

iguais. Escondeu dois, poz o outro no armário e começou a falar, aos amigos intimos, da riqueza que possuía... Ás vezes, de longe em longe, mostrava-o a medo, quase furtivamente aos amigos, dizendo sempre que não era para vender. Êsses amigos iam comunicando o caso a outros, sem com essa declaração. E assim ia se formando a lenda de um Rembrandt que poucos conheciam, mas que existia em poder de Wahl. Por fim, muito tempo depois, êle anunciou que ia vendê-lo, para um fim plausivel e determinado, — o de dar um dote á filha. Mas, como no leilão, com certeza, podia alguém, lançar qualquér dúvida sôbre a autenticidade do quadro, lançou êle na circulação as duas outras réplicas... E sabe por que? Para desviar a atenção do público. Já não se tratava, então, de saber se um determinado quadro era ou não verdadeiro, mas de se descenir, entre três telas, qual era a verdadera... Os técnicos, como a polícia e toda gente mais, cairam nessa armadilha... Uns escolheram o número 1, outros o n.º 2 e alguns, tambem, o número 3, que afinal de contas teve igualmente os seus "fans", embora em número menor...



GEROA

A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

LUZ eterna a brilhar sôbre a cabeça preocupada dos homens, o Cruzeiro do Sul ilumina nas nossas noites tropicais a Nação Brasileira e ficou como um símbolo da Fé que o Brasil adota.

Trazendo no seu selo essas estrêlas em cruz, a CIA. PREVIDÊNCIA DO SUL quer significar que a Fé no futuro salva os homens.

E, quando essa fé se concretiza em previdência, o homem realiza com o SEGURO DE VIDA um dos atos mais sábios de sua existência.

Pode acontecer antes da morte, a miséria, a doença, a invalidez, a falta de energia para lutar e trabalhar. É aí que a previdência do segurado vai colher os melhores frutos, se realizou um seguro de Vida DOTAL. Recebendo em vida, após determinado prazo, a importância do seguro, com ou sem lucros, o segurado pode armar-se contra as dificuldades da velhice ou passar a gozar sem preocupações o resto de uma vida que foi de esforços e de canseiras.

Há um plano de seguros na PREVIDÊNCIA DO SUL que atende ao seu caso pessoal.

SEGUROS DE VIDA — PREVISUL — A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

CIA. DE SEGUROS DE VIDA
PREVIDÊNCIA DO SUL
— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO
Candelaria 9, 9

SÃO PAULO
J. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov.º 800, 2.º

RECIFE
10 de Nov.º 50

Os seus criados elétricos trabalham muito por muito pouco

Esqueça as preocupações dos serviços pesados e faça do seu lar um paraiso de confôrto, beleza e distinção. Os aparelhos domésticos General Electric fazem o serviço com perfeição e economia. Basta ligá-los a uma tomada e êles cuidarão silenciosa e eficientemente de todo o trabalho de uma casa.

Procure a G. E. ou um dos seus revendedores autorizados.

GENERAL ELECTRIC

DOIS MODELOS PARA SENHORA

Chapéu de feltro preto. Em volta da copa, fita de "gros-grain" preta com aplicações de metal. O véu, preto também, é apanhado de um lado e arrematado com laço de "gros-grain" preto. Usa-o Barbara Brown, da Warner Bros. Chapéu de jersey preto, meio franzido para a aba. Copa formada por grupos de violetas e uma rosa de tafetá cor de rosa. Véu preto, sómente na parte de trás. Usa-o também Barbara Brown, da Warner Bros.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste crême, observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante."

Experimente o

MENAGOL
REGULAI

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas funções. Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistêma nervoso se desiquilibra, sérios transtornos se manifestam, criando situações embaraçosas e desagradáveis. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as Pilulas Maratú para que o organismo recupere seu vigor costumeiro, restituindo-lhe todos os predicados de um homem perfeito.

PILULAS MARATÚ

RADIO

(Continuação da pág. 21)

cujo funcionamento ha de por força fazer-se em consequencia das suas receitas comerciais, já é bastante.

Muita gente que outrora não perdia tempo em ouvir rádio, começa a sentir certo prazer nêsse entretenimento, ficando em casa, ouvindo bons programas — que os há, embora ainda poucos — em lugar de assistir obrigatoriamente a sua fitinha de cinema, quando sabe de antemão que as espera lá fóra um perfumado "abacaxi" por seis cruzeiros e quarenta centavos.

O rádio começa a inspirar confiança. Eis o que mais lhe vinha faltando: confiança. As novelas ainda são o "forte" de muitas programações, porém começa a fazer sentir-se, nêsse particular, um pronunciado desinteresse do grande público. E sem grande público, não haverá grandes patrocinadores: sem êstes, é logico, as novelas serão suprimidas ou reduzidas aos seus justos termos.

E quanto aos humoristas, vingarão os que dispensam aspas. Dia virá em que o rádio ha de convencer-se dos bons proveitos advindos de contratar humoristas verdadeiros, tipo Aporely. Custa, mas chegará êsse dia, como tudo nêste mundo... — C.

CONSELHOS

Modifique a tonalidade do "make-up" que vae usar na primavéra. Uma tonalidade mais clara combinará melhor com as suas novas "toillettes".

★

O branco, amarelo-canario, azul claro, estampados floridos e os tafetás escocezes de côres vivas, predominarão nesta temporada.

★

Aproveite as suas saias escuras, usando-as com blusas de organza enfeitadas com bordados e rendas.

★

Modifique também o seu penteado. Procure com o seu cabeleireiro encontrar um penteado mais leve e vaporoso que assente bem na sua fisionomia.

★

Também o seu lar deverá sofrer a influencia dêsses meses que já se aproximam. Alguns retoques nas cortinas, no forro das poltronas e nos objetos que o guarnecem, darão ao mesmo o aspecto feliz que a estação requer.

★

E não esqueça as flores! Use-as em abundancia... Na sua casa, nos seus vestidos. . Nos seus cabelos...

Uma partida de bridge

(Continuação da página 23)

— Agora saberei se estou realmente cego, berrou Brinder.

Um trovão reboou na sala, ao mesmo tempo que um clarão iluminava a sala. Ouviu-se um gemido e o barulho de um corpo caindo no chão.

— É você, Fred?

— Não... acho que êle acertou Rudge.

Uma voz imperceptível fez-se ouvir:

— Sim... no peito...

Curvaram-se sôbre o ferido, mas a escuridão tornava inuteis seus esforços. De repente, ouviram um riso que os fez estremer.

Era Harry. Que lhe importavam êstes gemidos. Êle tinha visto o clarão do tiro: Não estava cego. Nada mais importava! Uma sensação de segurança substituía sua angustia atroz. Repetia aparvalhado:

— Eu enxergo... Eu enxergo...

Agóra muitos usam
DENTADURA POSTIÇA
com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiça se desprenda ou cáia da bôca. FIXODENT conserva as dentaduras postiças mais firmes e torna-as mais cômodas na bôca. Êste pó de sabor agradável não deixa na bôca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É *alcalino* (não ácido).

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.o - Rio

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
À VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

A PAZ... CIENCIA

Chamado á fála um holandez, do grúpo que pagou o mal que não fez, declarou esperar, como todos nós, a construção do templo da paz, a inaugurar-se em dia indeterminado das calêndas, para exclusivo uso de visitas passageiras, de turismo, semana inglesa ou veraneio.

Depois de muitas evasivas, um belga lançou-nos êste trecho, crivado de psicología amarga:

"Se Christo Viésse participar de conferencias dêsse feitío, teria a entrada proíbida pelo porteiro, porque somente poderá estar presente quem represente um exército..."

O francês que entrevistamos manifestou-se algo simbolista. Não sabe, certo, o que é a paz, mas imagina. Deve ser, diz êle, uma figúra simpática, insinuante, mas um tanto (ou muito) ingenua. Procúra lançar, na terra sáfara, a sementeira das bôas intenções. A escassês de adúbo adequádo faz bretar somente baionêtas e explosivos atômicos, cujos frutos sempre são amárgos e desastrósos...

A opinião abalisada de velho amigo norte-americano, alheio ao "jaz e ao chimí" e outros deveres locáes, revéla como é conciso êsse povo dinamico e conciso ainda por cima. Meditou alguns momentos e, depois, lançou-nos esta curta, e expressiva fráse:

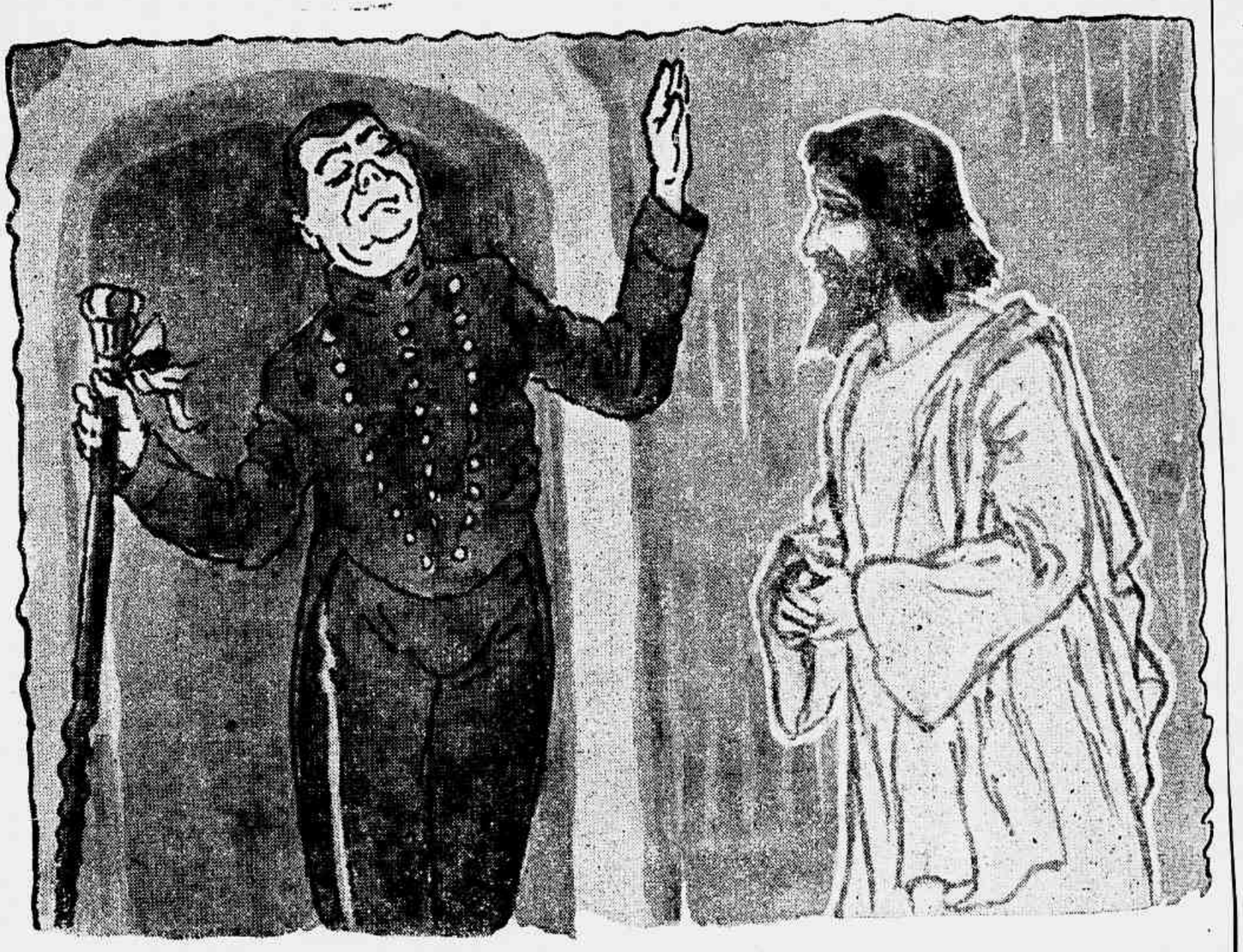
— "A paz é a rainha do deserto".

Para evitar delongas e poupar espaço vital, aconselhou-nos o englobar o resto da entrevista, formando um côro geral dos demais povos terrenos. Assim fizemos. Os interrogados, uma vez unanime, resumiram a sua opinião coletiva:

— A vida continúa e também o mundo, em paz.. se fica são.

Nada mais disseram, nem lhes foi perguntado.

RAUL



A conferencia de Paris, promissóra e esperançósa, atiçou-nos uma reportágem, a respeito da encantada figura da Paz. Por força do hábito, procuramos colher e escolher os parecêres mais bem parecidos, entre gente simples e insuspeita de varios países.

A primeira pessôa entrevistada foi a de um italiano, entendido em anfigurís. Limitou-se a dizer que a Paz não passára de uma garráía comum.

Ficariamos "na mesma", mas o bom homem explicou: êsse recipiente, no idioma da península, tem o nome de "fiásco..."

A seguir, abordamos um grego, dos que ficaram mais "gregos" na fáse da invasão. Considera êle, a figura mitológica tal como um "interválo dos sururús", volta e meia, escangálham o mundo, em prestações imprestáveis.

todos os lados, desde o lustre do teto até o tapete do chão como à procura de alguma cousa que sabia, de antemão, não encontrar. A caixinha tocava "La Paloma" e a música era assim mesmo: branca, branca como a imagem de uma pomba, uma branca e pura pomba. Mas, — agora o sabia — nem tôdas as pombas voltavam aos pombais como dizia aquela poesia. Algumas iam e ficavam. E não se podia alcança-las, nunca mais, nunca em vida...

O marido havia dito que ali havia muita lembrança de morte. Era mentira. Havia, sim, muita lembrança de vida. As frases que já haviam sido pronunciadas um dia, voltavam. As gargalhadas que já haviam sido joviais, ecoavam de novo e até parecia que havia novamente gerânios nas janelas e flôres no vaso de Sta. Terezinha. Até parecia que o relógio estava andando...

Sim, ali havia muita lembrança de vida. Pena é que essa vida já não existisse e que o quarto estivesse tão abandonado ..

O portão da rua rangeu. Com certeza era o marido que chegava.

Angélica moveu bruscamente a cabeça para sair do torpor em que achava. Depois olhou o espêlho. Felizmente a música estava no fim e os olhos, enxutos.

Pegou a vassoura e começou a passá-la lentamente pelo chão, num pretexto de fazer alguma cousa.

Ouviu os passos pelo corredor e ficou esperando, com uma sensação inexplicável de culpa.

O marido chegou até o quarto, parou na porta e olhou-a com expressão indefinida. Depois correu o olhar em tôdas as direções e viu a caixinha com a tampa aberta. Se teve vontade de ouvir novamente aquela música, outrora conhecia, nada disse. Continuou a olhar tudo com expressão estranha, sem deter-se em parte alguma.

Angélica desejou quebrar aquêle silêncio sufocante e falou, com um sorriso falso:

— Sabe? Eu achei melhor vir aqui dar uma limpesa. Estava tudo — cheirando a môfo... A caixinha, porém, está funcionando perfeitamente. Fabricação suiça, não é? Boa, muito boa...

O marido não respondeu. Permanecia imóvel, mudo, no mesmo lugar e com a mesma expressão.

As palavras se tornavam mais embaraçosas e cada vez mais falsas:

— Eu resolvi dar uma arrumação. Para quê deixar êste quarto assim abandonado e todo cheio de poeira e de môfo?...

Fêz uma longa pausa. Depois o olhar fixou-se em um ponto indeterminado e a voz, cansada, continuou num tom sem brilho:

— E' verdade que estava tudo muito bem conservado, muito em ordem...

Então êle olhou para a mulher e voltou-se para fixar o quarto, como se realmente o estivesse vendo pela primeira vez.

Nem as cortinas se moviam naquêle dia de sol, sem vento. Tôdas as cousas estavam paradas, assim como os dois, um em frente ao outro.

Êle falou, com voz também cansada e o mesmo tom sem brilho da mulher:

— É... está tudo muito bem arrumado...

E repetiu lentamente, acentuando tôdas as palavras com esfôrço doloroso:

— Muito bem arrumado...

Um romance diferente e muito emocionante. E' a história de um amor sublime, vivido na inesquecível Russia imperial. São 320 páginas, apresentação ótima, capa em 5 côres. Vendas **exclusivamente** por Reembolso postal. Pedidos á Cx. Postal 91, Petropólis (Rio). Preço Cr$ 35.00.

Ausência

(Continuação da pág. 3)

em tantos lugares? E por quê essa necessidade irresistível de vê-las tôdas?...

Revistou a última prateleira e então viu a caixinha de música. Ela estava meio escondida atrás de uns livros e só aparecia uma pequena parte da madeira branca.

Angélica hesitou.

Não! Tocar a caixinha seria demais! Mas... era uma desêjo tão grande, tão grande.. Desêjo quase mórbido...

A dor batia lentamente, profundamente, ia e voltava e batia, batia como o relógio da sala de jantar. Porque o relógio do quarto, êsse estava parado há muito tempo. Relógio despertador que não despertava mais ninguém...

Angélica deu corda na caixinha mas não fechou os olhos. Correu o olhar por

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo

Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se êste suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e êstes fermentam nos intestinos. Então sobrevem a sensação de fartura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pílulas Carter para o Fígado, para fazer com que êsse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pílulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr$ 3,50.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
AMACIENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE ALEXANDRE

PÍLULAS DE BRISTOL
Vegetais e açucaradas
Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.

SEXO FRAGIL... POIS SIM!

Aí está uma pequena demonstração de quanto é forte o sexo fraco! Fragilidade? Pois sim! Isso é muito bonito em romancesinhos assucarados. Na vida real o caso deve ser diferente, mesmo porque os homens... ah! os homens! (aqui entre nós, são uns amores, não acha?).

Bem... mas os homens ás vezes se tornam um tanto atrevidos... (ai de nós si assim não fôsse...) bem... o fato é que a mulher deve aprender a se defender dos "lobos" e o resultado aí está: um bonito tombo que leva um cavalheiro audacioso!

A "coisa" se passou entre Shirley Temple e Mr. Franchot Tone. Mr. Tone se fêz de "bêsta" como diria qualquer cariocquinha da gêma, e Shirley não hesitou: um... dois... três... quatro... e "bumba"!... quem foi que disse que eu sou conquistador?

KITTY

(Fotos da RKO Rádio)

Sala de jantar D. João V

Esta sala de jantar D. João V, merece ser aproveitada em um grande palacete, onde todas as peças obedeçam á uniformidade de estilo que são as suas caracteristicas próprias. Trabalhada em jacarandá massiço, é composta de: mesa, cadeiras estofadas a couro, e um amplo "buffet", em cujo espelho se vê refletido um maravilhoso lustre que produz um ótimo efeito ornamental.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CIGARROS

COLUMBIA

CIA. DE CIGARROS Souza Cruz